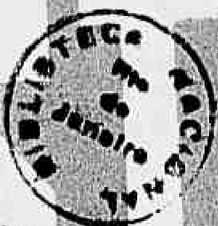
REVISTA DA SEMANA

N. 24 12-6-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil







O RIO SUBIU DE PREÇO



Um "connoisseur"...

...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H.88.245

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 24 ★ 12-6-54

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

A Rainha Elizabeth dá a volta ao mundo 4/9
Jornalista, criminoso comum 12/16
O Rio subiu de preço 20/24
Sorrente 28/29
Um milhão de graus à sombra 30/31
O amor faz Suzan caminhar 36/37
Zamora prediz o vencedor da Copa do Mundo 40/41
Eduardo Souza Campos 44/45
Zuleika será rainha por cem anos 46/47
Partiu confiante a seleção do Brasil 48/49
Congresso de Municípios 51/53
Gado humano nas prisões do Rio 54/57

● HUMORISMO

O riso dos outros 38/39
Cuco 59

● SEÇÕES

Por êsse mundo de Deus 10/11
Rádio-opinião 17
Semana astrológica 18
Página dezenove 19
Cinema 25
Femininas 35
Palavras cruzadas 42
Semana literária 43
Champanhota 49
Flash paulista 58
Último flash 58

● CAPA:
June Allyson
(Foto Press Cinema)

● Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
● Assistentes .. HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
● Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
● Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR
S. L. GUIMARAES, A. MENDES,
S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
● Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor .... GRATULIANO BRITO

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570
— Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647
— Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

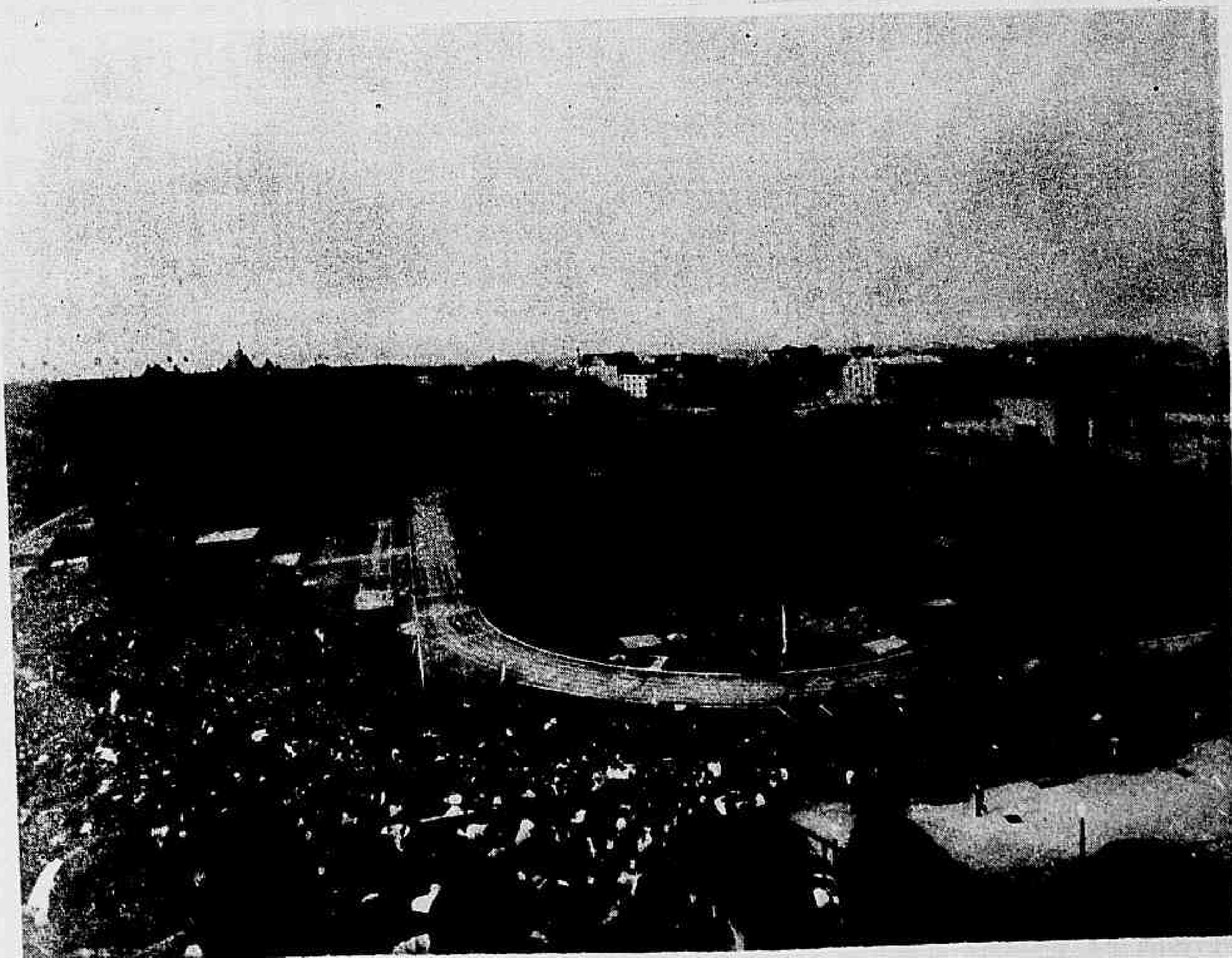
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Este número tem 60 páginas.



OS HÚNGAROS LEVAM TUDO DE ROLDÃO

APÓS A "COPA" DO MUNDO", A SELEÇÃO MAGIAR VISITARÁ O BRASIL

● A última e fulminante vitória dos húngaros sôbre a seleção inglêsa (7 x 1) credenciou ainda mais o quadro magiar como o franco favorito (pelo menos para os europeus) da «Copa do Mundo». Dizem as coisas mais espantosas do jôgo dêles: agilidade incrível, inteligência, coordenação, brilho quase latino. A respeito do goleiro, Grugyus, dizem que é uma verdadeira parede; e afirma-se de Puskas, meia-esquerda e «captain» do quadro, que é um verdadeiro raio em campo. Há dias atrás, em visita à seleção brasileira, na Suíça, os húngaros se mostraram curiosos de saber detalhes a respeito da técnica dos jogadores do Brasil e fizeram uma série de indagações a propósito do «esquema» do treinador Zezé Moreira. No final da visita, o técnico Mandi, treinador da seleção magiar, anunciou: «É nossa intenção visitar o Brasil após a «Copa do Mundo», para algumas partidas amistosas no Rio e em São Paulo». Nos flagrantes acima (da Keystone) uma visão do estádio de Budapest, superlotado, quando da peleja Hungria x Inglaterra; e um flagrante do time húngaro entrando em campo para a disputa da partida na qual os britânicos acabaram vencidos pelo impressionante escore de 7 x 1.



DE LONDRES A LONDRES: 174 DIAS E 40.000 MILHAS



LONDRES — A dupla real partiu no dia 23 de novembro, numa tarde fria e cinzenta.

ELIZABETH USOU 39 VESTIDOS (NOVOS) NA SUA VOLTA AO MUNDO

COMPLETANDO «A MAIOR TOURNÉ JÁ REALIZADA POR UM MONARCA BRITÂNICO», A JOVEM RAINHA MOSTROU AO MUNDO QUE, NO SEU IMPÉRIO, O SOL AINDA NÃO SE PÕE.

Fotos KEYSTONE e U. P.

«AGORA A COMUNIDADE está mais coesa e mais viva», foi a declaração de Winston Churchill logo após a Rainha Elizabeth ter vencido a última etapa (Malta-Londres) da sua longa viagem em tôrno do mundo. Durante 174 dias, Elizabeth, o duque de Edimburgo e sua brilhante comitiva, visitaram demorada e atentamente tôdas as regiões do «Commenwealth», desde as mais escondidas e primitivas (como Tonga), às mais progressistas e civilizadas, como a Austrália e a Nova Zelândia. Entre os dias 23 de novembro do ano passado — que foi a data da partida de Londres de Elizabeth — e 15 de maio último, dia em que a comitiva chegou, de volta, a Londres — a comitiva real viajara mais de 40 mil milhas e vencera perto de trezentas etapas. Sòmente na Austrália, Elizabeth demorou-se quarenta e seis dias e percorreu (de navio e avião, num total de 14 viagens marítimas e 36 vôos) um itinerário de 14.450 milhas, ou seja: 2.500 milhas de automóvel, 800 milhas de trem, 1.150 milhas por mar, em tôrno da costa da imensa ilhas do Pacífico aos mais refinados «gentlemen» de Sydney, Hobbarth

Através a sua longa viagem, a jovem rainha britânica teve oportunidade de entrar em contato e conhecer de perto os mais variados povos do seu império — desde os semi-civilizados nativos das minúsculas ilhas do Pacífico aos mais refinados «gentremen» de Sydney, Hobbarth e Melbourne; desde os selvagens e negros guerreiros do mistrioso «hinterland» australiano, às selecionadas tropas de Tobruck, Gibrâltar e Malta, municiadas com os mais modernos engenhos de guerra.

39 VESTIDOS E 22 DISCURSOS

Durante a sua viagem de quase seis meses, Elizabeth usou 39 vestidos; inaugurou a abertura de cinco Parlamentos; armou cavalheiro a nove súditos inglêses; compareceu a 43 bailes de gala e pronunciou 22 discursos. Foi em Auckland, capital da Nova Zelândia, que se deu o fato até então inédito na história do império britânico: de lá, na noite de 25 de dezembro, Elizabeth dirigiu aos seus súditos do mundo inteiro a tradicional fala da Natividade dos reis inglêses. Era a primeira vez que um monarca britânico passava o natal fora da metrópole.

O «Gothic», o poderoso navio de guerra que transportou Elizabeth e o duque de Edimburgo na primeira e noutras etapas da sua viagem, fôra inteiramente modificado e ampliado para servir, durante algum tempo, de sede à côrte britânica. Construíram-se assim, no barco, uma Sala de Despachos e uma Sala de Recepções e Sala do Trono. Numa outra sala, levantou-se um enorme mapa sôbre o qual uma linha luminosa ia sendo elètricamente traçada à proporção que o navio ia singrande a sua rota.

Na reportagem gráfica que se segue selecionamos uma série de flagrantes da viagem de Elizabeth, desde a sua partida de Londres, em novembro último, ao seu retôrno, no dia 15, flagrantes que resumem aquilo que foi «a maior «tournée» já realizada em qualquer tempo por qualquer monarca britânico».

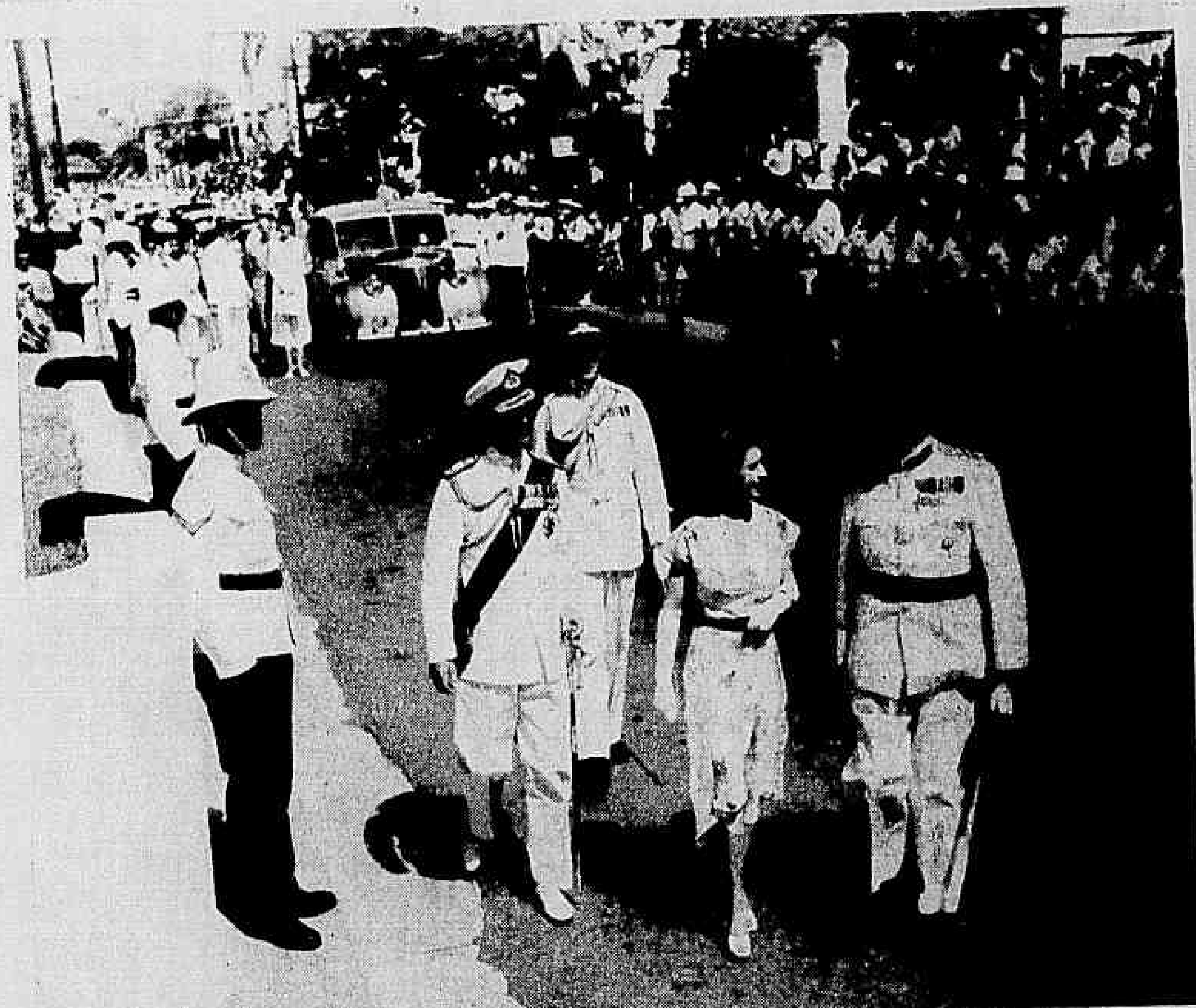




TRAVESSIA DO EQUADOR

Elizabeth, a bordo do Gothic, se transforma em cineasta amadora; e o duque bota fantasia para receber o rei Netuno.





BERMUDAS

No dia 24 de novembro Elizabeth chega a Bermudas. À noite um baile feérico, sôbre imensos tablados.



JAMAICA

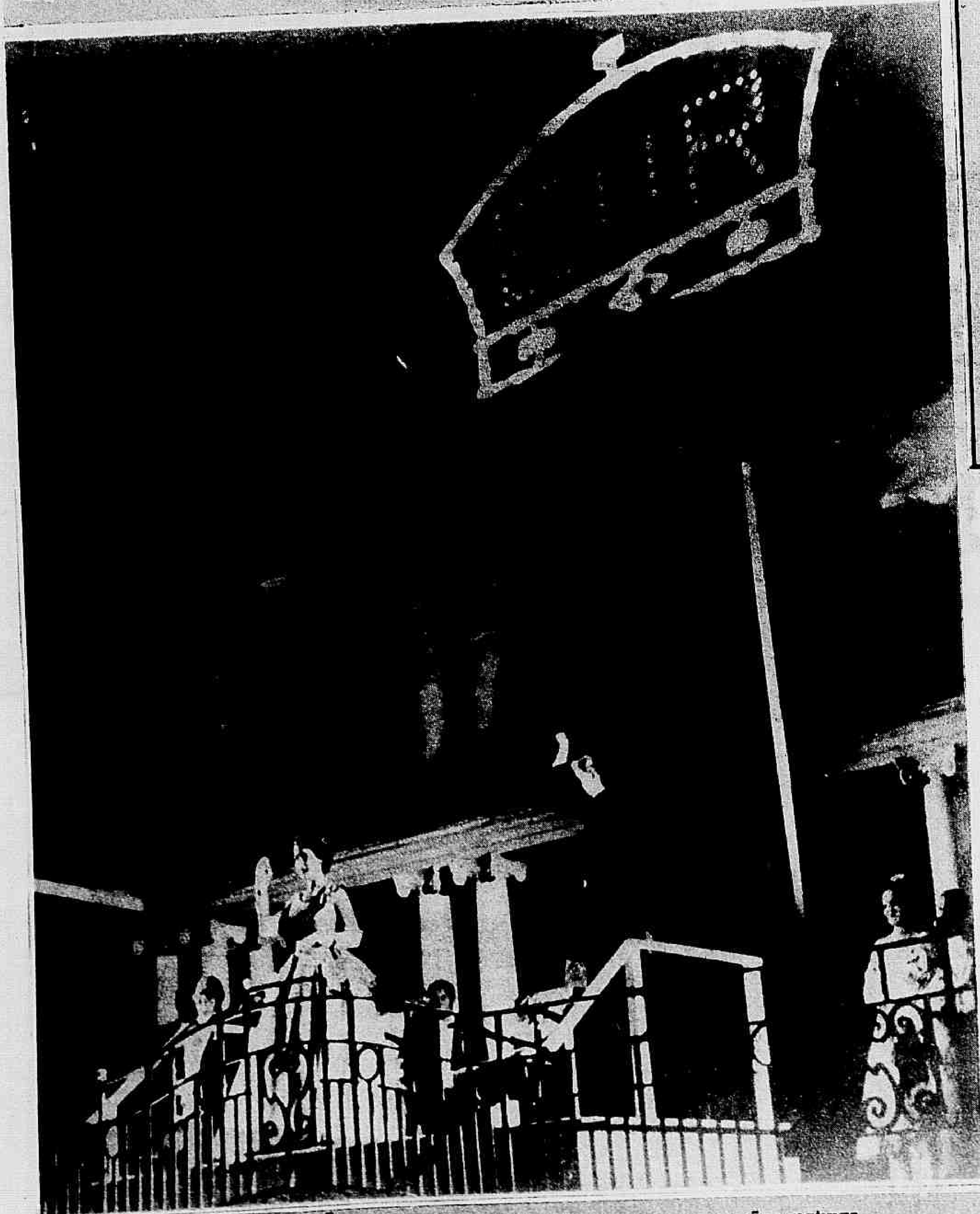
Na chegada a Kingstown, na Jamaica, Elizabeth vestiu o seu terceiro vestido novo, um modêlo de Schiaparelli.

Elizabeth...



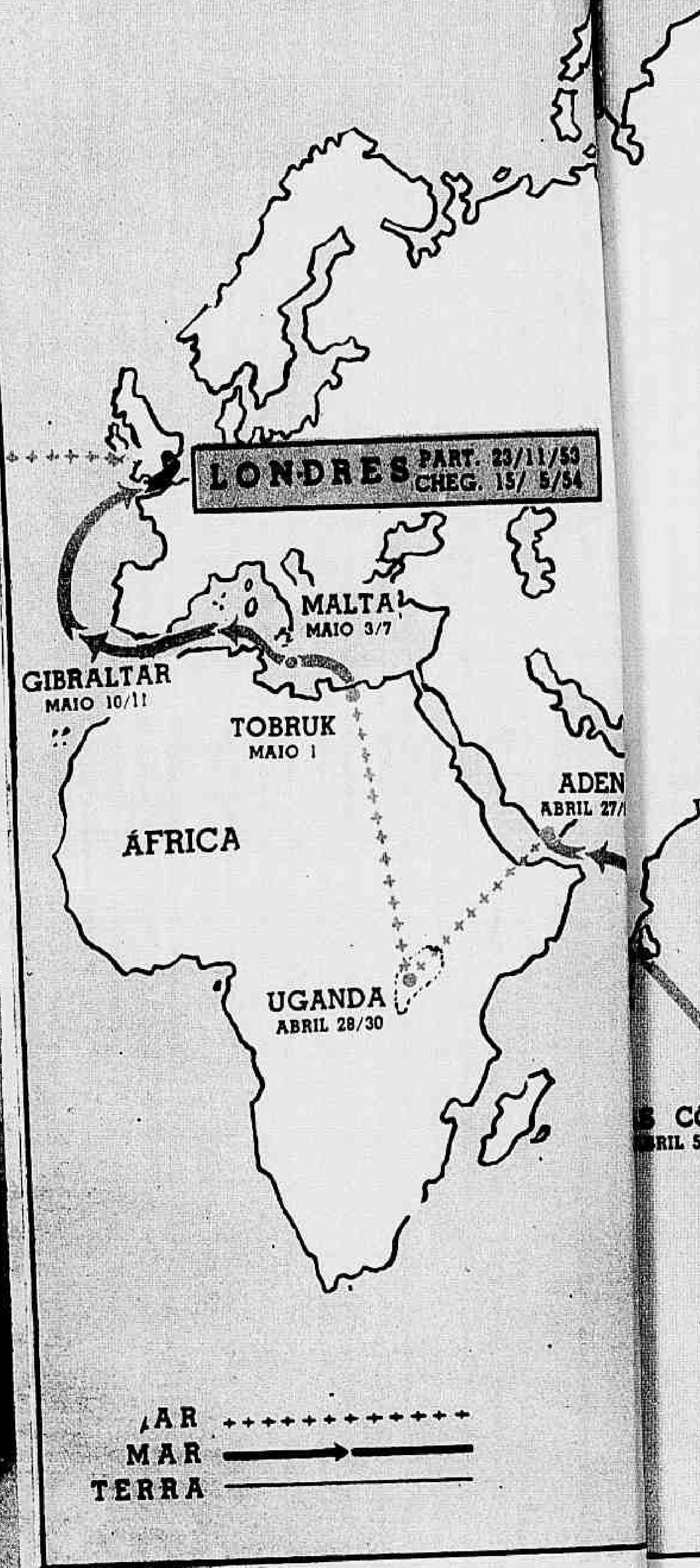
TONGA

A gorda e morena rainha Salete, soberana da pequena ilha, recebeu Elizabeth com um almôço típico. Dois mil porcos participaram do cardápio.



SUVA

Enquanto, dentro da noite, ecoavam as canções nativas, Elizabeth, em grande gala, saudava, no palanque improvisado, os súditos que a viam pela primeira vez.





FIJI

No dia 17 de
tas de Fiji
esperam a

DURANTE PERTO DE SEIS MESES Elizabeth II, numa «tournée» como jamais fôra realizada por qualquer soberano inglês, visitou todos os seus povos num itinerário que cobriu 40.000 milhas. O mapa mostra a rota da longa viagem real.

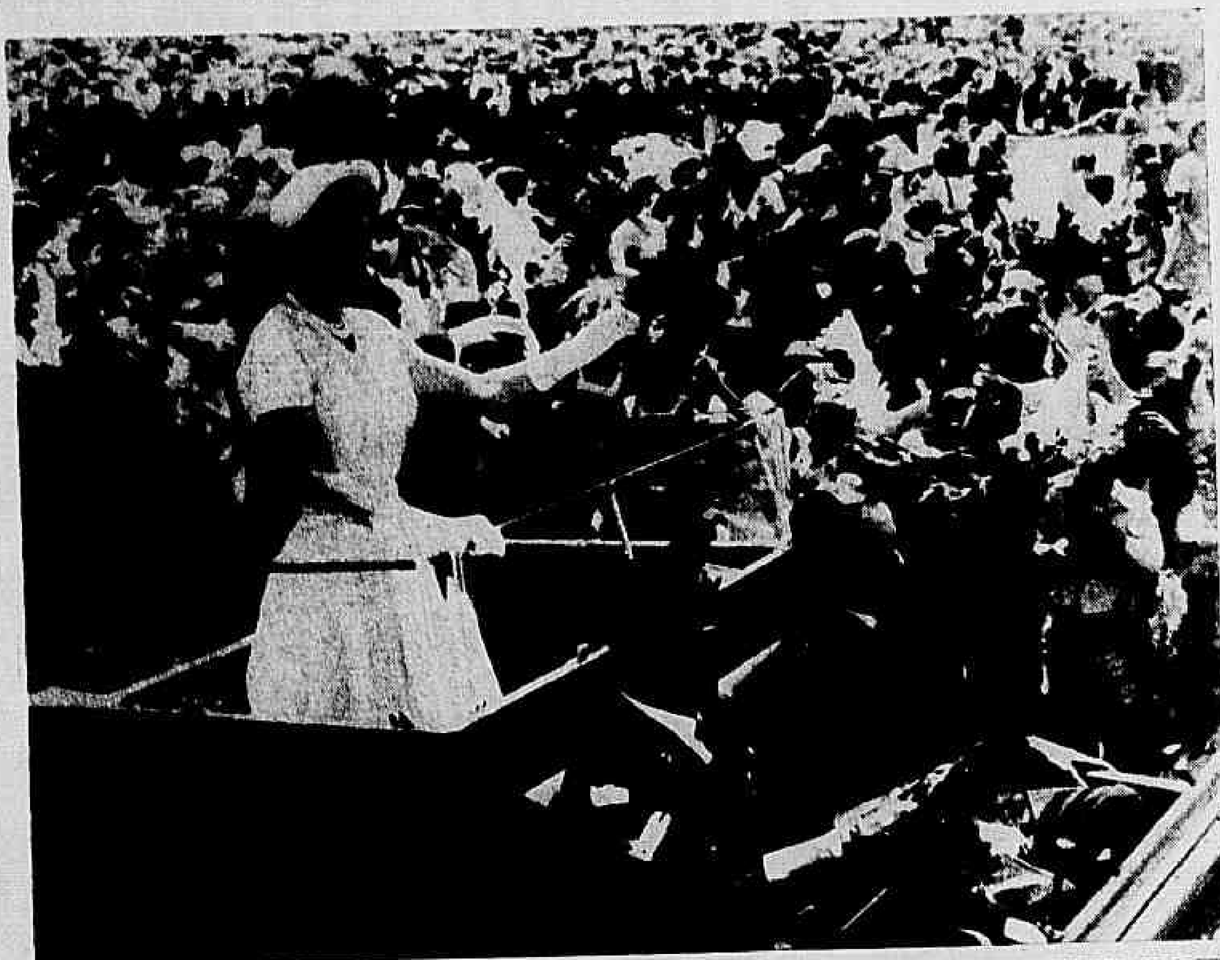
GANDER
BERMUDA NOV. 22/25
JAMAICA NOV. 25/27
FIJI DEZ. 17/19
TONGA DEZ. 20
AUCKLAND DEZ. 23
WELLINGTON
NOVA ZELANDIA
BLUFF JAN. 30 - 1954
CAIRNS MARÇO 12
BRISBANE MARÇO 9
SIDNEY FEV. 3
HOBART FEV. 20
MELBOURNE FEV. 24
CAMBERRA FEV. 13
ADELAIDE MARÇO 18
PERT MARÇO 26
FREMANTLE ABRIL 1
AUSTRALIA
S CÔCO
RIL 5
ADEN
IL 27/

17 de
Fiji
m a

dezembro, a «couple» real avista as costas. Quatro mil indígenas, aparamentados, soberana com seus cantos de guerra.

N. ZELÂNDIA

Elizabeth ficou na «mais progressista pérola do império» exatamente 30 dias. Armou dois cavaleiros, abriu o Parlamento e pronunciou a sua oração de Natal.



AUSTRÁLIA

Sydney, a grande metrópole do oriente, foi a primeira cidade australiana a ser visitada por Elizabeth



TASMÂNIA

Elizabeth chega a Hobarth, capital da Tasmânia. Na fotografia, Sir Ronald Cross, governador da ilha, saúda a soberana.



CEILÃO

Em Colombo, capital da ilha, numa noite de gala, o «ballet» local dançou para Elizabeth os seus melhores números.



ADEN

Houve também um instante melancólico na alegre viagem da Rainha: vemo-la, em Aden, no cemitério dos soldados inglêses tombados na última guerra.



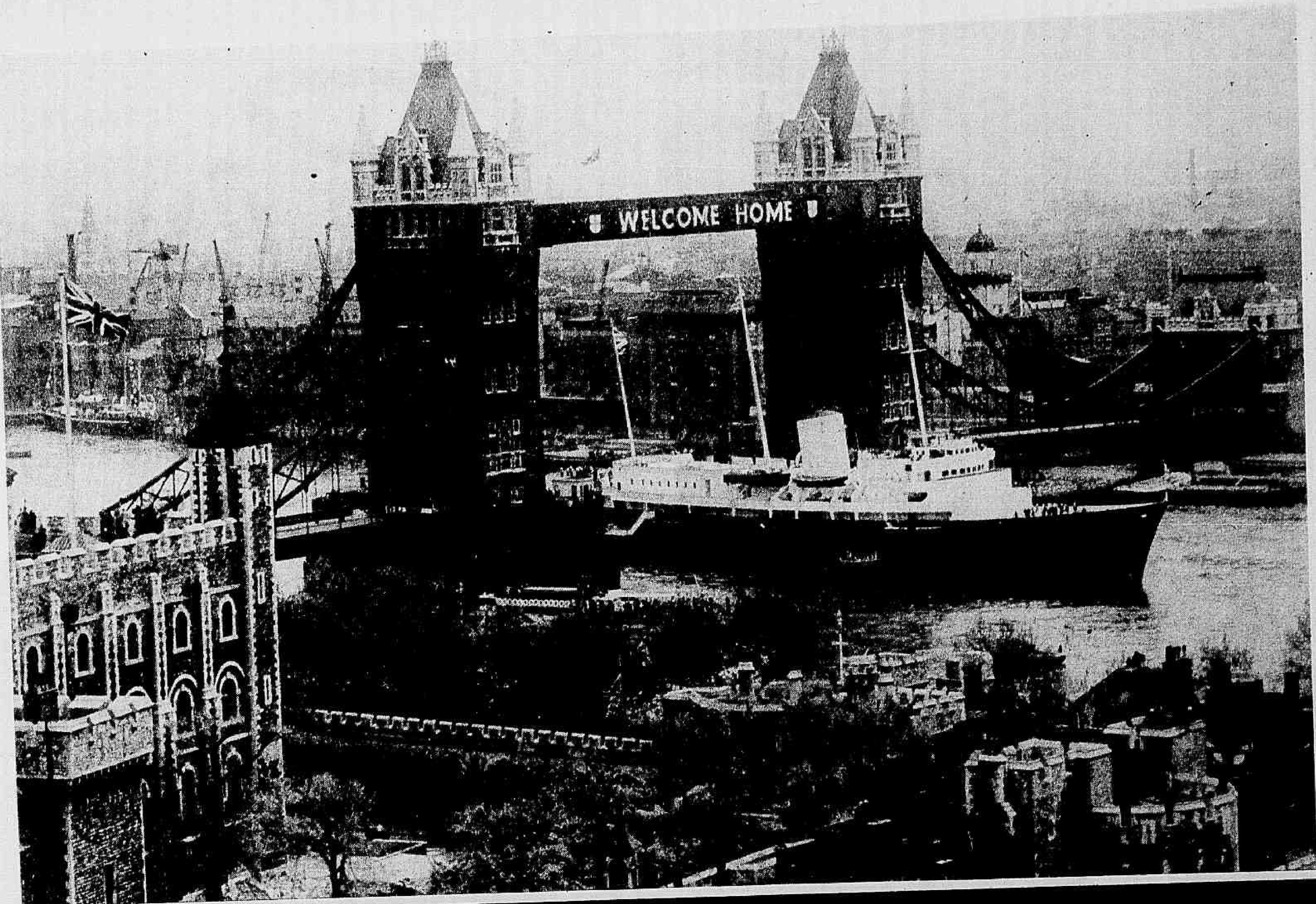
MALTA

De Tobruck (onde encontrou-se com os dois filhos), Elizabeth parte para Malta. A foto mostra-a chegando a La Valeta.



GIBRALTAR

À noite, no penhasco indomável, se acenderam tôdas as luzes. E cantou-se o «God Save the Queen». Elizabeth chegava à penúltima etapa.



LONDRES

A manhã do dia 15 de maio amanheceu clara e limpa. Quando o «Britânia» apareceu na embocadura do Tâmisa, trazendo de volta Elizabeth e o duque de Edimburgo, todos os sinos de Londres começaram a vibrar, como na anunciação de uma grande vitória.



Por êsse MUNDO DE DEUS



O sr. Alcide de Gasperi, antigo «premier» italiano foi eleito presidente da Assembléia do «Pool» do Carvão e do Aço. Vêmo-lo sendo cumprimentado pelo sr. Paul Reynaud, após a eleição.





Clement Attlee, que acaba de anunciar uma próxima visita à China de Mao Tse Tung, aparece, no flagrante acima, no «Medirian Boys Club», de Londres, disputando uma partida de bilhar. E' dêle a frase recente: «A terceira guerra mundial é cada vez mais remota».



A última foto de Mao Tse-Tung (o «leader» absoluto da China vermelha) que chegou ao Ocidente, é esta que publicamos ao alto. Foi tirada no dia 1º de maio último, quando Mao assistia, em Pekin, à parada militar comemorativa da data. Idade atual de Mao: 56 anos.



Pela primeira vez após a última guerra, o Imperador Hailé Selassié deixa os seus domínios etiópicos para uma «tournée» pelo mundo. Vêmo-lo, na foto acima, ao chegar ao aeroporto de Orly, em Paris. Após uma ligeira estada na França, Selassié partirá para os EE.UU.



Uma das [illegible] vida. [illegible] durante 57 dias, [illegible]

Nestor Moreira não foi o único

Depois de exercitar seus músculos contra a pessoa de jornalistas, a Polícia culminou com um homicídio. Nos tempos sinistros da Ditadura a violência foi um hábito longamente praticado. Agora, estão repetindo os feitos.

JORNALISTA, CRIMINOSO COMUM

OS ATENTADOS A HOMENS DE IMPRENSA, NESTE PAÍS, JÁ SE FIZERAM, DE HÁ MUITO, UMA ROTINA POLICIAL ★ PASSE O LEITOR OS OLHOS POR ESTA REPORTAGEM E REMEMORE OS FATOS SANGRENTOS EM QUE SE VIRAM ENVOLVIDOS, DE UM LADO, A IMPRENSA DESARMADA, E, DO OUTRO, A BRUTALIDADE E A INTOLERÂNCIA DE UMA POLÍCIA QUE ESTÁ SEMPRE ACIMA DA LEI.

Reportagem de CARLOS ALBERTO TENÓRIO

HÁ um homem atrás do cadáver de Nestor Moreira. Êle não sofrerá coisa alguma. Para garantir a impunidade construiu sua polícia, da maneira que aí está. Pagará pelo homicídio, o guarda Peixoto, homem particularmente empresado, nos antros de vício desta cidade, para distribuir «pescoções», estando, por isso, perfeitamente afeito ao mister. Rigorosamente êste guarda Peixoto não pode ser de todo responsabilizado. E' uma máquina, sem entranhas nem raciocínio, uma bêsta-fera construída e educada para espancamentos e violências.

★ De PIJAMINHA

Vamos subindo nas responsabilidades. Havia um comissário que dormia de pijama listrado numa sala da delegacia do 2º Distrito Policial. Acostumado aos gritos dos presos, já transformara os sons roucos em uma sinistra melodia para ninar. Nessa noite os berros foram mais altos, e a balbúrdia acordou o comissário. Levantou-se, desceu a escada, inteirou-se do que havia e voltou para a cama. Aí aconteceu, apenas, o segundo espancamento de Moreira.

★ O DELEGADO

Há um delegado (Fernando Bastos Ribeiro) intransigente, vaidoso e vingativo que confessa, na presença (sem o saber) do repórter Araújo, lotado no Hospital Miguel Couto, que a surra se destinava a dois outros jornalistas (Nobre e Morais) do vespertino «A Noite». Atemorizado com a grita da imprensa, corre para o escritório do advogado Adauto Lúcio Cardoso e se propõe a conceder entrevistas firmando posição de independência e crítica ao organismo policial.

★ O CHEFE

Depois esta infeliz cidade tem um chefe de Polícia, de nomeação direta do Presidente da República, que desculpa e justifica todos os erros de seus funcionários, com uma boa vontade estarrecedora. Afirmou a repórteres que o interpelaram: esperará que Moreira possa falar para apurar, então, as responsabilidades. «E se Moreira morrer, antes?» alguém quis saber — O general Âncora resolveu se calar por falta de desculpa. E Moreira morreu.

★ O MINISTRO

Em seguida o país conhece um ministro da Justiça que, em entrevista coletiva, na manhã do dia 18 de maio último, afirma em síntese, o seguinte:

1º) O cargo de chefe de Polícia deve ser sempre ocupado por um militar.
2º) Reforma de base na Polícia (uma coisa linda para se dizer).
3º) O problema do policial-leão-de-chácara não pode ser resolvido legalmente, é um problema de ordem moral.
4º) O atual chefe de Polícia não deve ser mudado. Receia que sobrevenha uma crise de autoridade.
5º) Considera duvidosa a legalidade da passeata. Estudará o que dizem sôbre o assunto autores inglêses e franceses.
6º) Moralização da polícia só pode ser efetuada numa Ditadura, repetindo uma frase do general Etchegoyen.

★ O PRESIDENTE

Mas a culpa está sôbre os ombros de um homem que hoje é, legalmente, por maioria relativa, presidente da República. Para garantir os livres movimentos de um govêrno atabiliário e ilegal criou uma polícia de inquisidores, de espancadores profissionais. As armas, os distintivos, a autoridade exercendo-se sôbre a população não em sua defesa. Nesse carreirismo de violências e indignidades, sucederam-se os atentados contra a imprensa. O maior dêles, a censura conveniente, é um triste episódio do passado, mas que ninguém está isento de senti-lo outra vez. Os atentados pessoais, visando a vida de jornalistas, são o começo de um fim de regime livre. E êles não são poucos.

SÉRIE HUMILHANTE

Nestor Moreira é o último desta série. De um lance, lembramos: J. E. de Macedo Soares, Carlos Lacerda, José Leal, Joel Silveira, Haroldo Gurgel e Hélio Medeiros. Há muitos outros cuja arbitrariedade policial não chegou à violência física, mas que, em cada passo de seu trabalho, têm sentido a ameaça velada, o cochicho de palavrões, de ofensas gratuitas às mais simples e rotineiras manobras de um repórter.

JOSÉ LEAL



A agressão contra êste jornalista verificou-se em Pernambuco pela polícia de João Roma e Etelvino Lins. Preparavam-se o repórter e o fotógrafo José Medeiros para regressar de Recife quando chegou ao conhecimento das autoridades locais que ambos haviam conseguido flagrantes fotográficos e documentos que caracterizariam o acumpliciamento de policiais com bicheiros e jogadores mais baixos. Na tarde do mesmo dia José Leal e Breno da Silveira (hoje deputado), sabedores da ameaça, percorreram diversos bares da cidade à procura dos espancadores que sabiam já empresados por Etelvino e João Roma para consumar a agressão. De regresso ao hotel o repórter foi surpreendido em seu quarto e, daí por diante, brutalmente espancado, pilhado em seus pertences, rasgados seus documentos, perdendo tudo, inclusive a saúde.

Houve protesto nos meios jornalísticos e o fato repercutiu na própria Câmara dos Deputados. Depois, diminuiu, caindo na rotina. João Roma, hoje, é um homem feliz. E Etelvino, senhores, foi senador, é governador de Pernambuco e organiza esquemas para controlar o próximo pleito eleitoral.



CARLOS LACERDA

Em fins de 1948 o jornalista Carlos Lacerda que firmara baterias contra a desastrada administração do sr. Mendes de Morais, na Prefeitura carioca, descia, certa noite, dos estúdios da Rádio Mayrink Veiga, onde fazia um programa, e é cercado por alguns monstros que cometem agressões de uma covardia inominável. Instaura-se inquérito, efetuam-se diligências e se vem a concluir que um policial de nome Canguru (hoje morto) orientara a agressão, em sua parte física, empresado por uma autoridade, cujo nome oficialmente não foi revelado, mas que se conheceu e identificou fàcilmente. Mais recentemente durante a campanha que a «Tribuna da Imprensa» moveu contra policiais envolvidos na exploração do lenocínio, com seus nomes anotados em listas de contribuição diária ou mensal de casas de tolerância, outra violência tentou ser levada a efeito. Carlos Lacerda é procurado por um investigador, por determinação do delegado Picorelli, que tenta levá-lo prêso. Lacerda pergunta-lhe se trouxera uma ordem de prisão, passada por juiz. O policial responde negativamente, mas tenta insistir na prisão. «Então volte — retruca o jornalista — e traga a ordem para levar-me». Conduzido para o Quartel da Polícia Militar, com a ordem expedida pelo juiz Epaminondas Pontes, Carlos Lacerda é depois sôlto e volta ao jornal. Suas campanhas, conduzidas sempre em um tom de violência e bravura incríveis, colocam-lhe a figura na retina e na lista negra de policiais com vocação de cães-de-fila.



HÉLIO MEDEIROS

O braço cabeludo de um PE consumou a penúltima agressão de um jornalista à porta do Tribunal do Júri, em seguida ao julgamento do tenente Bandeira, conforme amplamente divulgado pela imprensa e a denúncia que corre no 5º distrito policial. O autor da presente reportagem foi arrolado como testemunha da agressão que o PE João Bessa é acusado de ter cometido contra o jornalista do «Correio da Noite», Hélio Medeiros. Não disse em depoimento que assistira à agressão, como honestamente não poderia fazê-lo. Com o repórter Evandro de Andrade («Diário Carioca») fui chamado a um bar fronteiro ao Tribunal para aonde estava sendo carregado um colega. Rasgado, mal respirando, estrangalhado, Hélio Medeiros me disse que um policial cujo nome estava escrito num papel que me estendia, e onde se lia João Bessa de Sousa, o espancara. Após as providências necessárias de sua remoção para o hospital, inteirei-me no local de que a agressão se verificara com requintes de violência.

Todos sabem quem é êsse João Bessa implicado na morte de Nelson Prazeres, por causa de jogatina, na rua Alvaro Alvim, ano passado. O autor da morte de Prazeres (conhecido como Alfeu) suicidou-se na prisão, e Bessa ficará outra vez impune. Sua frieza no dia da agressão a Hélio Medeiros chegou ao cúmulo de confessar ao fotógrafo Roger Pardini e a outro repórter-fotográfico de «O Globo» a violência com as seguintes palavras: «Acabei de dar uns pescoções num colega de vocês»...



J. E. DE MACEDO SOARES

Pouco depois das 23 horas do dia 1º de maio de 1945, o jornalista J. E. de Macedo Soares que ceara na companhia de alguns amigos na «Brasileira», pára, alguns instantes, à porta da confeitaria. Quando se encaminha para o extremo da calçada é abordado por um indivíduo alto e espadaúdo que, sem dizer qualquer palavra o agride. Há a intervenção de algumas pessoas e o homem se entrega calmamente exigindo que fôsse levado para a delegacia mais próxima. Na polícia do 5º distrito inventou uma história infame, identificando-se como Ernesto Feijó sem emprêgo nem residência. Por diversos dias obstinou-se em repetir a mesma história. O chefe de Polícia, João Alberto, permitiu que a imprensa apurasse os fatos com liberdade. E não demorou que a ficha de um alfaiate da rua do Ouvidor viesse a situar o agressor. Ernesto Feijó era homem da guarda pessoal do presidente da República residente no Palácio Guanabara, e da intimidade dos coronéis Barcelos Feio e Benjamim Vargas. Fôra guarda-civil em Pôrto Alegre e publicaram-se diversas fotografias do beleguim guardando as costas do presidente num almôço que se realizara no Automóvel Clube, e em outras ocasiões na mesma atitude. A conclusão do inquérito foi acompanhada de um ofício do chefe de Polícia à Justiça, dizia êle, em certo trecho: «EM DETERMINADA FASE DO INTERROGATÓRIO TIVESSE ÊLE (Feijó) CHEGADO A ADMITIR, EM PRESENÇA DA AUTORIDADE, QUE HOUVESSE FEITO A AGRESSÃO A MANDO DE TERCEIRA PESSOA, NÃO TENDO A MESMA NENHUM CARATER PESSOAL».

De Ernesto Feijó, que dois dias antes do atentado fôra premiado com nomeação para a Polícia Especial, não mais se ouviu falar. A agressão dêsse bravo homem de imprensa vinha apenas caracterizar os estertores de uma ditadura que entrava em agonia para morrer 5 meses depois, em 29 de outubro. Em 1932 J. E. já sofrera um atentado quando alguns homens de dentro de um automóvel metralharam a porta do «Diário Carioca», na praça Tiradentes na esperança de o encontrarem sentado, escrevendo seu artigo diário, como geralmente fazia, na portaria do jornal.

Muitos anos antes, em junho de 1914, em conseqüência da batalha jornalística, parlamentar e judiciária que Rui Barbosa e êle empreenderam no sentido de resguardar a liberdade de imprensa contra o arbítrio do poder, em pleno estado de sítio, Macedo Soares é levado para o Quartel dos Borbonos, da Brigada Policial e ali fica prêso. Um mês depois, conseguia fugir da prisão e enviava ao marechal Hermes da Fonseca o seguinte telegrama: «Tenho a honra de participar à Vossa Excelência que já estou restituído à liberdade, pedindo respeitosamente o favor de aceitar as minhas felicitações, transmitindo-as a excelentíssima (espôsa) família. José Eduardo de Macedo Soares». No texto original do telegrama escrevera a expressão «espôsa», palavra que riscou para substituir por família. A espôsa do marechal era a pessoa a cujos caprichos se atribuía a prisão do jornalista.

"Aqui tombou um moço"



Carneiro Vaz

Em agôsto de 1953, o jornal «O Momento», de Goiânia, publicou uma notícia criticando o gesto do sr. Pedro Arantes, diretor do Departamento de Energia Elétrica. Inconformado, êste homem que é um íntimo e capanga do governador Pedro Ludovico («Tendo-lhe o rabo nas mãos», segundo frase sua) reuniu a jagunçada oficial — Pernambuco, Neném, Calango, José Serapião de Sá, Domingos Borélli e Abadio do Carmo — e ordenou-lhes a morte de Haroldo Gurgel, repórter a quem atribuía a autoria da notícia e sobrinho do deputado José Augusto. Pedro Arantes encontrou Haroldo e Antônio Carneiro Vaz (diretor do jornal) à saída do Grande Hotel. Esbofeteou o primeiro. Os dois jornalistas voltaram correndo à redação para armar-se, já sabendo o que viria atrás da bofetada. No regresso foram interceptados pela capangada oficial de Ludovico. Haroldo Gurgel tombou varado impiedosamente. Carneiro Vaz recebeu 8 balas no corpo e caiu, ferido, ao lado do companheiro. No dia em que o povo, tomado de ódio, seguia o entêrro que teria necessàriamente de passar à frente do Palácio das Esmeraldas, Pedro Ludovico, da sacada, gritou: «Atirem naquela canalha que quer desmoralizar o Govêrno». E êle próprio fêz menção de puxar uma arma para alvejar a multidão, sendo impedido pelo juiz Diurive Ramos Jubé. O mandante do crime (Pedro Arantes) saiu do Departamento de Energia para um emprêgo melhor: Inspetor de Coletorias de todo o sudoeste de Goiás e os assassinos permaneceram impunes. No branco paredão do Grande Hotel, um homem escreveu com a mão molhada na poça de sangue: «Aqui tombou um moço em defesa da liberdade». A jagunçada de Ludovico apagou a frase. No dia seguinte ela voltava a ser escrita, no mesmo local. Desde êsse dia a Polícia teima em esconder uma verdade que a humilha. Mas o lembrete volta a ser escrito. Hoje está um pouco modificada em sua redação. No alto da parede lê-se em letras apressadas: «Aqui tombou um moço em defesa da liberdade de imprensa».

Jornalista...

OUTRAS DE LUDOVICO

Outros jornalistas têm sofrido violências pelo simples crime de critica[r o] caudilho impiedoso de Goiás. O diretor da «Fôlha de Goiás», Theoma[r] Jones, em fins do ano passado foi espancado pela polícia do governador. Antes e depois já desagradou à camarilha de Ludovico e foi «punido». Um repórter do mesmo jornal, Américo Fernandes, foi seqüestrado pel[o] bando oficial de dentro de um dos bares da cidade e espancado, ùnicamente porque levara à publicação o discurso pronunciado por um vereador à Câmara Municipal, e que desagradava ao Govêrno.

E' meio imprecisa a época em que se iniciaram as violências da polícia contra profissionais da imprensa. Deve ter começado quando os jornais libertaram-se de alguns escrúpulos provincianos e passaram a apontar meia-dúzia de canalhas à Nação, como solapadores de sua economia ou indignos de a gerirem, sequer de freqüentá-la. Hoje, a canalha engrossa suas falangens, e o ódio naturalmente cresce. Mas a violência não deve ser sòmente apontada quando ela incide sôbre a pessoa de um profissional de imprensa. Deve ser denunciada sempre que a Segurança Pública está ameaçada por quem é pago para garanti-la.

O marechal Fontoura teria inaugurado esta fase sinistra, ao tempo do presidente Artur Bernardes. Mas o requinte, o aprimoramento nos métodos de torturas, dos sofrimentos e de suicidar alguém foram conseguidos com o general Felinto Muller e sua «gang». A ditadura garantia a impunidade. Batista Luzardo já o provara, antes. Com o regresso do regime democrático, inconformou-se a polícia de Vargas em admitir críticas. E a borracha, o cacete, o sôco inglês, a palmatória, o simples bofetão e todos os brinquedinhos dignos do mais puro Torquemada, estão à espera de quem ousa discordar da Palícia. A Polícia Especial já invadiu a A.B.I. para dissolver uma assembléia da qual, suspeitava-se, participariam, comunistas.

Repetimos que as providências que se fazem necessárias e o temor que acode a todos, pela segurança do cidadão, não se particularizam porque um repórter foi agredido. A violência policial contra qualquer cidadão é um escândalo. Apenas, quando a polícia chega a espancar um homem que tem meios de denunciar a violência e encontrar solidariedade na exigência de punição dos responsáveis, é porque as autoridades estão decididas a não respeitar a vida de mais ninguém.

ORLANDO ALLI



Êste breve relato das violências policiais contra jornalistas se encerra com o mais recente caso. O fotógrafo Orlando Alli, do «Diário Carioca», quando tentava um flagrante de uma viatura policial que conduzia um fotógrafo (seu) e que Orlando Alli acreditava fôsse companheiro de alguma revista ilustrada foi agarrado pelos cabelos e lançado contra a coronha da pistola de um investigador. Depois todo mundo sabe, os trancos, os pescoções e a fuga sob a assuada popular que não se cansava de chamar: covardes, monstros e outros exatos apelidos. O fato ocorreu na Av. Rio Branco quando a polícia se retirava da Praça Mauá, no fim da concentração de jornalistas frente ao edifício de «A Noite», quinta-feira, dia 26 de maio último. Dentro da própria Polícia, uma mentalidade nova, nascida com os concursos determinados pelo general Etchegoyen, reagiu a mais esta demonstração de violência, sem qualquer propósito, autorização ou utilidade.

SHOWS COMPRIDOS

MARIA HELENA DE AGUIAR

● O Clube da Chave, de vez em quando, reúne os seus sócios e homenageia uma figura qualquer, na maior parte das vêzes, do rádio. Fui, numa dessas segundas-feiras, à reunião que me disseram ser de homenagem a Edu da Gaita, mas, quando lá cheguei, fui informada de que a festa era oferecida a Lúcio Rangel (40 anos) e, finalmente, através dos discursos, soube que a homenagem era à Panair do Brasil, não só pelo incentivo que essa companhia daria à música brasileira na Europa, como também pelas passagens fornecidas a Humberto Teixeira, rei do baião e presidente da Chave. Mas, essas coisas não vêm ao caso. O que eu quero falar é da qualidade dêsses «shows». Começam bem, com artistas que sabem tocar ou cantar. Mas, depois, haja discurso, haja valor novo da música. Por exemplo, na homenagem ao Comendador Ventura (colunista de «Última Hora», Luís Alípio de Barros), o Grande Otelo, que no fundo é orador, falou durante 33 minutos e, depois, apresentou suas descobertas: um violonista, que só faltou tocar a Protogonia do Guarani, e uma moça, que imitava Angela Maria. Resultado: metade da casa, na metade do espetáculo, foi saindo de mansinho, jurando não voltar. Na festa da Panair, em certa altura, começaram os discursos de despedida a Humberto Teixeira, falando (e chorando) os cantores Ivan de Alencar e Aldair Pau de Arara. Logo em seguida, cantou uma Marion (loura e gorda) interpretando a indefectível «Cadê Zazá», com um agudo, ao final, que esvaziou a casa.

Não sou uma freqüentadora assídua do simpático clube — fomos lá exatamente três vêzes — e, por isso, não tenho direito de me meter em sua vida. Mas, como cronista, aconselhava que fôssem organizados «shows» menores e mais bem escolhidos. O público, certamente, assistiria até o fim e voltaria nos próximos.



INEZITA BARROSO, uma das maiores atrações das festas de São Paulo. Canta um repertório de cantigas folclóricas, acompanhando-se ao violão. Já gravou e já fêz cinema. Atualmente está na TV e na Rádio Record. Pessoalmente, é um encanto. Já fêz uma temporada de 10 dias, na buate Vogue, com algum sucesso.

NOTICIAS DE SÃO PAULO

O repórter Flávio Pôrto demitiu-se da Record por não concordar com a linha de trabalhos jornalísticos dessa emissora. Ao que parece, vai para a Bandeirantes, onde fará a campanha do senhor Ademar de Barros. ★ Em tôdas as emissoras, durante os programas de discos, muita caipirada. Acho que estamos na época do «samba rural paulista», de que tanto falava Mário de Andrade. ★ Norma Ardanuí foi suspensa por 20 dias, porque, num momento de impaciência, disse o que não devia a um dos diretores da Nacional. ★ Sucesso de Lúcio Alves, às quartas-feiras, em «Cartaz das 10» (Nacional). ★ Na Bandeirantes, para quem chega tarde ou acorda cedo, o «Amanhecer do Tango». Os discos são bem escolhidos e um tango a mais nunca fêz mal a ninguém. ★ Mário Martins cada vez mais parecido com Sílvio Caldas. ★ Numa esquina de Ipiranga com São João, o grande humorista Pagano Sobrinho faz imitações e conta histórias. Em volta, gargalhadas. ★ Na Record, às têrças-feiras, a voz e a música bonita de Caymmi. São Paulo todo adora seu velho amigo da Bahia, desde aquêles tempos da buate Clipper. ★ Na Tupi, jornais falados e manchetes do Nagib. ★ Na Excelsior, os excelentes programas em gravações organizados pelos irmãos Macedo. Deve ser ouvido sempre: «O Diabo disse não»... ★ Dizem que os artistas dispensados da Cultura vão trabalhar nos laboratórios do Biotônico Fontoura. Por exemplo, o maestro Válter Guilherme já se está especializando em penicilina. ★ Maurício Barroso, que já havia deixado o rádio, deixa televisão, deixa teatro, deixa tudo... só não deixa de contar histórias. ★ Na Rádio Gazeta, bons discos durante o dia. A programação pode ser ouvida enquanto se lê ou escreve. ★ Jesuíno Antônio D'Avila, que já trabalhou em tôdas as emissoras paulistas, chega do Rio Grande do Sul e ingressa na Tupi. Dizia o Edmundo Monteiro, durante um almôço: «eu preciso muito do D'Avila». E o resto a dizer de São Paulo é que está fazendo muito frio. (Informações de Elizinha Thomaz).

OS 10 BONITOS DO RÁDIO

Aqui estão êles, depois de uma pesquisa Rio-São Paulo, com a ajuda de Elizinha Thomaz: Randal Juliano (São Paulo), Reinaldo Dias Leme (Rio), Válter Forster (São Paulo), Fernando Lôbo (Rio), Paulo Roberto (Rio), Antônio Carlos (Rio), Alexandre Gnatali (Rio), Paulo Pôrto (Rio), Osvaldo Luís (Rio) e Francisco Carlos (Rio).

RESPEITEMOS O CAYMMI!



Em entrevista dada a Antônio Maria, Ari Barroso disse que Caymmi fêz «O que é que a baiana tem» em cima do «Tabuleiro da baiana». Não custava que o Ari poupasse Caymi dêsse constrangimento, pois uma música não tem nada a ver com a outra. Talvez a inspiração seja a mesma, mas, vamos e venhamos, Caymi tem mais direito a inspirar-se num tipo de sua terra, que qualquer outro compositor nacional. Caymmi é um poeta. A êle e à sua linda música, só devemos dar carinho. Respeitemos Caymmi, pelo seu valor, pela sua doçura, pelo seu parentesco com o vento do mar.

ESTA LETRA É RUIM

● A história de comentar as letras ruins da nossa canção popular está causando alguma sensação, pois a cronista tem recebido apreciável correspondência: cartas elogiosas e cartas (anônimas) desaforadas. Minha consciência, todavia, mantém-se límpida como um cristal bacará e, acima de tudo, encorajando-me a prosseguir. Hoje, temos a primeira parte de uma letra. A segunda, também, é fraca, cheia de imagens violentas e lugares comuns. Eis o que é «Floresta de Chaminés», de um bom autor em dia de psiquismo e hipocondria. O cantor é Homero Marques, de São Paulo.

«Floresta de chaminés
Se erguendo ao céu
Mostrando ao léo
(Mas, que léo? O léo Pérachi?)
A negra fumaça
Que faz de São Paulo
O Orgulho da raça viril
(E por que virilidade nessa altura? As palavras viril e anil preparam sempre uma rima para o Brasil. Vocês vão ver).
Campinas cobertas de cana
Café e algodão
Cidade surgindo do Barro do Chão
(Não me consta que, na cidade de São Paulo, haja plantações de cana, café e algodão).
Oh fôrça motriz
(A palavra motriz, em música, é mau gôsto).
Que move o Brasil.
(Tinha que haver Brasil para rimar com o **viril**).

E assim vai a nossa música. Vai mal em letras.

★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★

ESCREVEM ÊSTES PROGRAMAS
PARA TODO O BRASIL

José Mauro
"O COMENDADOR E A MÚSICA"
segundas, às 21,35
★
Antônio José
"CARLOS GALHARDO"
têrças, às 21,35
e
Thalma de Oliveira
ANSELMO DUARTE e ILKA SOARES
quartas, às 20,35
★
Randal Juliano
"ALVARENGA e RANCHINHO"
quintas, às 20 h
★
José Mauro
"COLÉGIO MUSICAL ARY BARROSO"
sextas, às 21,35
★
Almirante
"TRIBUNAL DE MELODIAS"
sábados, às 21 h
★
Gilberto Martins
"EM BUSCA DO TESOURO"
domingos, às 20,35
na

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

A Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 12 E 18 DE JUNHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Suas possibilidades de acêrto nos negócios e nas especulações a que se entregar estarão extraordinàriamente aumentadas na semana entrante. Terá o leitor ótima oportunidade para recuperar o que houver perdido.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Seu ambiente astrológico não se modificará, principalmente no que diz respeito às ameaças existentes na vida doméstica. Mantemos tôdas as recomendações feitas na semana passada. Evite discussões de tôda sorte.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor terá, nesse novo período, inteira liberdade de ação. Os influxos astrais não atingirão quaisquer dos seus pontos sensíveis. Desenvolva suas atividades sem receio de imprevistos ou de insucesso.

★ CÂNCER (23/12 — 20/1) — Uma nuvem ameaçadora está se formando nos horizontes da sua vida sentimental. Há perigo de desforços e de desentendimentos fatais, seguidos de separação. O leitor poderá ser atraiçoado nos dias 13 e 16.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Algumas dificuldades lhe serão opostas na realização dos objetivos imediatos. Fôrças negativas atuarão retardando-lhe os empreendimentos e as decisões. O leitor vai sentir-se tomado de um receio inexplicável.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não saia dos quadros apontados na semana passada. Não fuja da linha que lhe foi traçada, pois as astralidades reinantes serão as mesmas. Previna-se, especialmente, quanto às viagens marítimas ou aéreas.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Peça um novo prazo para a efetivação do que houver prometido. O leitor vai atravessar uma semana bem desfavorável, notadamente quanto à efetivação das promessas. Sua chance diminuirá sensìvelmente nos dias 12, 14 e 15, podendo acarretar-lhe prejuízos sérios.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Todo otimismo de sua parte será justificado. A nova semana lhe abrirá grande margem para as realizações programadas. Todos os setores de atividades estarão bem influenciados. Aproveite a excelente oportunidade.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Sua posição será muito melhor, agora. O planêta que lhe conduz o destino receberá, na semana de 12 a 18 de junho, uma série forte de bons aspectos, o que beneficiará largamente o leitor. Os negócios se anunciam promissores.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Dê tôda a atenção de que fôr capaz, ao que fizer ou ao que projetar, nesta semana em pauta. O momento o predisporá a enganos funestos. Suas probabilidades, as mais pronunciadas, são para pesados prejuízos.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O momento poderá proporcionar-lhe grandes e boas amizades, relações que muito lhe servirão no futuro. Tudo o que o leitor iniciar nesta semana frutificará, dará os melhores resultados. O período é muito bom.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não saque sôbre o futuro. Adie a emissão que tiver de fazer, de títulos, a assinatura de contratos ou a propositura de ação em juízo. A fase será negativa, no seu caso. Aguarde uma oportunidade melhor para o que tiver de empreender ou realizar.

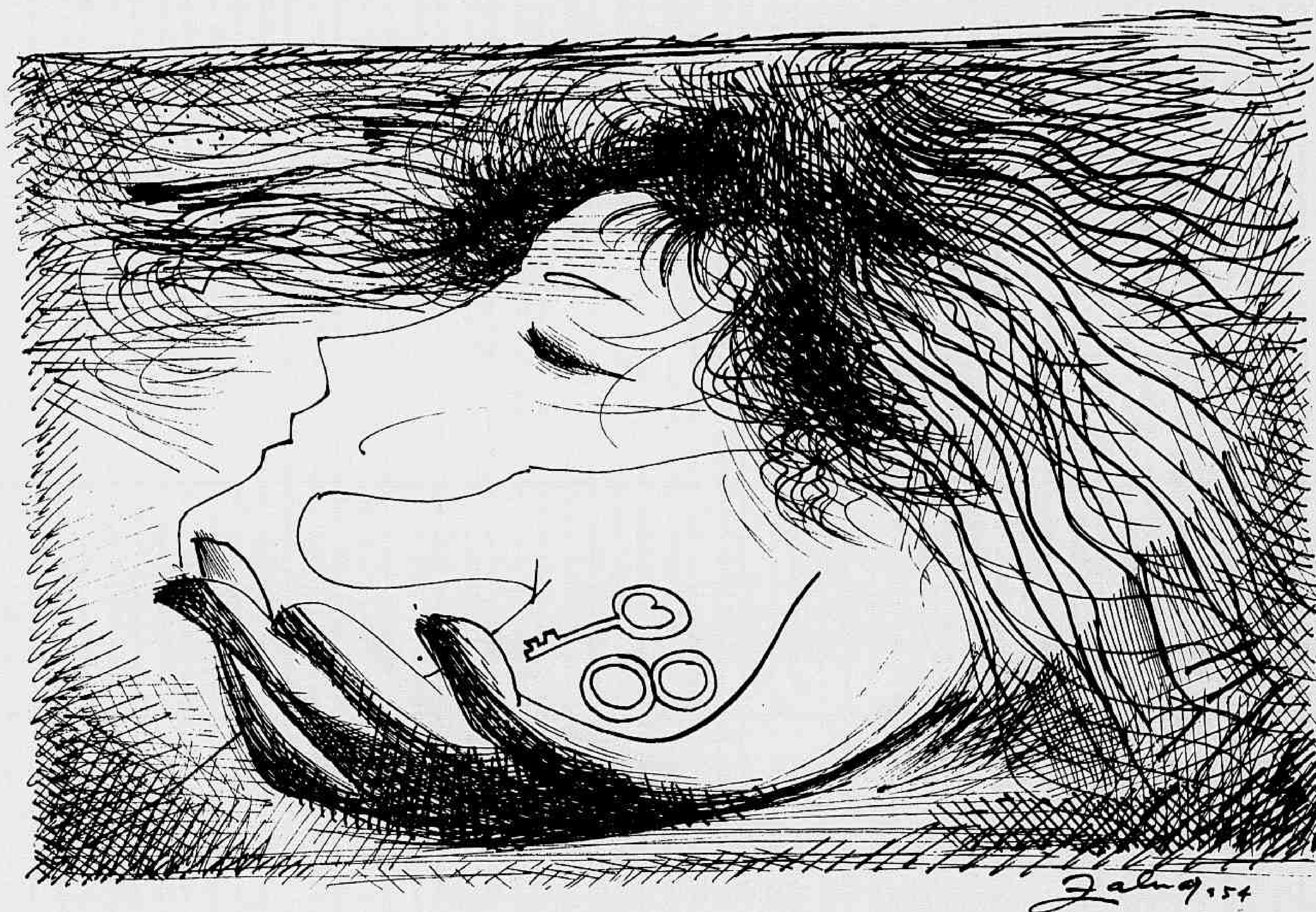
OS NOMES DA SEMANA

Junho,	12	—	Adolfo	—	Inês
"	13	—	Fernando	—	Antônia
"	14	—	Basílio	—	Aurélia
"	15	—	Constante	—	Germana
"	16	—	Aurélio	—	Regina
"	17	—	Ismael	—	Alina
"	18	—	Agostinho	—	Amanda

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Junho,	12	—	20º - 58' - 32"	(Signo dos Gêmeos)
"	13	—	21º - 55' - 51"	(" " ")
"	14	—	22º - 53' - 9"	(" " ")
"	15	—	23º - 50' - 26"	(" " ")
"	16	—	24º - 47' - 43"	(" " ")
"	17	—	25º - 44' - 59"	(" " ")
"	18	—	26º - 42' - 14"	(" " ")



Desenho de ZALUAR

CHAVES E ALIANÇAS

HOMERO HOMEM

SIM, eram felizes, na medida em que o permitiam suas humildes ferramentas de descoberta: bôcas, mãos, olhos, memória. Havia uma barreira de tempo e herança entre êles, mas o amor era a ponte. Por ela transitavam sua doce mercância, diligentes como formigas. Vinham de uma longa viagem separados, estavam cansados, os caminhos percorridos lhes tinhas impregnado a alma de uma escura geografia de obstáculos: pedras e muros, pântanos a esquecer.

João pouco sabia do amor. Guardara dêle uma noção temerosa e contundente. Sabia aflitamente que o amor era feito de ácidos. Havia zonas de empedrada lucidez em sua mente, rasgões de frias crateras no peito. Para êle era isso o amor. Maria vinha de outros aquinóxios. Sua mente era uma flor aberta e pura à espera de pólen — o instintivo pólen de amor que João carregava nos olhos e nas palavras, sem saber.

Estavam ambos cansados. Adormeceram lado a lado na areia da praia, o ano começava. Quando acordaram estavam flexados pelo amor. Ora o amor. Direis e pensareis, negareis ou afirmareis a propósito. No caso, não teria acontecido de forma diferente da que circula na bôca dos curiosos, dos indiferentes, dos saturados e dos rufiões. Mais insiste em que nêles, o amor desabrochou de maneira própria e até especial. E foi belo, ora se foi.

Dispunham de pouco tempo, o tempo conspirava contra êles. Por isso fizeram o que lhes pareceu menos danoso: amaram-se. E isso lhes bastou. Maria vinha de longes terras, trazia fadiga nos braços, a mente acesa e bela tocada pelo primeiro alfinete da noite. João vinha de parte nenhuma. Estava desprevenido para o amor, como a gleba à espera de semente. (Se quiserdes podeis reconstituir a experiência em vossa própria casa, no fundo do quintal).

Um era a terra, outro a semente. Encontraram-se na praia à meia-noite do ano novo e um fruto belo e novo e dêles diverso ali brotou quietamente. Cuidaram dêle sem maiores tramas nem cogitações, alimentaram-no de palavras, silêncios, consentimentos. E êle fê-se alva e peixe, flor e espuma, estrêla e grão impuro. Era o fruto do amor. Muitas vêzes depois, olhando os frágeis braços de Maria, a cintura desnuda e correta, seus puros olhos verdes onde amor e coragem refluíam em golfos harmoniosos, êle se perguntou: Que fazer de tanto amor? Mas era êle também uma terra de reserva, chão lavrado e fermentado pelo amor. Nada podia fazer salvo recebê-la, ela que vinha de longínquos países, vira a primeira aurora após o dilúvio, navegara como um pequeno peixe disciplinado até chegar à praia que escolhera para a desova. Que fazer senão deixá-la ficar em repouso a seu lado, ela que chegava cansada, trazia em si uma sedimentação de tempo e experiência, mas desidratara-se de húmus e cal e msua longa navegação ?

Maria dizia algumas vêzes que precisava ter um filho para poder reflorir. Nunca se acreditou outra coisa senão uma pequena semente ansiosa de perpetuação na terra. Recolheu dela essa convicção, aliás êle não era outra coisa senão terra — barro, pó e carvão. E foi porque êle era apenas terra que ela refloriu e foi bela em seu reflorir. Sua dança e seu canto encheram aquêles dias. Riu a seu lado muitos risos de espanto, de descoberta e absolvição. Era um processo, como direi, de reflorestamento da alma. Contudo o tempo tinha nela seus intuitos, rondava-lhe o ventre sazonado, cobiçava sua moeda de amor. Viajava-lhe no sangue, advertia-lhe que o seu ciclo estava esgotado. Era chegado a idade de retornar ao húmus, ao escuro e fermentoso bôjo da terra.

Assim, ela se foi, consultando o relógio de pulso, como chegara. Sempre tivera uma aguda noção de tempo, sabia que o seu estava esgotado. Seus pobres braços com pouco não poderiam suster o fruto daquele amor. Seus pobres braços logo penderiam incapazes, como ramos sobrecarregados. Seus peitos desidratados vertiam uma reles seiva. Era pouco, era pouco, o tempo apontava-lhe o caminho: para o escuro ventre da terra, para o sono e a recuperação, para a morte. O tempo era sua bússola, seu ponteiro de certeza. Não o negaria, não o contraditaria. Pediu de uma feita que ao morrer fôsse seu corpo queimado. João não lhe prometeu isso, nem o consentiria. Queimar o que não lhes fôra doado? A morte como a vida é um regime de trocas, de pesos alugados. Nada de ninguém, tudo de todos. Confusos pensamentos, escura intuição e muito instinto. Assim era êle.

Maria agora está morta, desfeita e reincorporada no fundo da terra. Êle, que ficou, comprou uma gravata amarela, olha o filho, chora e anda de lotação. Quando o pranto fustiga-lhe as pestanas, tira uma pequena chave funerária, duas alianças do bôlso. E cego, cego, põe-se a tateá-las entre os dedos. Como quem desfia um rosário. Como quem relê num velho mosaico a perdida autenticidade daqueles dias.

O RIO SUBIU DE R

54

53

52

51

50

49

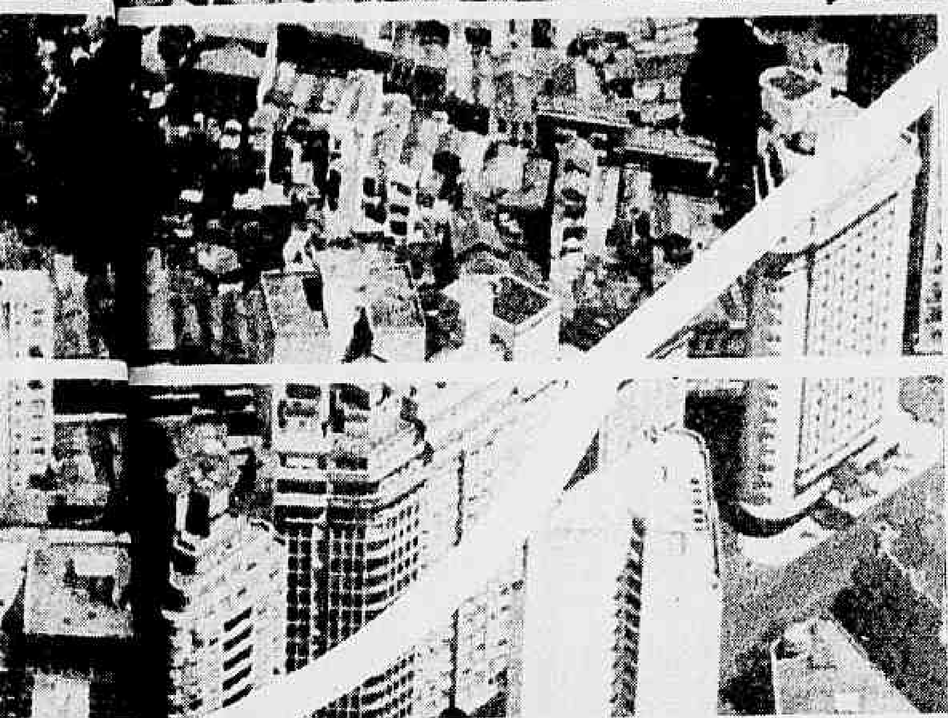
48

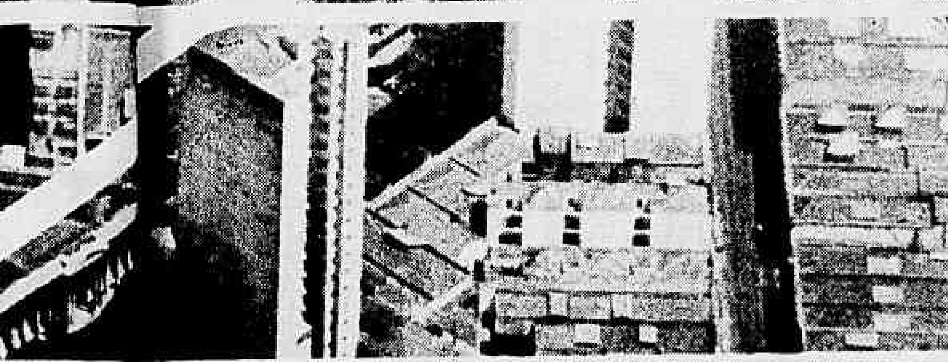
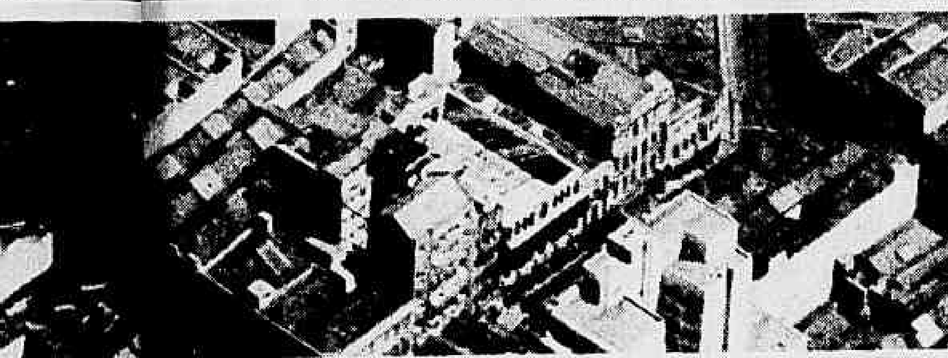
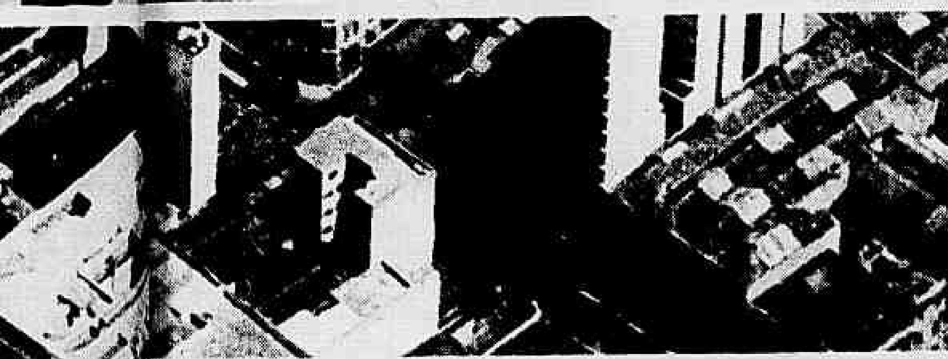
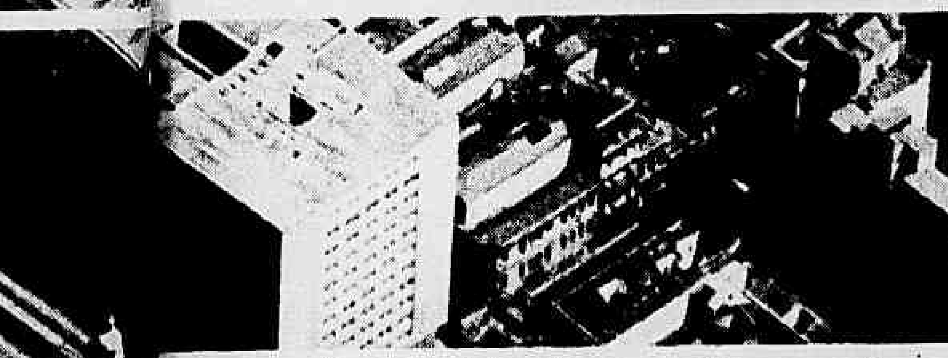
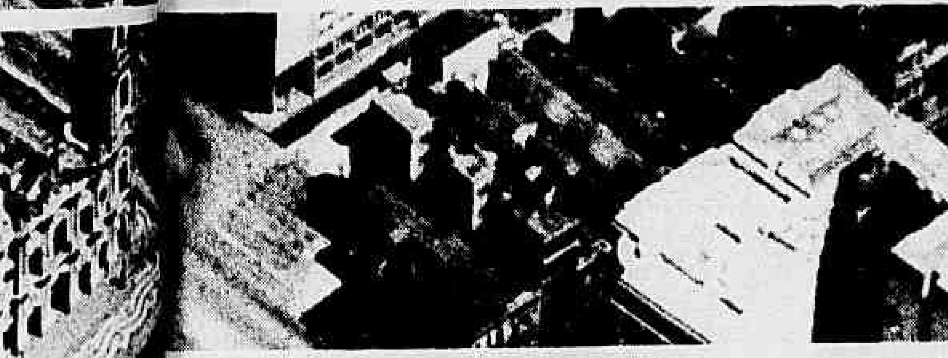
47

46

45

No
e co
home
de




O GRÁFICO DO DESESPÊRO

No Rio os preços sobem assustadoramente e cobrem de inquietação tôda a cidade. Os homens lutam contra si mesmos na pior de tôdas as batalhas: a sobrevivência.



1945: Cr$ 0,20



1954: Cr$ 1,00

JORNAL Há dez anos atrás, o cidadão carioca comprava com apenas vinte centavos, duas colunas largas de crime, 3 ou 4 manchetes políticas, 5 ou 6 clichés na primeira página, algumas notícias internacionais em corpo 8, e uma eterna promessa de que as coisas iam melhorar. Hoje a coisa mudou. Por um cruzeiro compram-se 52 manchetes sensacionalistas, últimas notícias sôbre a nova bomba, fotos dos mais recentes desastres de avião, 6 ou 7 crônicas de vida noturna (que não há), 4 páginas de futebol, 2 de espancamento, 8 de crimes, 32 de histórias em quadrinhos e 16 de anúncios. E uma advertência de que as coisas vão piorar.



1945: Cr$ 3,30



1954: Cr$ 10,00

CINEMA Há dez anos atrás, passava-se na porta de um cinema, via-se o cartaz, comprava-se calmamente o ingresso por três cruzeiros e 30 centavos, entrava-se no salão sem atropelos, um vagalume indicava o lugar e se assistiam a dois filmes, um de amor e um de caubói. Nos intervalos ainda se podia comprar balinhas. Hoje entra-se numa fila cinemascópica, paga-se dez cruzeiros, é-se jogado para dentro, fica-se de pé duas horas e quando se consegue sentar reconhece-se aquela mesma cadeira que não foi mudada. E muitas vêzes corre-se o risco de se assistir àquele mesmo filme que já vimos há dez anos, quando garotos.

Há dez anos atrás a situação da cidade era de esperança, mas hoje a linha do desespêro sobe cada vez mais

Reportagem de LEON ELIACHAR — **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

Aerofoto de **Carlos Botelho**



1945: Cr$ 0.20



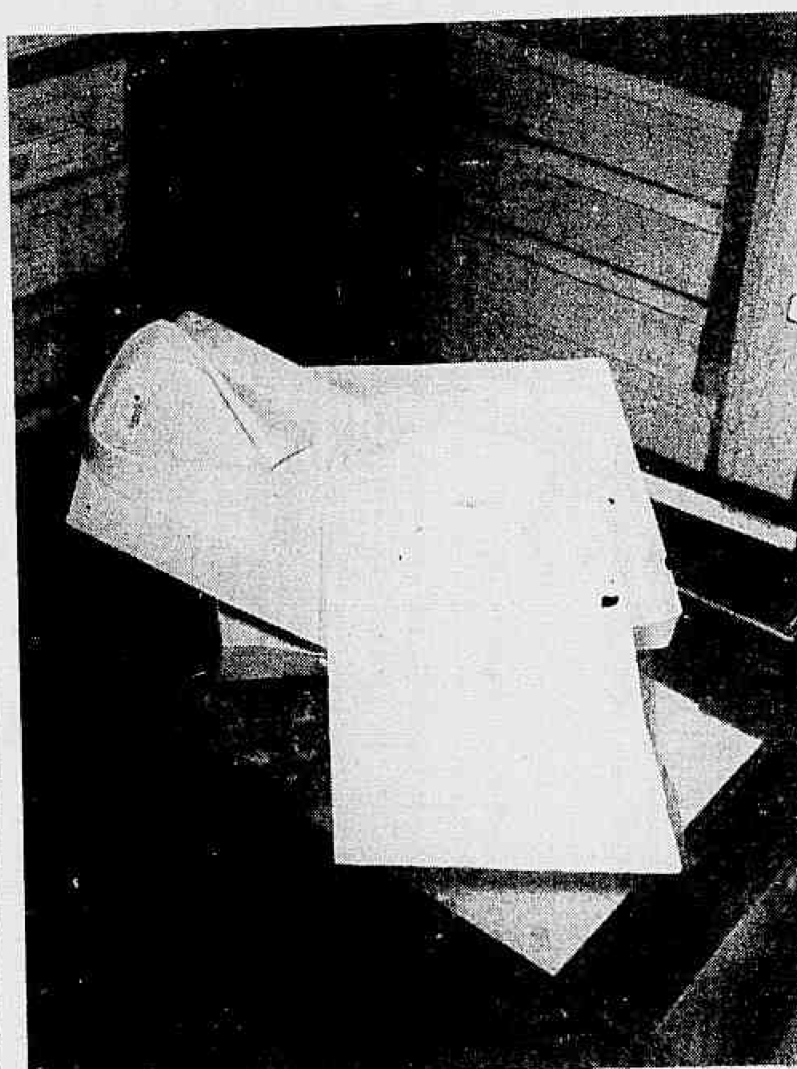
1954: Cr$ 1,00

CAFÈZINHO

Há dez anos atrás, entrava-se num boteco, puxava-se uma cadeira, convidava-se um amigo e pedia-se um café. Ficava-se horas e horas conversando, diante da xícara vasia, e o garção muito amável limpava a mesa de cinco em cinco minutos. Pagava-se 20 centavos. Quando se saía, o dono da casa só faltava vir até a porta nos abraçar, mandava lembranças à família e deixava expresso seu convite no seu sorriso alegre. Hoje forma-se fila diante de uma caixa pra se comprar ficha, pára-se diante de um balcão apinhado de gente, toma-se um café bem frio numa xícara bem quente, leva-se alguns empurrões, ouve-se alguns palavrões e paga-se 10 tostões.

CAMISA

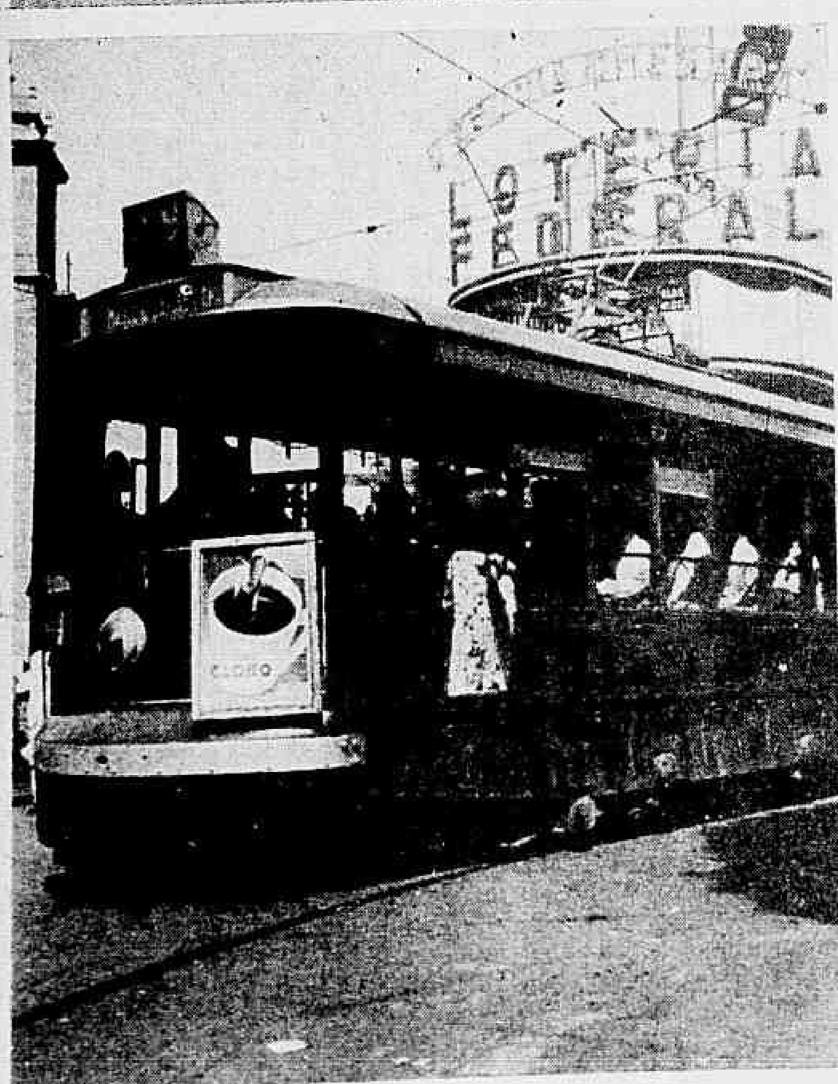
Há dez anos atrás, qualquer camisa custava dez vêzes menos. Entrava-se numa loja, escolhia-se o tecido, a côr, o empregado subia prateleiras, espalhava os diversos feitios no balcão, escolhia-se uma dúzia e mandava-se embrulhar. Total: 300 cruzeiros. Mas havia um certo orgulho em se exibir a etiquêta da casa, prêsa ao colarinho. Hoje a coisa ficou ligeiramente mudada. As camisarias exibem na vitrina suas camisas como artigo de luxo e não de necessidade. O freguês entra, não leva muito tempo escolhendo, pergunta o preço e a resposta o paralisa: 500 cruzeiros. Fica sem jeito e manda embrulhar uma. E volta pra casa a pé.



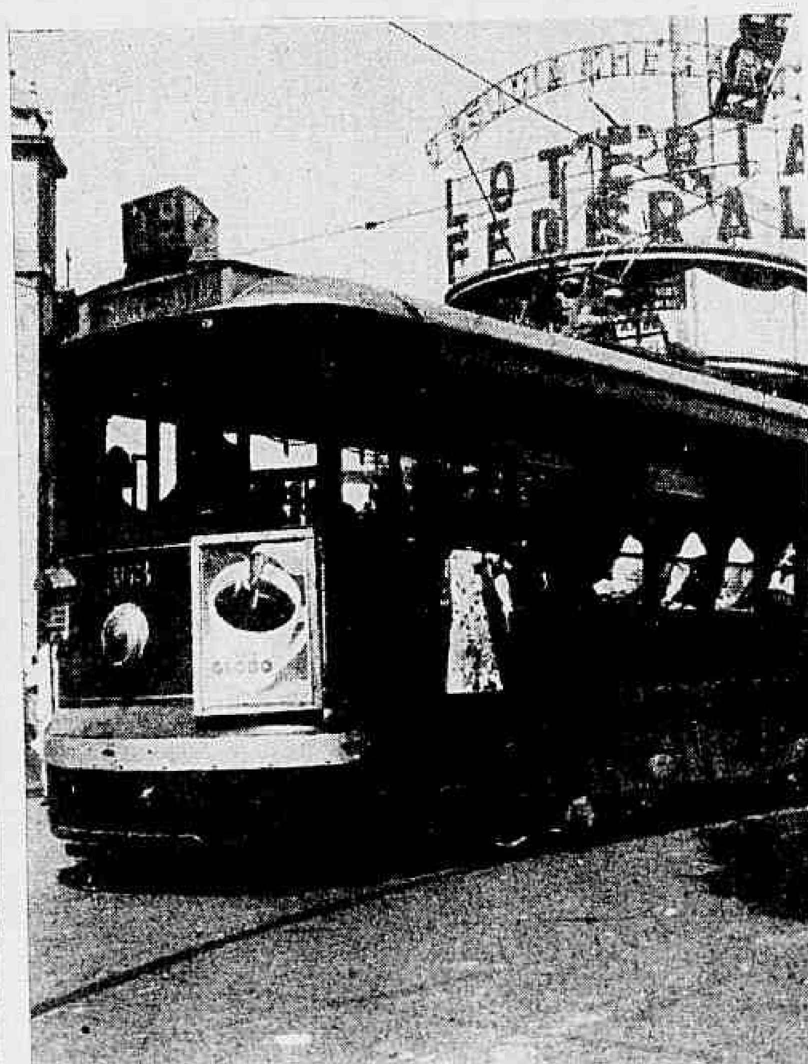
1945: Cr$ 25,00



1954: Cr$ 250,00



1945: Cr$ 0,10



1954: Cr$ 0,70

BONDE

Há dez anos atrás, pagava-se 10 centavos para se tomar um elétrico da Light. Apenas para determinadas zonas havia uma pequena alteração nas passagens. De resto, o passageiro andava quilômetros de distância por êsse preço. Ontem, como hoje, o bonde continua sendo o meio de transporte preferido pela maioria, por dois motivos: mais barato, mais seguro, apesar da sua eterna morosidade. Hoje e amanhã, êsses mesmos bondes, cada vez mais velhos, continuarão sendo a condução preferida. O número de passageiros transportados em bonde nesta capital chega a 700 milhões anualmente e esta cifra tende a aumentar cada vez mais. O preço da passagem não ficou atrás: aumentou sete vêzes.



1945: Cr$ 0,80



1954: Cr$ 2,50

CHOPP Há dez anos atrás era chique sentar-se numa mesa de bar e bebericar um chopp numa roda de amigos. Na Avenida, na Cinelândia, os cartões vermelhos faziam altas pilhas sôbre as mesas. E já na Avenida Atlântica inauguravam-se novos bares que ficavam repletos no verão. Famílias inteiras, vindas de tôdas as partes da cidade, fugiam do calor, procurando num copo de chopp um pretexto para um bate-papo e uma noite alegre. Hoje os bares cresceram, evoluíram, e o chopp aumentou de preço, acompanhando o vertiginoso gráfico do desespêro. E apesar de três vêzes mais caro, quem pede chopp é um miserável, nesta época em que o Brasil descobriu o uísque.

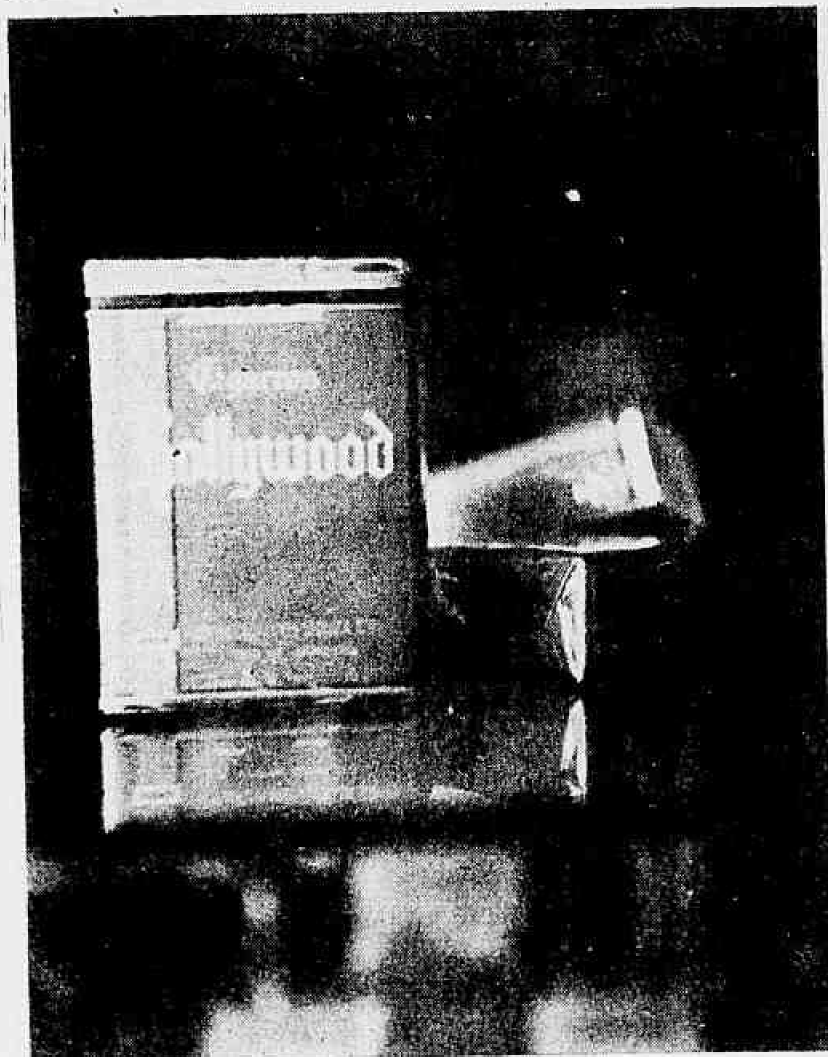
SAPATO Há dez anos atrás, podia faltar tudo — mas dificìlmente faltava calçado. Aqui se preparava o couro e aqui também se confeccionavam os sapatos. Os preços eram relativamente baratos e todos podiam cobrir os pés. Mas até o sapato teve de acompanhar a alta vertiginosa de preços. As vitrinas de hoje raramente exibem um sapato por menos de 450 cruzeiros, dez vêzes mais caro que há dez anos atrás. E se a produção de calçados aumentou não se pode dizer o mesmo do número de compradores, porque não é qualquer pessoa, nos dias atuais, que pode dispor dessa importância para comprar um simples par de sapatos. Enquanto isso, aumenta a circulação de número de penumáticos no asfalto da cidade.



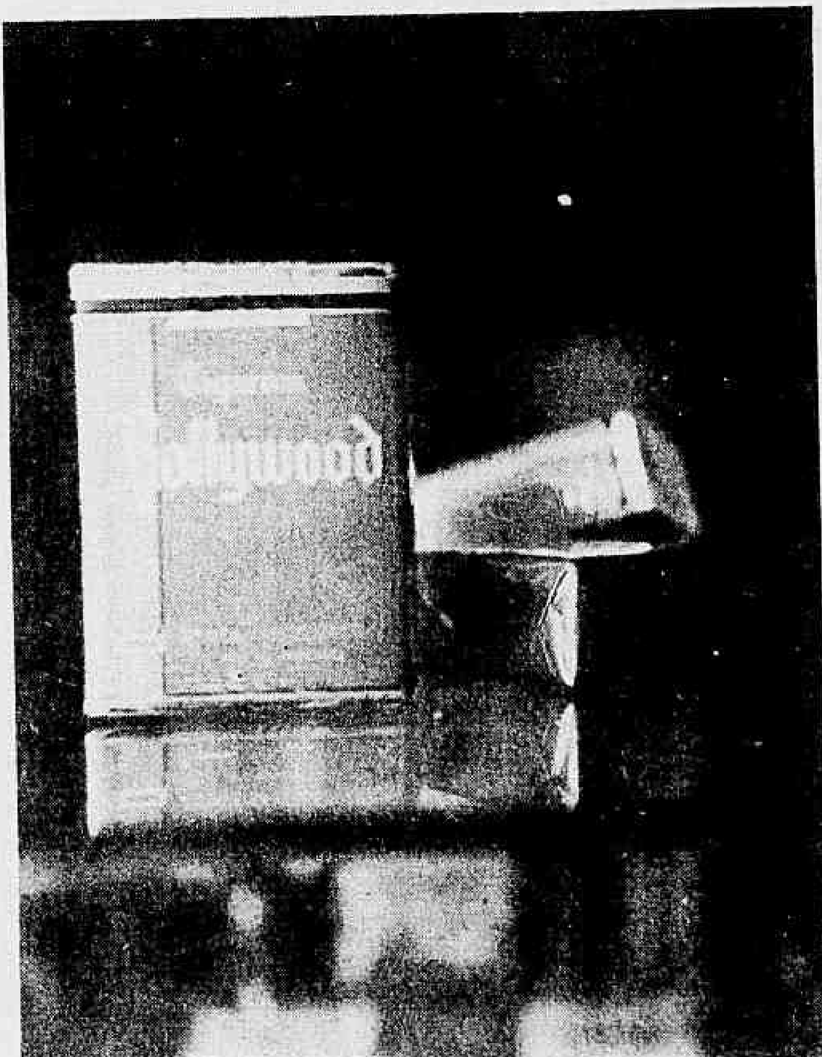
1945: Cr$ 45,00



1954: Cr$ 450,00



1945: Cr$ 1,50



1954: Cr$ 5,60

CIGARRO Há dez anos atrás, um maço de cigarro custava um cruzeiro e cinqüenta centavos. Fumando em média dois maços por dia, o fumante habitual gastava 3 cruzeiros por dia, ou sejam: 90 cruzeiros por mês. Hoje para se sustentar êsse vício, sem trocar de marca, o fumante gasta 300 cruzeiros por mês. Sem contar que alguns passaram a gastar mais, pois o número dos que «deixaram de fumar» cresceu assustadoramente. Abandonar o vício, seria o mesmo que trocá-lo por outro, como chupar «drops» ou sorver goles de alguma bebida. E o resultado é que cada baforada de fumaça que se tira de um cigarro custa nada mais nada menos que 0,03 ctvs.

1945: Cr$ 2,00

1954: Cr$ 19,00

CABELO

Há dez anos atrás, entrava-se quinzenalmente no cabelereiro, sentava-se numa cadeira e lia-se calmamente um jornal. E enquanto a tesoura ágil do profissional tilintava ao nosso ouvido, êle ia nos contando as proezas dos jogadores de futebol e prenunciava o «score» do próximo jôgo. Tudo isso por dois cruzeiros. Hoje o Rio de Janeiro anda descabelado, os rapazes estão voltando às feições do homem das cavernas, aproveitam a cabeleira para fazer poesia ou ingressar no cinema brasileiro. Mas de 5 em 5 meses vão ao barbeiro arriscar uns cobres. E pela mesma toalha de há dez anos, pela mesma tesoura, pela mesma cadeira e pela mesma conversa, pagam dez vêzes mais.

PÃO

Há dez anos atrás um pão de tostão custava um tostão mesmo. Hoje o pão de tostão custa dez tostões. O que justifica êsse aumento? E' claro que tudo mudou; a massa já não é a mesma: é muito pior. Em compensação, os donos das padarias já inauguraram outras padarias, com filiais em todos os quarteirões. E muitas delas já não mandam mais o pão em casa, o freguês tem que ir lá mesmo comprar no balcão. Se quiser. Em 1945 o Brasil produziu trigo no valor de 241.775.000 cruzeiros; em 1952 (segundo a última apuração esta cifra subiu para .... 1.847.915.000 cruzeiros. A produção subiu e com ela o preço do pão de um país que passa cada vez mais fome.

1945: Cr$ 0,10

1945: Cr$ 1,00

MORADIA

Há dez anos atrás começaram a crescer assustadoramente os edifícios de apartamento. Nessa época, ainda se encontrava um apartamento tipo «dois quartos-sala-cozinha-e-banheiro» por 400 cruzeiros. Hoje, apesar do número de construções se ter elevado violentamente, o mínimo que se paga por um apartamento razoável é 4.500 cruzeiros. Para satisfazer as pessoas de condições econômicas mais precárias, inventou-se o apartamento para solteiro, com «quarto-kitchnete-banheiro», que mais parece uma gaiola ou uma cela, por um mínimo de 2.800 cruzeiros. Resultado: milhares de construções, milhares de pretendentes, milhares de apartamentos vazios. O concreto armado domina a cidade, mas a sua população não pode morar.

1945: Cr$ 400,00

1954: Cr$ 4.500,00

Os ídolos também voltam...

TEDDY

● Há vários meses que telegramas procedentes de Roma dão como certo o retôrno de um ídolo do passado, Francesca Bertini, ao cinema de hoje para novas glórias. Desde logo pensou-se e era certo que a Bertini houvesse inspirado sua longa viagem de volta no êxito (até certo ponto surpreendente) de Gloria Swanson. E foi mesmo. Tanto foi que a Bertini vem de aceitar um argumento, após recusar vários dêles, e muito inteligente e prático se mostrou o autor abordando no entrecho a vida da própria «diva» do cinema silencioso. Será possível reeditar o sucesso de Gloria Swanson no filme que Francesca concordou em interpretar? Pergunta de mui difícil resposta, levando-se em conta que os êxitos não se podem premeditar, isto é, os êxitos verdadeiros, não aquêles que duram menos, muito menos aliás do que era lógico aguardar...

Já se diz com uma dose de malícia que o retôrno de Francesca Bertini está destinado a ser uma reedição (melhorada, talvez) da famosa novela da volta de Greta Garbo. Ela aceitava tudo, a princípio, para depois decepcionar produtores, jornalistas e «fãs» com uma contra-marcha que o tempo (implacável) acabou caracterizando como perfeita manobra estratégica. Até hoje os fãs (que são numerosos) aguardam o regresso de sua predileta Greta Garbo e há os que, mais apaixonados, vaticinam o seu retôrno quando algum cérebro de escritor, privilegiado, imaginar um argumento à altura da arte daquela que foi uma rainha do cinema em todos os tempos.

Reavivar a Bertini talvez seja um passo em falso e sabe-se que os produtores invertirão milhões de liras para que o filme saia ao nível da artista, vindo a interessar aos fãs (se é que ainda existem) dessa «estrêla» do cinema de ontem. Fazer previsões é coisa perigosa, por isso melhor será esperar pela volta de mais um ídolo. E que tenha boa sorte!

COISAS QUE SÓ ACONTECEM EM HOLLYWOOD!

UM JAGUAR ESTAVA parado bem na entrada lateral da "drugstore" "Shawbs", bloqueando a passagem dos outros carros. "Sim, senhor!" — gritou um empregado da farmácia para o dono do carro. — "Quem você pensa que é... Aly Khan?". O homem respondeu: "Não penso: sou!" — Exatamente: era Aly Khan em pessoa, esperando que Gene Tierney desse um telefonema na "drugstore"...

MARILYN MONROE — que geralmente interpreta canções seusuais nos filmes — para variar cantará uma "melodia de ninar" para o garotinho Tommy Rettig, numa cena de "River of No Return", sua nova película para a Fox. O galã Robert Mitchum comentou: "Essa canção de ninar fará mesmo as crianças dormirem, mas certamente conservará bem acordados os seus papás..."

E' BEM POSSÍVEL que Robert Taylor e Ursula Thiess hajam combinado despistar os amigos e eternos "línguas de trapo" de Hollywood a respeito de seu romance e provável casamento. Êles deram a impressão de que não se queriam mais e Bob, disseram, afirmou aos amigos que do casamento desejava ficar com a experiência, nada mais. Casarão agora e tôda Hollywood, entre surprêsa e incrédula, está por concordar que é mesmo a cidade dos paradoxos.

FLASH EUROPEU

★ FILMAM UMA LENDA NA ITALIA

A muito conhecida lenda de Genoveva de Brabante foi agora fixada pelo cinema italiano em «Febre do Desejo» que reúne Rossano Brazzi e Anne Vernon, esta no papel da fabulosa personagem. Dirige o filme Arthur-Maria Rabenalt que procurou ser fiel ao tema literário e confia que sua película possa transmitir ao público do mundo inteiro o íntimo dessa figura de lenda: Genoveva de Brabante.

★ ROSSELINI ENTRE O CINEMA E O TEATRO

Fala-se do cinema italiano e o nome de Rosselini vem sempre à baila. O famoso «regista» dedica-se agora ao teatro e além da espôsa, Ingrid Bergman, leva agora para o palco o notável Aldo Fabrizzi. Naturalmente isso acontece enquanto Rosselini planeja outro filme...

★ ERROL FLYNN EM LONDRES

Parece que Errol Flynn tão cedo não voltará aos Estados Unidos e naturalmente a Hollywood, porque vem de assinar longo contrato com o produtor Herbert Wilcox, tendo chegado a Londres para discutir detalhes do primeiro filme. Errol Flynn gostou muito de produzir na Itália e vai repetir a experiência na indústria de filmes inglêses...

★ BEL AMI, OUTRA VEZ NA TELA...

Personagem literária que apaixonou muitas mulheres, Bel Ami, criação romântica de Guy de Maupassant, volta a ser aproveitado pelo cinema, no filme do francês Louis Daquin e interpretado por Jean Danet. Espera-se muito dessa reedição de Bel Ami para satisfazer as fãs saudosas...

★ ÚLTIMOS TÓPICOS

Filma-se na Itália uma nova versão da «Vida de Cristo», com Lois Maxwell (norte-americana) no papel de Virgem Maria. ★ A biografia de Paganini, filmada em côres, está pronta para ser realizada pela produtora Ponti-De Laurentis. ★ Michèle Morgan e Raff Vallone atuarão como os principais de «Recours en Grace» que dirigirá Jean Delannoy. ★ Olivia de Havilland encontra-se na Espanha filmando para a Metro, «That Lady». ★ Dizem que a Grécia apresentou bom grupo de filmes no recente Festival de Cannes e promete concorrer (forte) com outros centros cinematográficos da velha Europa ★ Marcel Carné prepara seu filme sôbre lutadores de box e Jean Gabin está no elenco. ★ Claude Autant-Lara dá os retoques finais na sua ambiciosa realização: «Le Rouge et le Noir», do romance de Sthendal, para iniciar breve «L'Affaire des poisons».



LAURA HIDALGO, A BELISSIMA

Para contrabalançar a vantagem (enorme) que o cinema mexicano leva com a presença (perturbadora) de «Doña» Maria Felix em seus filmes, a Argentina cultivou e lançou Laura Hidalgo, cuja beleza é estonteante e cujo colo surpreendeu cineastas do mundo inteiro. Laura Hidalgo adora o Brasil e tem uma legião de fãs por estas bandas...



REALISMO ITALIANO

Mestres do realismo cinematográfico, os italianos agora desejam provar seus requintes na Sétima Arte e no gênero no qual foram consagrados «mestres». A cena é do filme «O Carrasco de Veneza» e nela o «astro» Armando Francioli beija (?) a Franca Marzi, «estrêla» do filme. A censura da Itália, como se vê, não é muito exigente...



OS GÊNIOS SE DÃO BEM

Quando estêve recentemente na Itália, Charles Chaplin conversou animadamente com Vittorio De Sica. Trocaram idéias e naturalmente abordaram temas de seus próximos filmes, que o mundo aguarda com ansiedade por saber que tanto Chaplin como De Sica sempre legaram ao cinema universal obras-primas da arte cinematográfica!



SEMPRE VIVIANNE

«Estrêla» máxima do cinema francês, Vivianne Romance volta gloriosamente em «Legião Estrangeira», contracenando com um «brotinho» italiano, Irene Galter. Nesse filme, Vivianne evidencia que o tempo não faz estragos na sua figura sempre jovem, linda e marcante... Apesar da presença de Irene que é uma «estrêla» de beleza juvenil e talento maduro...

EVERALDINO COM SAUDADES

ANTONIO MARIA

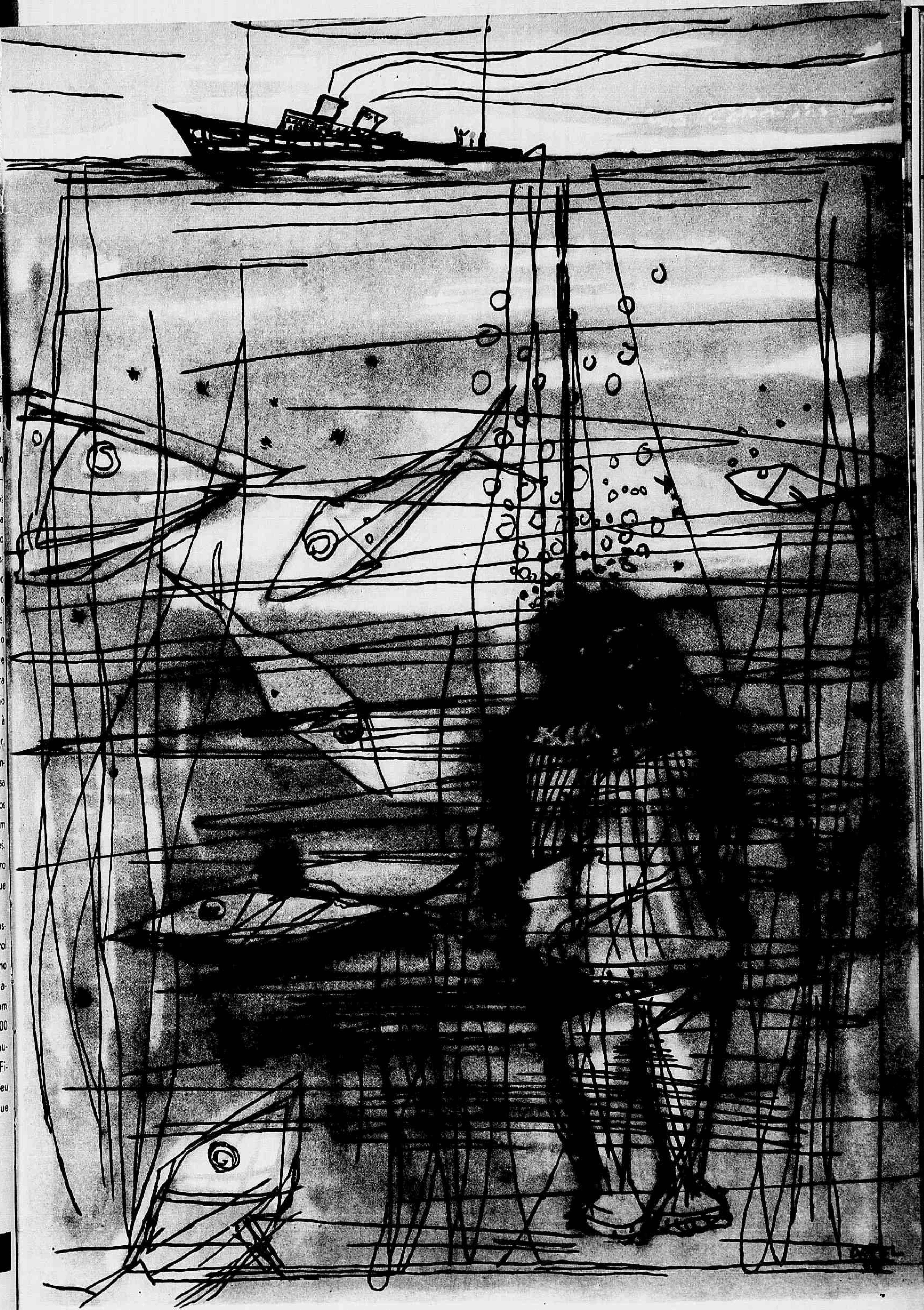
EVERALDINO, nome da Bahia, mãos e cabelos de melhor baiano. Encontrá-lo num restaurante da noite, em São Paulo, com êle comer carne e arroz, era uma coisa assim igual a estar no «Café das Meninas», em Salvador. Seu ar e sua voz macia baianizavam por completo o salão, onde paulistas friorentos comiam. Contava suas histórias. Saiu da Bahia, como taifeiro, e foi andar pelo mundo. Várias coisas cometeu pela vida afora, até ser escafandrista, no Golfo de Biscaia, trabalhando para um barcaceiro grego, que se chamava Papaulus. Sem querer, sem provocar, ficou amante de Maria, mulher de Papaulus, descendente de espanhola e — disse Everaldino — «a dos olhos cinzentos». Não sabe o que o levou para ela: talvez tenha sido o olhar, da côr das tardes chuvosas, da côr dos nevoeiros no mar. Talvez tenha sido a mão macia, que lhe afagou a cabeça, numa noite de febre. Talvez tenha sido simplesmente a solidão de um baiano exilado, largado por caminhos que só vira em nome — sem sonhá-los — nas aulas de geografia do primeiro ano de ginásio. Não fôra (disso tinha certeza), apenas, pelo prazer de trair.

Papaulus era um homem grave e vagaroso. Não perguntava nem contava histórias. Um dia, era tarde, viu Maria sair de um abraço do amante e desaparecer no corredor, que dava para a cozinha, consertando os cabelos. Sentou, pediu (a Everaldino) que lhe trouxesse a garrafa de Genebra, começou a beber e avisou que haveria mergulho na manhã seguinte. Everaldino preferiu sair para embriagar-se na rua, em companhia de pescadores seus amigos. Só voltou na hora em que tinham de sair para o mar. Sem dizer nada, foram os dois para o ponto onde seria o mergulho. Teriam que refixar uma bóia — avisara o chefe — e, olhando com dureza os olhos do baiano, ajustou-lhe o redondo e feio capacete de escafandrista. Everaldino compreendeu que ia para a morte e sentiu o fundo do mar como um consôlo e um descanso, uma punição e uma eternidade. Escorregou, devagar, pelas beiras do barco e sumiu-se. Passaram-se os primeiros minutos, passou o tempo normal de imersão. Poderia ter tocado campaínha, apelado para o perdão do grego, mas não quis. Esperaria a morte, dentro do capacete de ferro. As algas e os peixes eram visões de despedida. E a transparência do verde lhe enchia de beleza o último dos mundos aos seus olhos. Foi quando sentiu um puxavante e, devagar, começou a ascender. Papaulus podia tê-lo deixado morrer e seria ali, sem denúncias, sem punição. Mas, não quisera. Trazia o mergulhador outra vez para o barco e, num gesto de grandeza, apertava-lhe a mão (sem sorrir, olhando-o outra vez com dureza) premiando-lhe a coragem de não ter pedido para salvar-se. Everaldino conta que, da praia mesmo, tomou rumo de viagem. Nem fôra — embora quisesse tanto — olhar, pela última vez, os olhos cinzentos de Maria. Dali, andando sempre pelo mar, foi ser baterista de uma orquestra cubana, em Singapura. Eram seis músicos e, de cubano mesmo, só havia o pianista, que se chamava Juan de Luca. O maraqueiro era francês, o pistonista italiano e tanto o guitarrista como o rapazote da clarineta eram argentinos. Deixou a orquestra, um ano depois, para aventurar com tráfico de tóxicos, em Lourenço Marques. Everaldino me contava essas coisas mastigando, fazendo pausas como se quisesse gozar cada saudade, rindo de um ou outro pormenor que lhe vinha à lembrança. Por exemplo: Annie, a francesa que vendera tôda a roupa de dentro para almoçarem juntos. E lamentava-se: «não conheço Paris; não passei do Havre». Dez anos depois, voltava à Bahia como clandestino. As ruas eram as mesmas, a vista do mar, olhada das janelas dos fundos, em um sobrado da rua Chile, também era a mesma: saveiros, barcaças, o forte de S. Marcelo, a Rosa dos Ventos encravada no ladrilho da Escola de Marinheiros. Mas, os amigos, que tinham sido três, tinham ido correr mundo também. Um estava no Rio — soubera — vendendo essência de extrato francês.

Mais um navio levou Everaldino, de 3ª classe, até onde o dinheiro dava: Vitória do Espírito Santo. De lá, para seguir viagem, teve que lutar, num circo, contra um canguru, por 300 mil réis. Empatou.

Perguntei-lhe, então, de tudo o que tinha feito, de que tinha gostado mais. Respondeu-me que só foi realmente feliz quando era farol de caricaturista, em Roma. Posava, nos cafés, para um jovem italiano chamado Adolpho, que sabia fazer seu perfil muito bem feito. Acabamos de comer. O garção trazia a nota que, com gorgeta, dava cem mil réis. Everaldino fêz questão de pagar. Na saída, pediu-me 200 emprestados. Despediu-se e, bem jantado, com crédito no restaurante e cem mil réis no bôlso, dobrou na esquina da rua Aurora. Fiquei olhando-o, com inveja de um homem vivedor. Alguém bateu no meu ombro e tirou-me do êxtase. Era Dermival Costalima, que chegava em passo vagaroso.

Desenho de DAREL

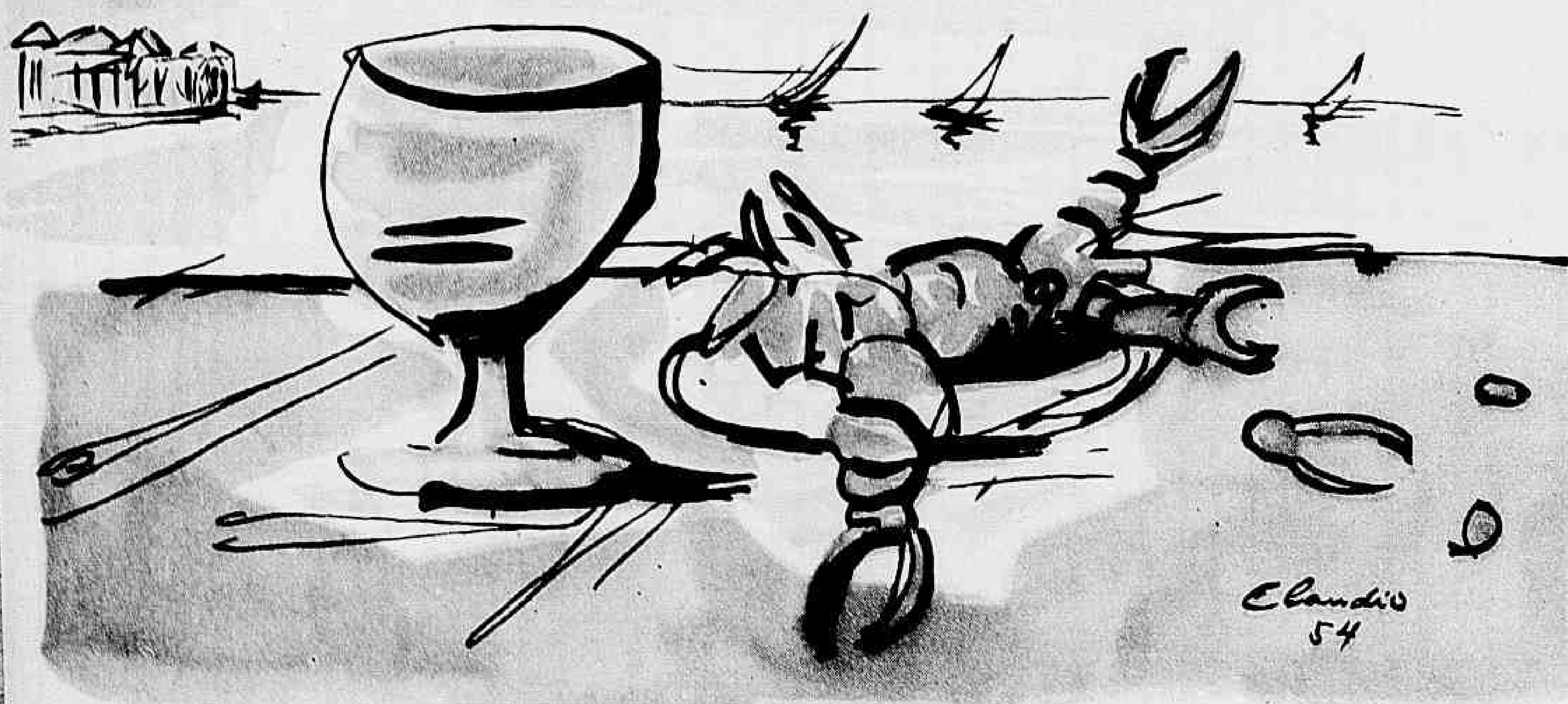


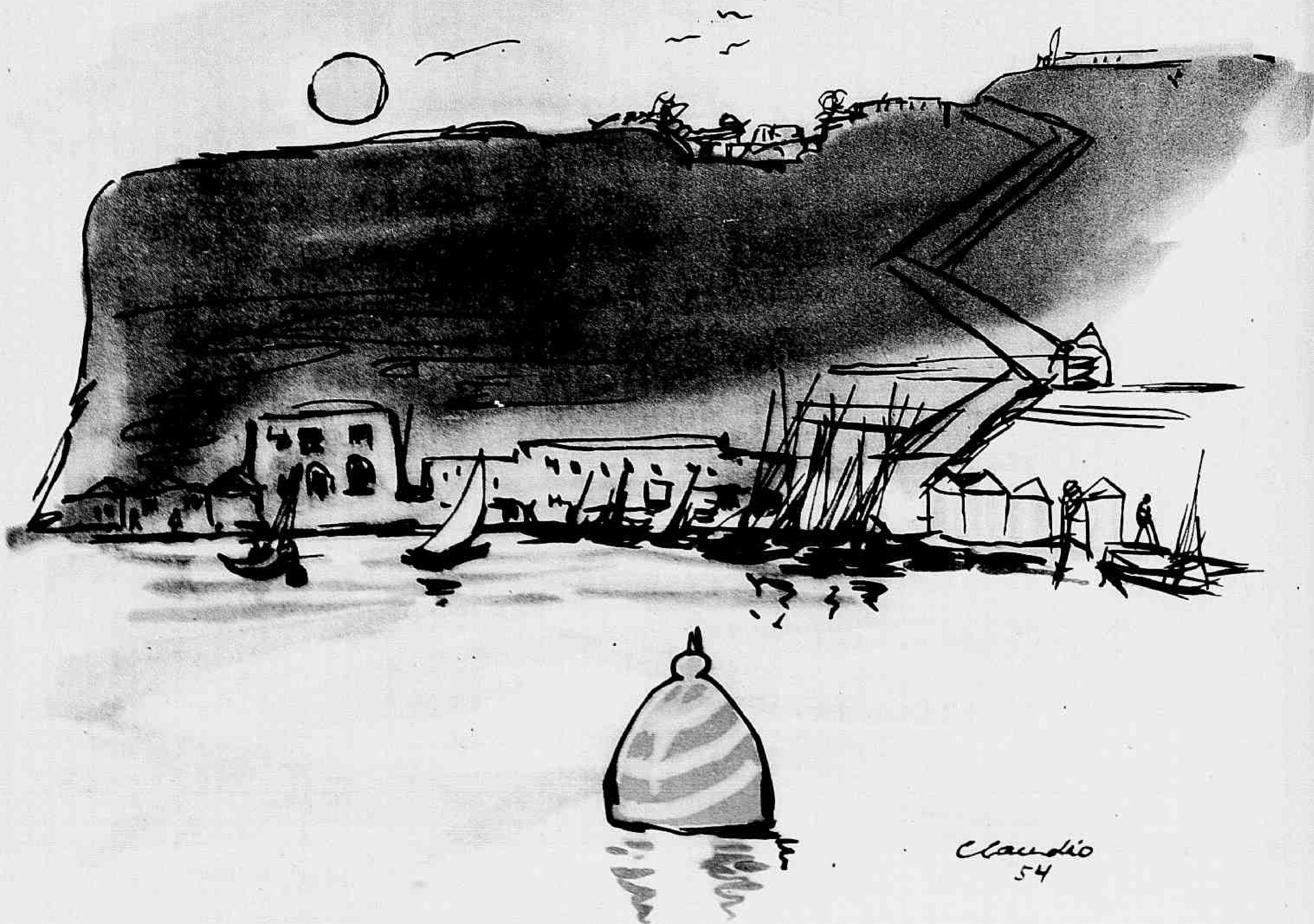
Sorrento

Texto de JOEL SILVEIRA

Desenhos de CLAUDIO CORREIA E CASTRO

SE eu tivesse algum dinheiro, faria a minha casa aqui — debaixo dêste céu azul, encravada na rocha, de janelas abertas para o mar que tropeça, logo adiante, no rochedo encrespado de Capri, e segue depois, horizontalmente tranqüilo, até lonjuras que a vista não alcança. Daria jeito de acordar cedo pelo menos uma vez por semana, aos sábados, para saudar o nascer do sol, que ainda ontem, da janela do hotel Cocumella vi, gigante e purpurino, dissolvendo o seu sangue no mar e se alastrando no céu como uma enorme artéria aberta. Vez por outra desceria até a Marina Grande, para ouvir dos pescadores, no seu linguajar rude





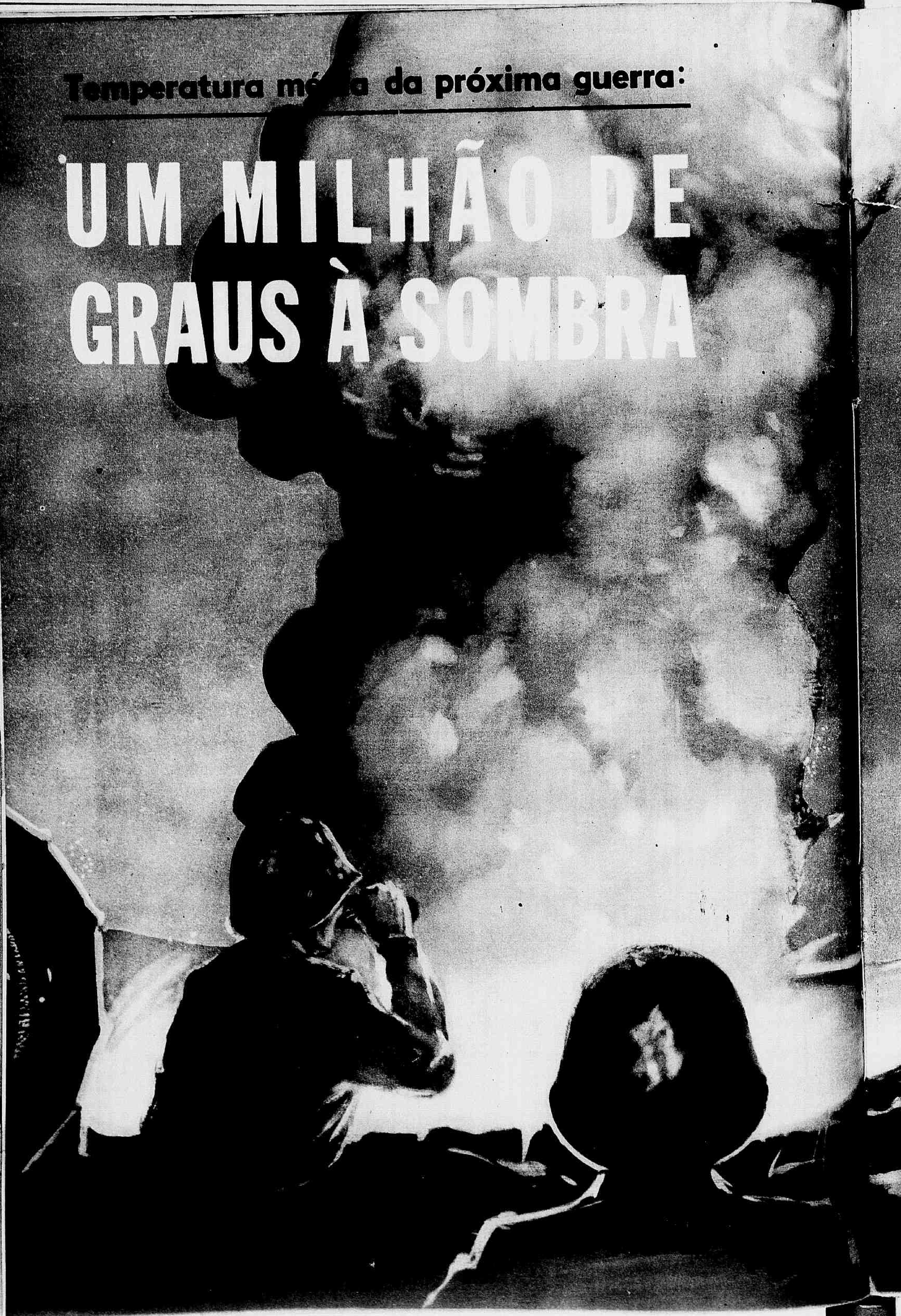


molhado, as histórias que o mar lhes ensina. Às sextas-feiras, o restaurante de Giuseppe Zaconelli, na Marina Picola, fornece uma especialidade marinha que é como uma tarantela de todos os bichos miúdos do oceano — lá estaria eu, sem falta e sem pressa, a mastigar os crustáceos e a bebericar com tôda unção o «bianco» calabrês (que tem gôsto de cebola velha) ou o louro Frascati, que entendo ser a melhor ambrósia concentrada de todo o Latium.

● Nas tardes vagabundas — que seriam tôdas — o melhor seria ficar lá num dos pequenos bares da piazza Torquato Tasso, numa das mesinhas do lado de fora, quando fôsse dia de sol, ou lá dentro, na morna sala aquecida para o inverno, a mordiscar o douradíssimo «strega» e a ler, sem paixão ou conivência, jornais atrasados de Nápoles. Naturalmente teria um barco, se possível com motor traseiro e potente, porque nalgumas vêzes, quando se fizessem insopitáveis os arrancos marinheiros, a solução seria ganhar o mar livre, ou então sair bordejando pela costa até lá embaixo onde a montanha é mais agreste e os homens mais crus.

Temperatura média da próxima guerra:

UM MILHÃO DE GRAUS À SOMBRA





Revelados agora alguns dos segredos do canhão atômico ★ A explosão do obus, carregado de urânio ou plutônio, liberta prodigiosa energia térmica, semelhante à do Sol ★ Afirmam os técnicos militares: «o canhão atômico pode ser a chave da vitória, num próximo conflito».

Testo de H. PELLEGRINO

Desenho de RAMÓN

HÁ algum tempo atrás, a imprensa de todo o mundo noticiava as primeiras experiências realizadas com o canhão atômico americano, no deserto do Novo México. Fizeram-se as mais desencontradas conjecturas a respeito do novo engenho de guerra, capaz, segundo alguns observadores, de revolucionar a estratégia e a tática tradicionais. De fato, o canhão atômico, lançando de sua enorme bôca obuses de urânio fissionável, confere ao pavoroso explosivo uma mobilidade até agora desconhecida. Os objetivos inimigos poderão ser gradativamente eliminados, através de explosões atômicas parciais, enquanto a infantaria executa o seu avanço.

O EXPLOSIVO UTILIZADO

Os meios militares americanos divulgaram alguns dados superficiais, referentes ao canhão atômico e ao projetil por êle utilizado. Os restantes elementos podem inferir-se do conhecimento que já se possui a respeito de assuntos atômicos, embora o segrêdo final do novo armamento permaneça ignorado.

Assim, sabe-se que, embora a forma e as proporções do obus atômico possam variar ao infinito, segundo certas conveniências secundárias, a quantidade de combustível atômico jamais será inferior a uma determinada **massa crítica**. Esta massa corresponde a mais ou menos vinte quilos de urânio 235, ou de plutônio 239. Calcula-se que o combustível nuclear esteja dividido em dois ou mais fragmentos, cujo pêso equivale à massa crítica. Êste material fissionável está concentrado num **volume crítico** próximo a 1.000 centímetros cúbicos, ou seja, um litro. A rápida aproximação dêsses fragmentos, no volume de **(Conclui na pág. 50)**



Calças estilo corsário, estampada em prêto e branco. Pulôver em jérsei de lã violeta. Interessante modêlo de SCHIAPARELLI.



Calças corsário em cetim champagne; cinto em camurça violeta; blusa em tweed de algodão castanho claro. Modêlo SCHIAPARELLI.

São João "à moda de Paris"

PARIS — Junho 54 (por Monique Renaux — correspondente exclusiva da «Revista» na Europa)



Calças de pescador em algodão azul-rei; estamparia em verde e cinza. Blusa azul, com faixa côr de limão. Madeleine de RAUCH.



Calças compridas, justas, com listras em prêto e branco. Blusão negro com mangas raglan. Chapéu de palha sôbre lenço vermelho.

● Não sei como os grandes costureiros souberam do São João. Pode ser que tenha sido a passagem por aqui de «Os Cangaceiros», a despertar o interêsse pelas coisas regionais brasileiras. Dos Cangaceiros e de Vanja Orico. O fato está aí: modelos inspirados no São João e nos trajes de pular fogueira. Inspirados, sòmente, pois trazem um cunho bem parisiense, lembrando mais «apache» que caipira. Vão, porém, para as leitoras da REVISTA DA SEMANA, que talvez gostem dos modelos, e vistam-se «à moda de Paris», para as festas juninas.

(Fotos exclusivas)



SUGESTÃO PARA O LAR

● Se está projetando um apartamento novo, construído especialmente para atender a seu gôsto e a suas exigências, o banheiro é uma peça da casa que estará sendo estudado com muito detalhe. Realmente, com algumas idéias engenhosas, o banheiro pode ver duplicada sua utilidade. Veja, por exemplo, a sugestão da ilustração. Nada mais prático do que êsse conjunto de duas pias, com uma penteadeira no meio, em frente a uma parede revestida com três espelhos.

A existência de duas pias possibilita que, marido, mulher, ou as crianças, delas se sirvam simultâneamente, poupando tempo. A penteadeira é uma peça que cada dia mais se está transferindo do quarto para a sala de banho, onde fica, realmente mais bem colocada. Esta é formada com uma prateleira em vidro grosso e um pequeno «pouff», revestido de plástico estampado.

Mãos gastas

● Se suas mãos estão envelhecidas ou ressecadas pelo constante lidar com sabão, sapólios e outros produtos domésticos, experimente dar-lhes o seguinte tratamento:

1) — Lave-as em água morna, com sabonete, e uma escovinha. Enxagüe em água fria e enxugue com cuidado.

2) — Passe uma boa camada de creme à base de lanolina.

Faça êsse tratamento antes de se deitar e durma com um par de luvas velhas, para que o creme não se espalhe pelos lençóis da cama. Uma semana de tratamento, geralmente, já traz resultados apreciáveis.

Procure, além disso, usar luvas de borracha para suas lides caseiras.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

★ NEM REPARAM...

Uma das queixas muito freqüentes das mulheres contra seus maridos **é de que êles** nem reparam mais nelas, tão **habituados** estão à convivência diária. Por **exemplo**: um dia **ela** estréia um vestido novo **que mandou fazer especialmente para agradá-lo. Êle** chega e não diz nada. **Ela** põe-se diante dêle, faz pose de manequim e pergunta:

— Gostou? E **êle** responde:

— Fica-lhe ótimo êsse novo penteado!...

Realmente, é de desesperar qualquer santa!

★ PORQUE TRABALHAM AS MULHERES?

São as próprias mulheres que respondem, num inquérito realizado recentemente entre 9.000 mulheres com emprêgo ou profissão. Pràticamente tôdas aquelas que não têm marido (98%) responderam que trabalhavam para se sustentar e àqueles que delas dependiam. Entre essas estão incluídas: solteiras, viúvas, desquitadas.

A maior parte das senhoras casadas trabalha para contribuir nas **despesas** caseiras, algumas para ajudar o marido a comprar um apartamento e outras para ajudar na educação dos filhos, que é muito cara, hoje em dia. Pouquíssimas trabalham «para não perder a prática» ou pelo simples prazer de ter um emprêgo. Prefeririam mesmo dar todo o seu tempo ao emprêgo de «dona de casa».

★ COMO COMEÇAR...

Como começam as discussões entre marido e mulher? Geralmente a culpa é do marido, dizem as mulheres. Um estudioso do assunto coloca na bôca dos maridos estas frases «infalíveis para se começar uma discussão das feias»:

1—Deixe de tomar «atitudes»!

2—Ora, ela é **sua** mãe!

3—Faça o que quiser!...

4—Será que não pode fazer nada direito?

5—Quer raciocinar com lógica?

6—Na casa de minha mãe nunca acontecia isso!

7—Mas, eu não estou discutindo!

Tôdas essas frases são, geralmente, pronunciadas num tom de voz próprio e característico. Portanto, se você não quer, mesmo, discutir com seu marido... não caia na tolice de aceitar a provocação. Esteja alerta!



ENCONTRO ÀS SEIS?

● Quando se tem tempo de ir em casa, tomar um banho que leve em suas águas tôda a poeira de um dia de trabalho, é fácil comparecer ao encontro marcado, com aparência atraente e descansada. Porém, o homem de seus sonhos resolveu esperá-la à porta do escritório... às 6 em ponto. Será preciso que você se prepare em poucos minutos diante de um espelho requisitado insistentemente por suas colegas... Eis um ritual de beleza, que não demorará mais de 15 minutos, para auxiliá-la nessas ocasiões:

1 — Retire tôda a maquilagem antiga, com uma loção para o rosto. A loção deve ser levemente adstringente, para que não precise usar outra após.

2 — Depois escove os dentes, enquanto a pele seca. Use um dentifrício levemente mentolado, para refrescar o hálito. Se fuma, ponha na bôca uma tablete desodorizante, depois de ter escovado os dentes.

3 — Passe no colo e nas axilas um talco desodorizante, mesmo que já tenha usado pela manhã antes de sair de casa.

4 — Empregue alguns minutos banhando os olhos, com uma boa loção, para que êles apareçam claros e límpidos.

5 — Agora, aplique a base para a maquilagem: prefira uma base fluida, que sustente bem o pó. Passe êste com generosidade, e depois retire o excesso com uma escôva bem macia. A pele ficará com um acabamento maravilhoso.

6 — Um pouco de sombra para os olhos, passada discretamente; máscara para os cílios, que deve ser aplicada em duas finas camadas, e depois removido o excesso com uma escovinha.

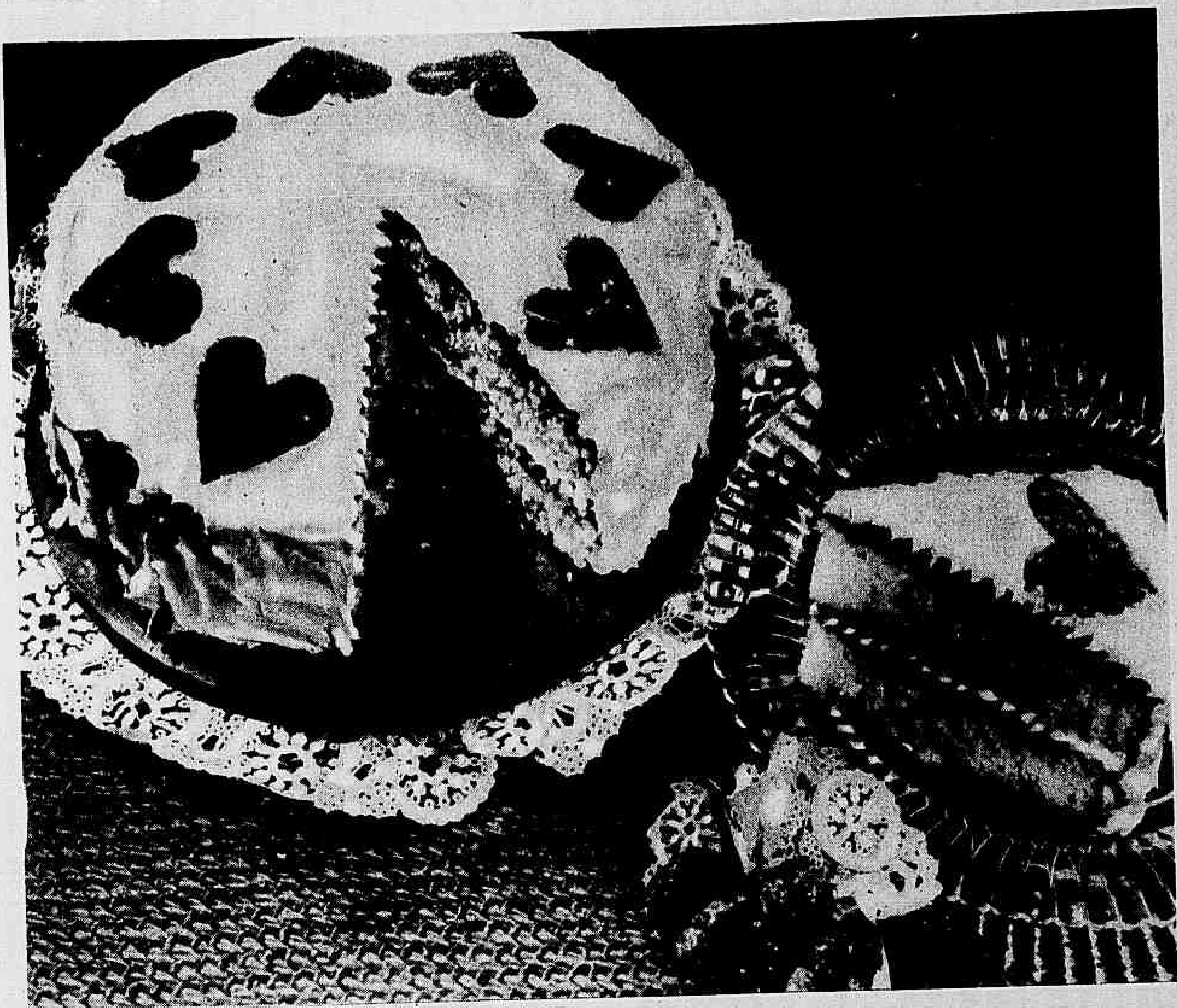
7 — E' a vez do batão: delineie os lábios com pincel; depois encha o centro com o próprio bastão de batão. Passe um papel absorvente nos lábios, para retirar o excesso. Empoe. Torne a passar mais batão.

8 — Tome um chumaço de algodão, embeba em água de colônia, passe na raiz dos cabelos para retirar o excesso de maquilagem. Depois, passe sôbre os cabelos; ficarão mais brilhantes. Penteie os cabelos ainda úmidos da colônia.

9 — Passe a colônia atrás das orelhas, no pescoço e nas mãos (depois de lavadas com água, sabão e escovinha).

10 — Como toque final, um pouquinho de seu perfume favorito nas têmporas, e uma escovadela em seu traje.

Estará pronta para um encontro maravilhoso às 6 em ponto!



WEEK-END NA COZINHA



● PARA O DIA DOS NAMORADOS, véspera de Santo Antônio, porque não prepara um bôlo especial? Com corações, naturalmente, como o da fotografia. Se você é soiteira, haverá **alguém** para convidar nesse dia... não se esqueça de que «o peixe se pega pela bôca»... Se você é casada, o há de ser em homenagem a seu marido, que, mesmo não sendo muito romântico, há de apreciar o sabor do bôlo...

Misture numa tijela: 3 xícaras de farinha de trigo, uma e meia xícara de açúcar, uma colherinha de sal (peneirados juntos) com uma xícara de manteiga e uma xícara de leite. Bata bem, à mão, ou com o batedor elétrico, cêrca de 2 minutos. Ponha para assar numa fôrma de cêrca de 20 cm. de diâmetro, que tenha sido untada com manteiga, e forrada com papel impermeável, também untado. Asse em fôrno moderado, perto de 40 minutos.

Depois de assado espere esfriar, e então cubra com uma glace de suspiro. Antes de levar ao forno para secar faça os coraçõezinhos com chocolate em pó, assim: recorte corações numa rodela de papel do tamanho do bôlo. Ponha por cima da glace, apenas encostando o papel de leve. Espalhe o chocolate nas aberturas. Retirando o papel, ficarão os corações. Pode usar açúcar cristalizado colorido, em vez de chocolate, se quiser. — TIA DULCE.

No bar...

"CIDER CUP" — Uma deliciosa bebida, porém um tanto ou quanto forte, cuja tradicional receita nos vem da velha Inglaterra.

1 litro de boa «english cider»; suco de 1 limão; suco de 2 laranjas (pera ou da Bahia); 1 copo de soda; fatias de laranja, limão, pepino; morangos ou cerejas em conserva; folhinhas de hortelã.

Ponha duas ou três fatias de laranja e limão na poncheira em que a bebida será servida. Corte uma comprida tira de casca de uma laranja e de um limão e guarde. Ponha na poncheira o suco de limão e de laranja. Junte a soda e a boa «english cider». Corte uma tira da casca do pepino. Termine de descascá-lo e corte em rodelas, que serão postas no ponche. Acrescente os morangos ou cerejas. Junte as folhinhas de hortelã. Sirva muito gelado e enfeitado com pedacinhos da casca de laranja, limão e pepino.



«Não há nenhum motivo para que eu não continue a minha carreira no cinema. Não me deixarei abater pelo infortúnio», esta a declaração de Suzan Ball aos jornalistas, logo após o seu casamento.



O amor faz S

SUZAN BALL, COM A PERNA DIREITA AMPUTADA, CHEGA AO ALTAR PELOS BRAÇOS DE DICK LONG, INICIANDO, JUNTOS, UMA VIDA NOVA FORA E DENTRO DOS ESTÚDIOS.

Texto de DOROTHY SHAW — Fôtos **Press Cinema**

HOLLYWOOD acaba de assistir atônita e emocionada a mais um gesto de coragem dessa moça de fibra que é Suzan Ball. Embora praticando durante menos de uma semana com a sua perna artificial, ela conseguiu caminhar para o altar no dia do seu casamento! «Foi o amor pelo meu marido que me fêz andar!» — declarou ela aos repórteres momentos após a cerimônia que a tornou a sra. Richard Long. Para se compreender e admirar melhor Suzan Ball, convém rememorar a sua punjente história: tudo começou em fins de 1952, quando, filmando uma cena para o filme «East of Sumatra», com Jeff Chandler, a jovem «estrelinha» da Universal perdeu o equilíbrio e caiu no cimento do «set» ferindo gravemente o joelho direito.

Meses depois, sofreu ela um acidente de automóvel, machucando a mesma perna. Desde então, nunca mais andou. Prêsa a muletas, passou a submeter-se a intenso tratamento de «radium», pois, no local do ferimento desenvolvera-se um tumor maligno, mais tarde classificado como câncer. Justamente nessa ocasião, regressava da Coréia — onde servira como soldado — o jovem ator Richard Long, também contratado da Universal. Êle conheceu Suzan no restaurante do estúdio e confessa que foi amor à primeira vista.

Como bem escreveu uma colunista americana, «Suzan era muito bonita, muito corajosa; Richard Long era muito simpático, muito bondoso». Apaixonaram-se um pelo outro, mesmo à sombra da amputação, e talvez da morte. Parecia um romance de Delly desenvolvido em plena Hollywood. Mas houve outro lamentável acidente pouco depois. Em fins de 1953 — um ano após a queda do estúdio — Suzan estava preparando sanduíches para o noivo na cozinha de sua casa, quando escorregou na vasilha de água de seu cãozinho e caiu em cheio no chão, que-



Mesmo de muletas e com a perna engessada, Suzan Ball acompanhou Richard Long ao Canadá, quando êle lá estêve filmando «in location», «Saskastchewan», com Shelley Winters e Allan Ladd.



Suzan Ball e seu marido, o ator Dick Long, no dia seguinte às suas núpcias. O drama de Suzan Ball comoveu tôda Hollywood: e o gesto de Dick foi dos mais belos já acontecidos na terra do cinema.

Suzan caminhar



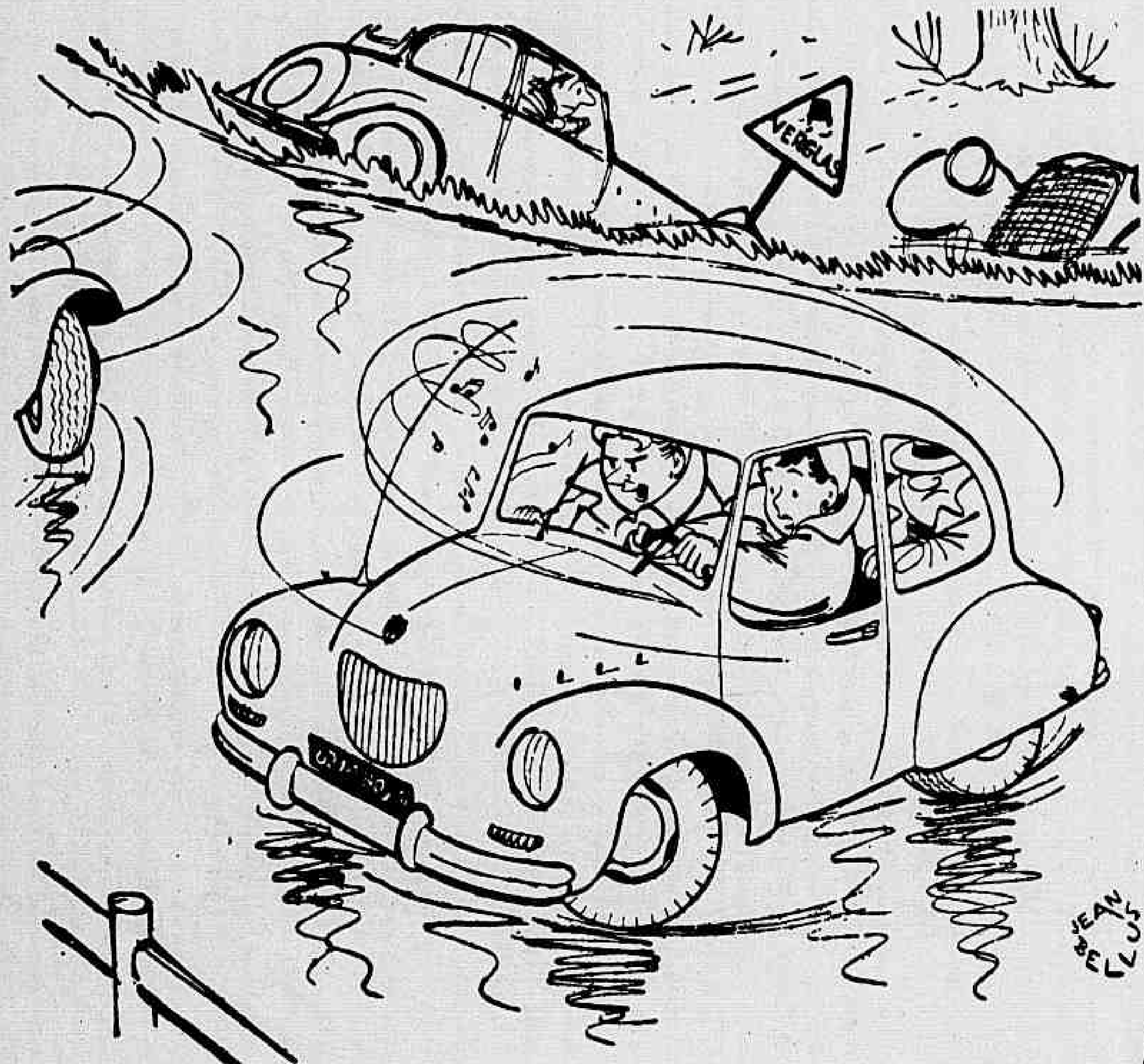
EPILOGO DE AMOR — Chorando de emoção, Richard Long declarou que espera que êste seja também o prólogo de uma nova vida para ambos. Ajudou Suzan a cortar o bôlo com as mãos trêmulas. «Não me casei com ela por piedade! Foi amor, puro amor!», disse à reportagem

brando novamente o joelho do tumor. Já não havia salvação: no dia 12 de janeiro de 1954, um dos melhores cirurgiões de Los Angeles amputou-lhe a perna direita na altura da coxa.

A 3 de fevereiro, Suzan completou 21 anos num sanatório em Hollywood, recuperando-se da operação com Dick ao seu lado e um anel de noivado no dedo. Ela prometeu que, assim que pudesse estrear a perna artificial, se casariam. Mas Dick Long não quis esperar. Conseguiu convencer Suzan e, no domingo de ramos de 1954, legalizaram o seu amor na pitoresca igrejinha presbiteriana de El Montecito, em Santa Bárbara. Suzan fêz uma surprêsa ao noivo e aos convidados. Aos primeiros acordes da marcha nupcial, ela surgiu pelo braço de seu pai, H. Dale Ball, caminhando para o altar com sua perna artifical. Ao vê-la andando, no seu vestido branco de renda, Dick Long não pôde conter as lágrimas. Os convidados também. Foram momentos de pura emoção formando um ambiente que raramente se vê nos filmes de Hollywood. Casados e felizes, Suzan Ball e Richard Long estão em lua-de-mel nas montanhas californianas escrevendo o primeiro (e o mais lindo) capítulo da nova vida que se propuseram a viver juntos e para sempre!

COMO ELAS DIRIGEM MAL NO

RISO DOS OUTROS



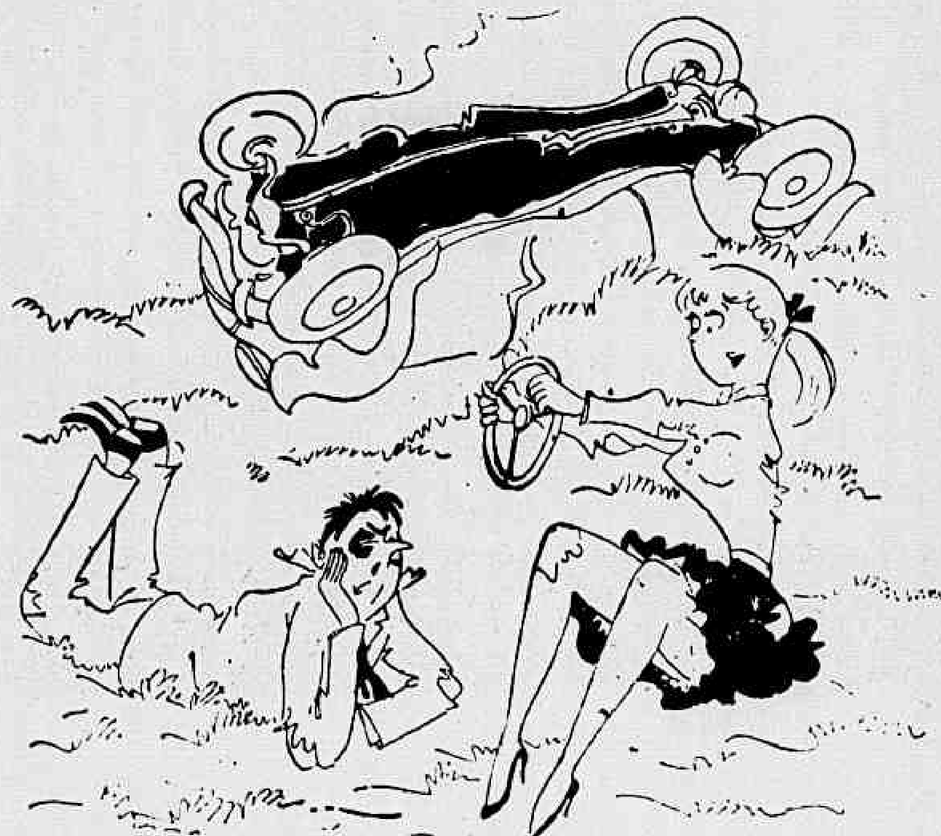
— E o diabo dêste rádio que continua a tocar valsa.



— Assassino! Foi você quem plantou esta árvore bem defronte do meu radiador?



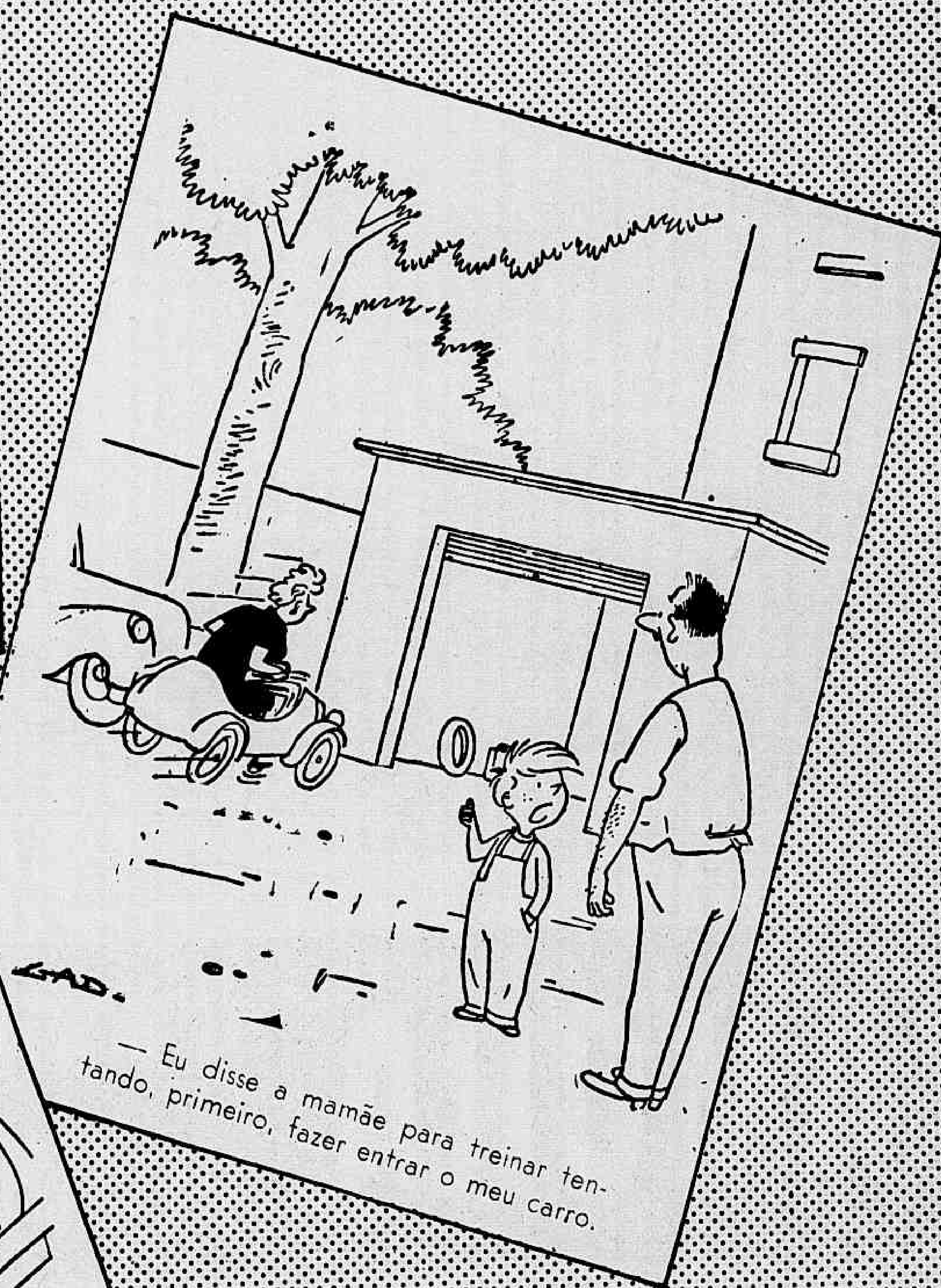
— Veja a sujeira do meu dedo! Você não está vendo que não é negócio comprar um automóvel nesse estado?



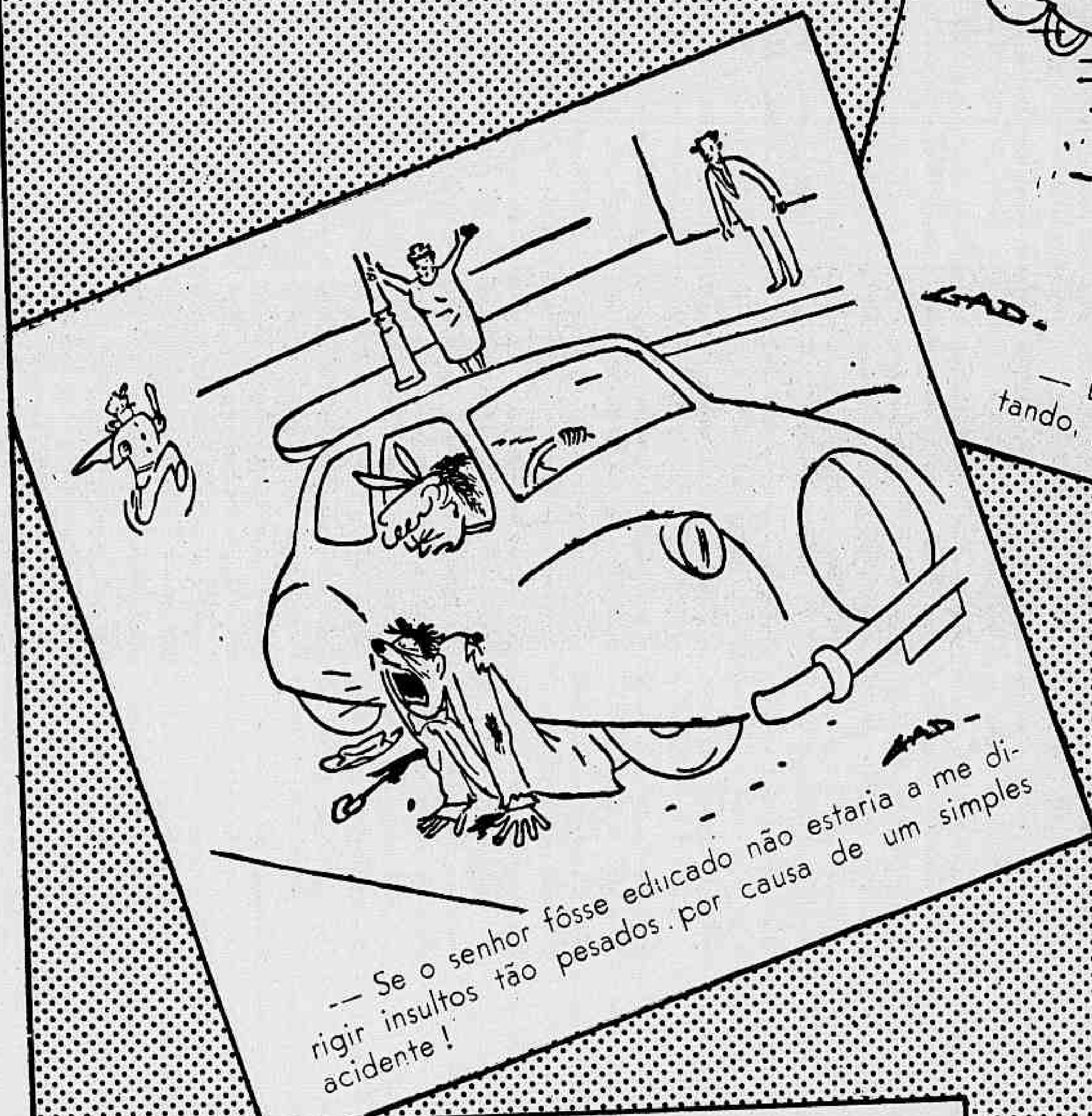
— Tome, então, o guidão e veja se dirige melhor do que eu!



-- Hein ? Não foi uma boa idéia de botar borracha na porta da garage ?



— Eu disse a mamãe para treinar tentando, primeiro, fazer entrar o meu carro.



-- Se o senhor fôsse educado não estaria a me dirigir insultos tão pesados por causa de um simples acidente !



— Eu bem que lhe disse que o meu marido não diria nada...



— Não sei o que tem seu automóvel. Não dá dois passos sem infringir uma lei de trânsito.



"O FUTEBOL DE HOJE É TÌPICAMENTE INTELECTUAL"

● RICARDO ZAMORA, «o maior goleiro de todos os tempos», reside atualmente em Vigo (Hotel Alameda), Espanha. Nasceu em Barcelona, há 54 anos atrás. Contava apenas 13 anos de idade quando integrou o quadro de reservas do «Real Club Desportivo Espanhol», de sua cidade natal. Aos dezessete anos, defendeu pela primeira vez a seleção da Espanha, pôsto que conservou ininterruptamente por quinze anos. Coube, sem dúvida, a Zamora elevar o futebol espanhol à ribalta internacional. Um dos seus maiores feitos teve lugar em 1920, nas Olimpíadas que se realizaram em Antuérpia (Bélgica), quando Zamora defendeu um fortíssimo tiro de Balonceri chutado de apenas dois metros; ainda no mesmo jôgo, Zamora defendeu um violento chute de Brezzi, disparado de apenas quatro metros — numa defesa que, segundo os jornais, «sòmente Zamora podia executar». Do «Real Club Desportivo Espanhol», Zamora transferiu-se, em 1932, para o «Real Madrid». Atualmente é treinador do «Celta», de Vigo.

ZAMORA O MAIOR GOLEIRO DE TODOS OS TEMPOS DIZ QUEM VENCERÁ

O ANTIGO E FAMOSÍSSIMO «KEEPER» DE VÁRIAS SELEÇÕES ESPANHOLAS APONTA DEFEITOS E VIRTUDES DOS MAIORES QUADROS DE FUTEBOL DO MUNDO INTEIRO ★ HÚNGAROS E URUGUAIOS, OS MAIS COTADOS.

Reportagem de LAMBERTO ARTIOLI

FOI ao «maior goleiro de todos os tempos» que o jornalista italiano Lamberto Artioli fêz as perguntas que se seguem, que publicamos acompanhadas das respostas de Ricardo Zamora.

1ª — O futebol mundial perdeu muito de sua elegância espetacular. Acredita que isso se deu em virtude de uma crescente decadência da técnica?

Zamora responde:

— No meu modo de ver, estamos em meio a um labirinto sem porta de saída, em uma confusão tal que acabou manietando o jogador aos chamados «esquemas fixos», o que não lhe permite mais lançar mão dessa improvisação de que foram mestres, no passado, os jogadores italianos e espanhóis.

«O FUTEBOL ENTROU NUMA FASE INTELECTUAL»

2ª — Como explica a escassês no futebol mundial, de jogadores verdadeiramente de classe?

Resposta de Zamora:

— Atualmente o futebol entrou numa fase que podemos chamar de «intelectual», já que as pessoas que o organizam e dirigem, falando num senso universal, são homens de cultura muito elevada, que tomaram o lugar dos dilettantes do começo que possuíam apenas a paixão pelo futebol. Deduz-se disso que o futebol dirigiu os seus passos em direção ao estudo e à análise, em favor do conjunto e com prejuízo da preponderância de um outro jogador. Dessa maneira torna-se difícil o aparecimento de grandes figuras individuais; o que se faz notar é o quadro completo.

3ª — Por que é mais fácil encontrar bons defensores que atacantes?

Zamora:

— Sempre foi mais fácil destruir do que construir. No futebol moderno, porém, tende-se a obter que a construção das ações parta da linha defensiva, e, por isso, também neste terreno vamos tendo cada vez mais dificuldades na escolha dos elementos capazes.

«OS INGLÊSES SE REABILITARÃO»

4ª — Segundo sua opinião, quantos anos levará o futebol inglês para reconquistar o seu lugar entre as principais seleções do mundo?

Responde Zamora:

— O futebol inglês dispõe de uma enorme potencialidade, devida particularmente à sua organização, ao número de atletas que o praticam e aos muitos anos de experiência que ficaram para trás. Até bem pouco tempo, os inglêses se ilhavam na sua terra e pouco se preocupavam com o desenvolvimento do futebol estrangeiro. Finalmente chegaram à conclusão de que seriam (e têm sido) fàcilmente batidos pela técnica de outros países, resolvendo, por isso, ambientar-se aos sistemas e esquemas

Zamora, «o maior goleiro de todos os tempos», acredita na vitória final dos húngaros, na «Copa do Mundo», e acha que a Itália não chegará às finais. O instantâneo acima é de 1931 e nêle o grande «keeper» espanhol aparece (num jôgo contra a seleção inglêsa) numa de suas espetaculares defesas que criaram um estilo novo no futebol mundial

A “COPA DO MUNDO”

alheios. Ora, todo mundo sabe que os inglêses são admiradores do futebol húngaro e sul-americano. Isto quer dizer que aprenderam a lição que mostra que em futebol, como na vida social, o isolacionismo não é o mais recomendável. Estou certo que o futebol britânico voltará à sua posição antiga.

QUEM VENCERÁ A «COPA DO MUNDO»

5ª — Por absurda que seja a pergunta — quem venceria um encontro entre a «Hungria de hoje» e a «Inglaterra de ontem»?

Zamora responde:

— É muito difícil dizê-lo. A sobriedade do futebol inglês do passado e o dinamismo do futebol húngaro de agora são tão diferentes entre si que resulta ser impossível fazer qualquer prognóstico a respeito de quem levaria a melhor num embate entre tais equipes.

6ª — Quais, segundo sua opinião, as quatro seleções que conquistarão os primeiros quatro lugares, na «Copa do Mundo»?

Zamora responde:

— A seleção húngara, duas sul-americanas e a inglêsa. Não resta a menor dúvida: os húngaros serão os campeões da «Copa do Mundo».

7ª — E a Itália?

Resposta:

— Creio que não chegará às finais.

RECORDAÇÕES DE ZAMORA

8ª — Qual o time mais perigoso com o qual lutou?

Resposta:

— A seleção inglêsa, em 1930 e 1931.

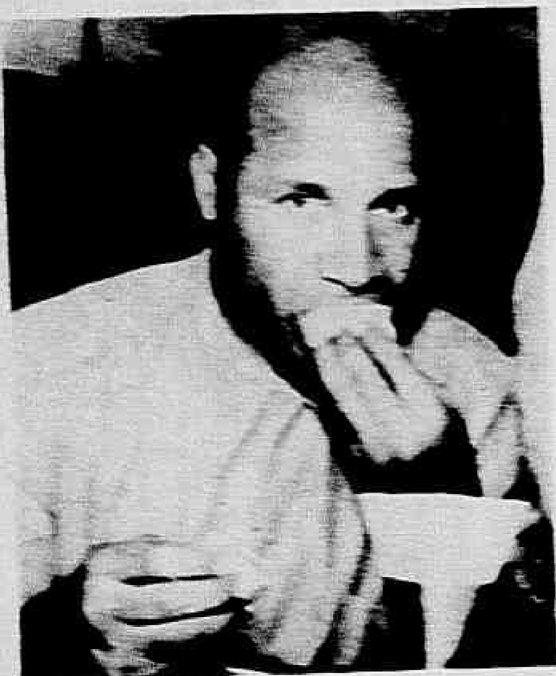
9ª — Qual, no seu modo de ver de goleiro, o atacante mais perigoso que já defrontou?

— Samitier, do «Barcelona» e centro-atacante da seleção espanhola, foi o jogador que me deu mais trabalho, porque, além dos seus dotes de extraordinário jogador, possuía tal malícia que se tornava impossível adivinhar as suas intenções no instante em que realizava qualquer ação.



RICARDITO, o filho de Zamora, de 20 anos de idade, tenta tomar o lugar do pai no futebol espanhol. E' goleiro rápido, preciso e de grande coragem. Os críticos esportivos vaticinam para êle uma gloriosa carreira no futebol da Espanha. Atualmente Ricardito é o goleiro do time-reserva do «Atlético» de Madri, mas tudo leva a crer que ainda nesta temporada formará no quadro principal

A ALIMENTAÇÃO DOS TRABALHADORES



● A instalação de restaurantes do SAPS e em grande número de fábricas no Brasil, para dar aos operários uma alimentação adequada à base de cuidadosas pesquisas científicas, veio aumentar de maneira surpreendente o rendimento do trabalhador brasileiro. Conseguiu êste atingir os níveis de produção dos seus colegas em outras partes do mundo, provando assim que seu baixo rendimento não era resultante da sua suposta indolência nem tampouco explicável — como queriam outrora — pelo clima. O que se tornou evidente foi, antes, a correlação existente entre alimentação e a produção. Aliás não há nisso descoberta nova: em todos os países do mundo está sendo atribuída importância cada vez maior à boa alimentação, como fator essencial à saúde e à prosperidade dos povos.

Além do operariado também outras classes vêm sendo beneficiadas com essa campanha de esclarecimento sôbre a importância da boa alimentação, como fator de progresso. Pouco a pouco tornam-se conhecidas as bases da ciência moderna da nutrição, capaz de eliminar muitos males. Em nosso país o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) vem desenvolvendo ação dupla — técnica e prática. Não só fornece refeições e gêneros alimentícios aos trabalhadores a preços baixos como realiza intensa obra de pesquisa e análise dos nossos alimentos. Tôda uma equipe de nutrólogos, químicos, nutricionistas e outros técnicos dedica-se a tais estudos, cujos resultados têm ampla divulgação através do rádio e da imprensa.

A importância dêsse trabalho deu ao Brasil renome além das nossas fronteiras, tanto assim que a obra daquela instituição já começa a despertar interêsse no estrangeiro, sobretudo em relação à parte científica e educacional, na qual os nutrólogos e técnicos de propaganda que ali exercem atividades vêm realizando obra da maior significação. E graças a tais atividades, vai-se modificando pouco a pouco o regime de carência em que vivem os brasileiros, atribuível não só aos fatôres de ordem econômica, como também à falta de compreensão dos problemas agora divulgados pela ciência da nutrição.



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE" e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAÍS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES:

RIO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 32 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

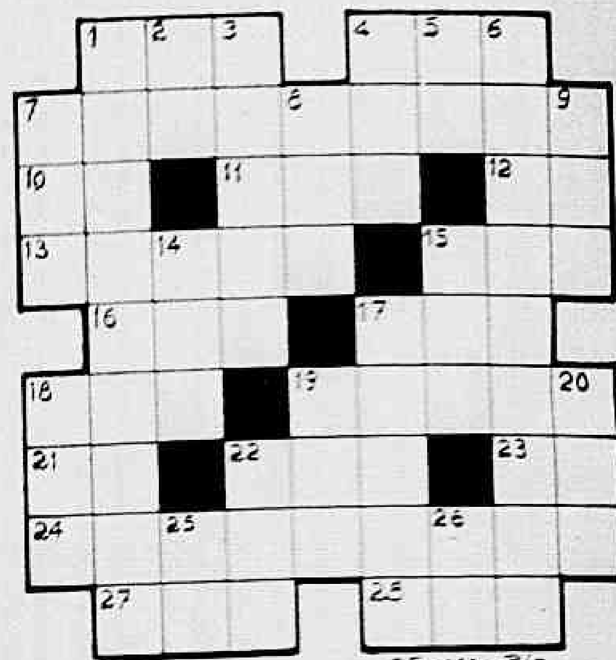
Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 18

PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Interjeição usual entre os índios e caboclos da Amazônia, exprimindo espanto, alegria ou mofa — 4. Grande árvore da Índia — 7. Aterrado — 10. Nota musical — 11. Desejo de vingança — 12. Símbolo do manganês — 13. Aproximação — 15. Planêta nº 221 — 16. 7ª letra do alfabeto grego — 17. Árvore com cuja madeira foi construído o barco dos argonautas — 18. Ave da família dos Caculídeos — 19. Planta da família das Liliáceas — 21. Unidade de idioplasma (teoria da hereditariedade de Weissmann) — 22. Templo japonês — 23. Símbolo do metal que tem de pêso atômico 58,69 — 24. Embargado — 27. Cidade dos EE. UU. na Pennnsilvania — 28. Idade.

Verticais: — 1. Que cresce sôbre árvores — 2. 18ª letra do alfabeto árabe — 3. Foge do que pode ser nocivo — 4. Cidade da Itália, no Piemonte — 5. 31ª letra do alfabeto russo — 6. Admoestação — 7. Governanta de padre — 8. Planta da família das Leguminosas Papilionáceas — 9. Medida holandesa de pêso, equivalente a um hectograma — 14. Cidade do Estado de S. Paulo — 15. Deus da Aurora — 17. Gênero de palmeiras — 18. Criada de quarto — 19. Suspiros — 20. Gênero de plantas umbelíferas — 22. Coisa muito doce — 25. Medida japonêsa de extensão — 26. Divindade greco-romana.

PARA NOVATOS

Horizontais: — Curso de água natural — 4. Cólera — 7. Fio metálico — 10. Concede — 12. Argola — 13. Batráquio — 14. Pedra do altar — 16. Moléstia — 17. Ligariam — 18. Mau cheiro — 19. Chefe etíope — 21. Ama-sêca — 22. Única — 24. Ali — 25. Pateta — 27. Camareira — 28. Seguiam.

Verticais: — 2. Andava — 3. Reza — 4. Íntimo — 5. Criminosa — 6. Jornada, partida — 8. Árvore cuja madeira é própria para construções — 9. Óxido de cálcio — 11. Aguardente extraída do arroz fermentado — 13. Ramificação — 15. Fruta-do-conde — 16. Oceano — 18. Rebordo de chapéu — 20. Condimento — 22. Verme que aparece em feridas de animais — 23. Nome de homem — 25. Gemido — 26. Em partes iguais.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 17

PARA VETERANOS

Horizontais: — om — ala — ar — magnético — apa — aia — Ers — pansófico — itã — sal — til — orgulhoso — má — soo — es.

Verticais: — Om — maniatara — Ana — leptófilo — ata — acercar-se — ro — api — anã — eis — sol — tus — Lha — Om — os.

PARA NOVATOS

Horizontais: — pôr — dor — ruas — raro — er — ore — as — ofensor — Ur — ir — rígidas — Au — uni — Om — bise — Roma — ara — dar.

Verticais: — pré — ouro — Ra — da — orar — ras — soergue — residir — Rn — tul — ora — ruir — ia — soma — aba — mar — sá — od.

BIOGRAFIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

OTTO SCHNEIDER

CONTA o editor José Olimpio que, em 1948, foi procurado por um escritor chegado de São Paulo. Chamava-se Ernani Silva Bruno e vinha oferecer os originais de um volume de 300 páginas sôbre a história paulistana no século 19. Título: «Retrato de uma Capital de Província». Sugeriu-lhe o editor, percebendo de imediato a capacidade do autor, de realizar uma obra de maior vulto, que estendesse seu estudo aos demais séculos, escrevendo a biografia completa da capital das Bandeiras. Ernani Silva Bruno aceitou o convite. Mergulhou durante quatro anos na história da sua cidade para nos dar agora esta obra estupenda: «História e Tradições da Cidade de São Paulo», em três belos volumes, com um total de 1.542 páginas, que o editor José Olimpio resolveu, e merecidamente, apresentar como um dos seus lançamentos de maior prestígio.



ASPECTO ARTÍSTICO

A esta obra, tôda ela impressa sôbre papel «couché», dois grandes nomes nacionais — ambos paulistas — deram sua colaboração artística: Portinari, com três magníficos desenhos em côres, abrindo cada um dos três volumes, e Clóvis Graciano, com 112 bicos-de-pena. Acrescentou-lhes o editor 170 fotografias, reproduzindo aspectos antigos e modernos da cidade que ora festeja seu quarto centenário.

ESTRUTURA DA OBRA

Depois do prefácio de Gilberto Freire e uma introdução do autor sôbre as Cidades-Grandes do Brasil, entramos na primeira parte: «Arraial de Sertanistas» (1554-1828). Segundo volume: «Burgo de Estudantes» (1828-1872), e o terceiro: «Metrópole do Café» (1872-1918). Segue um apêndice: «São Paulo de Agora» (1918-1953).

No fim do último volume encontramos ainda 32 páginas de bibliografia, mais de 50 páginas de notas sôbre as gravuras e perto de 70 páginas de índices de nomes e assuntos, que facilitam a consulta. Merecem especial menção as três grandes plantas a côres, uma no fim de cada volume.

HISTÓRIA EMPOLGANTE

A erudição de um escritor às vêzes se revela inimiga do leitor. Não é êste o caso de Ernani Silva Bruno. Sua obra nada tem de estafante, apesar de minuciosa. Escreveu um livro que, em inglês, se chamaria eminentemente «readable», tal a simplicidade e segurança com que narra os quatro séculos da hoje fabulosa metrópole, sem dramatizações que acabariam por cansar o leitor, mesmo porque o drama, desde a epopéia das bandeiras até a febre do progresso que irrompeu com o ciclo do café, sempre está presente, consciente e palpàvelmente presente, dispensando repetidas acentuações. E vista em seu conjunto, num grandioso panorama, que empolgante história esta de São Paulo como fenômeno social e sociológico, ainda sem paragão no mundo!

O que Ernani Silva Bruno arrancou aos documentos de quatro séculos, aqui está condensado em 1.500 páginas, em que sentimos cada nervo e cada músculo dêsse gigante que só agora, aos 400 anos, está se dando conta do dinâmico impulso que o vem projetando rumo a um futuro de estupendas realizações.

FICHÁRIO



★ OS EDITÔRES IRMÃOS PONGETTI adquiriram os direitos de tradução de um novo livro de Lin Yutang: «O Portão Vermelho» que será publicado, possìvelmente, ainda êste ano. No prelo, uma reedição de «O Sábio Jovial». Outro livro do escritor chinês, «A Deusa de Jade», lançado recentemente, esgotou-se em poucos meses.

★ LITERATURA INFANTIL do mais puro quilate: «Peter Pan e os Três Irmãos», «Peter Pan e os Piratas» e «Peter Pan e os Índios», por Walt Disney, profusamente ilustrados a côres (Edições Melhoramentos). Dá até vontade de voltar a ser criança para saborear o encanto destas histórias de poucas palavras e muitas figuras.

★ ORIGENES LESSA acaba de fazer uma completa revisão do seu conhecido romance «O Feijão e o Sonho» que, ainda êste ano, vai entrar na quarta edição, alcançando um total de 50 mil exemplares. Para tanto, já assinou contrato com as Edições Melhoramentos. Simultâneamente, Origenes Lessa terá lançado, por José Olímpio, seu mais recente romance: «Rua do Sol».

★ ÊSTE MÊS, a Coleção Saraiva registra seu sexto ano de existência, com um total de 72 volumes publicados (um por mês), de 200 páginas em média e ao preço de 10 cruzeiros. O número de assinantes da Coleção Saraiva vai caminhando para a casa dos 50 mil. O volume distribuído no corrente mês é um romance inédito de Amadeu de Queiroz: «A Rajada».

★ AS EDIÇÕES MELHORAMENTOS apresentam a «História da Cidade de São Paulo», por Afonso de E. Taunay. Belo volume de 274 páginas, em gostosa roupagem gráfica, ilustrado com dezenas de gravuras, em sua maioria reproduções fotográficas. É uma história completa e bastante minuciosa da capital bandeirante, desde os primeiros povoadores do litoral paulista e do planalto piratiningano.

★ «DICIONARIO DE DIFICULDADES, erros e definições de português», com 2.000 verbetes classificados em ordem alfabética, elaborada por Luís A. P. Victória, e editado pelos Irmãos Pongetti. Livro de imediata utilidade. Vale a pena ter às mãos para dirimir dúvidas de português.

★ MARIA ELENA FONTANA acaba de estrear com o romance «Biografia de uma Rua», em que reconstitui, dos fins do século passado até os nossos dias, a vida de uma família importante que se localizaram numa colina de Curitiba e nos dá um retrato inteiro da vida da capital paranaense. Estilo de surpreendente leveza para uma estreante. Bons diálogos. (Edições «O Cruzeiro», 224 páginas).

★ VAMOS SAUDAR uma obra de autêntica poesia! «A Luta Corporal», de Ferreira Gullar. Bomba atômica sôbre a pasmaceira. Por enquanto, a maioria dos críticos está torcendo o nariz. Que torçam! Ferreira Gullar está abrindo picada a dinamite. «As minhas palavras esperam no subsolo do dia . . . Construo uma nova solidão para o homem . . . Construo, com os ossos do mundo, uma armadilha; aprenderás, aqui, que o brilho é vil; aprenderás a mastigar o teu coração».

★ SE VOCÊ AINDA se atrapalha com dúvidas em matéria de ortografia, estude êste «Guia Ortográfico», do Irmão Arnulfo (134 páginas — Editôra Globo). É uma sistematização prática e didática das normas ortográficas vigentes, com riqueza de exemplificação e copioso vocabulário.

★ «O SERINGAL E O SERINGUEIRO», por Arthur César Ferreira Reis, é mais um volume do Documentário da Vida Rural, lançado pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. Em 150 páginas de formato grande, com numerosos bicos-de-pena de Percy Lau, o autor apresenta um trabalho de intenso interêsse para o estudioso dos aspectos histórico, econômico, sociológico e cultural do seringal e do seringueiro. Magnífico trabalho!

★ NA HISTÓRIA DO ROMANCE brasileiro, o nome de Franklin Távora, cearense (1842-1888), é de extrema importância. Foi o primeiro a gritar, no século passado, pelo domínio da observação no romance nacional, e foi o criador da «literatura do Norte». Um dos seus melhores trabalhos de ficção é «O Cabeleira», reeditado agora pelas Edições Melhoramentos, com uma introdução de Paulo Dantas.



[illegible] encontrar o sr. Carlos Eduardo de Sousa Campos em sua casa, [illegible] hora do almoço. Foi dizendo: «Olhe, se você não almoçou, almoce [illegible]. Só disponho de quarenta minutos para a refeição e, assim, [illegible] enquanto isto». O sr. Carlos Eduardo (mais conhecido [illegible] Didu) é baiano, descendente de duas das mais ricas famílias do [illegible] e tem sangue de financista nas veias (seu pai, sr. Vilobaldo [illegible], é diretor do Banco do Brasil e o avô de seu pai foi o fundador e presidente do Banco da Bahia).

Resultado desta tradição: Didu, em 1934, fêz concurso para o Banco do Brasil, passou e foi nomeado caixa da Sucursal em Nova Iguaçu, o que quer dizer que era obrigado a acordar, diàriamente, às 5 da manhã (o que nos faz concluir que ficou muitas noites sem dormir) e tomar [illegible] «Maria Fumaça» para chegar a tempo.

Hoje, Didu é inspetor-chefe do Banco e é casado com uma bela [illegible] que já apareceu várias vêzes na lista das 10 mais elegantes. [illegible] — é o seu nome — saiu em recente reportagem de várias páginas [illegible] «Life», que a indicou como sendo a mulher mais bem vestida do [illegible]. Ano passado, Didu estêve na França estudando o sistema de funciona[illegible]mento da Câmara de Cheques, assunto intimamente ligado ao seu [illegible]. Agora, Didu está para embarcar novamente, só que, desta vez, [illegible] a filha que estuda na Suiça. Trata-se de um financista com coração [illegible] pai. «Na realidade — contou-nos êle — estou roxo de saudades [illegible] minha filha».

CARLOS EDUARDO DE SOUZA CAMPOS, HOMEM DE BOM GÔSTO E DO "BATENTE"

O outro lado de um dos dez homens mais elegantes do Brasil mostra um cavalheiro atarefado e muito certo das coisas de que gosta e de que não gosta.

Reportagem de PEDRO MULLER
Fotos de ARNALDO VIEIRA

PING — Usar bigode é elegante?

PONG — Ora, depende do tipo de bigode! Há os bigodes políticos, científicos, artísticos, elegantes e até ridículos, servindo, muitas vêzes, de camuflagem para fisionomias pouco contempladas pela sorte.

PING — Desde que idade você trabalha?

PONG — Comecei a trabalhar com 17 anos, como ajudante de escritório da firma corretora e de representações A. Curvello & Cia. Ganhava, então (bons tempos!) 150 cruzeiros mensais. Entrei para o Banco do Brasil em 1934, como caixa da agência de Nova Iguaçu. Fui aprovado em concurso público e conto, agora, 20 anos de serviço ininterrupto.

PING — Você faz isso por diletantismo?

PONG — Absolutamente! Por necessidade e princípio.

PING — Qual o segrêdo do bem-vestir?

PONG — Não conheço nenhum segrêdo. Todavia, a discrição e a harmonia são fórmulas dominantes para o homem que pretende se vestir bem.

PING — Pode-se trabalhar de paletó esporte?

PONG — Realmente, existem certos encargos que impõem indumentária adequada. Logo, um paletó esporte...

PING — Qual a sua bebida predileta?

PONG — Água!

PING — Qual o seu passatempo?

PONG — Tenho horror a ver passar o tempo. Aos sábados e domingos, se o tempo é sêco jogo polo.

PING — Que tal a política financeira do Govêrno?

PONG — O plano financeiro ora em execução foi elaborado por homens patriotas, inteligentes e de boa vontade. Cedo é ainda para fazer prognósticos, conquanto, em parte, já se tenha sentido alguns benefícios indiretos.

PING — O sr. Osvaldo Aranha é homem elegante?

PONG — Moral e fisicamente.

PING — Você já viajou muito?

PONG — Não inda bastante. Dos seis anos aos 15, levado por meus pais, passei grandes temporadas na França e Alemanha e na Suíça onde, inclusive, estudei. Não saí do país durante 23 anos. Depois disso, voltei a viajar com mais assiduidade.

PING — Quantos filhos você tem?

PONG — Dois: Lilian, moça de 16 anos, ora estudando na Suíça e um menino, Diduzinho, de cinco anos, único descendente homem da nova geração dos Souza Campos.

PING — Você nunca teve vontade de ficar sem fazer a barba?

PONG — Talvez, se não picasse tanto!

PING — De onde vem o seu apelido Didu?

PONG — De uma remota infância! Degenerescência de Eduardo. Era como me chamavam primos que aprendiam a falar. Mais tarde, meu irmão incumbiu-se de espalhar pelo colégio onde junto estudávamos e as crônicas onde portivas dos jornais da Bahia e do Rio de Janeiro popularizaram-no.

PING — Num jantar para homens, quem você convidaria?

PONG — Meus amigos!

PING — Qual o melhor «papo» da Sociedade?

PONG — Todo aquêle que falar de assuntos que me interessem.

PING — Em que ano você jogou no «goal» do Esporte Clube Brasil?

PONG — Em 1931.

PING — Você já levantou algum campeonato de polo?

PONG — Com os meus companheiros de clube, alguns.

PING — Qual o seu grau de amizade com Aly Khan?

PONG — Aly é um velho amigo de mais de 14 anos. Grande coração e cem por cento igual e sincero.

PING — Você gosta da vida de Sociedade?

PONG — Gosto dos lugares onde possa encontrar meus amigos.

PING — A sua senhora, que é das dez mais elegantes do Brasil, costuma pedir a sua opinião sôbre os vestidos?

PONG — Tereza tem forte personalidade. Seu bom gôsto revela-se sob as mais variadas formas e aspectos. Tôda mulher só pergunta a opinião do marido quando está certa dêle concordar com seus desejos.



CARLOS EDUARDO DE SOUZA CAMPOS: As vêzes não tem tempo nem de fazer a barba, embora muitos o julguem um «boa vida» sem problemas nem horário.

PING — Você pertence a algum partido político?

PONG — Se o sr. Getúlio Vargas fôsse um partido certamente estaria alistado em suas fileiras. Entretanto, tratando-se de eleição, voto de sã consciência nos candidatos que me mereçam fé, escolhidos neste ou naquele partido.

PING — Qual a sua opinião sôbre o atual «scratch» brasileiro? Vencerá?

PONG — Deverá vencer. Poderá perder! Para isso é futebol. Acredito no Zezé Moreira. Foi meu companheiro de quadro no «Esporte Clube Brasil».

PING — Que modificação você faria?

PONG — Escolheria o Maneco Muller, também conhecido por Jacinto de Thormes, para o «goal» da nossa seleção...

PING — Por que você usa flor na lapela?

PONG — Responda-me você para que existem as lapelas...

PING — Eu já o vi fumando cachimbo, vestido de «smoking». Isso é correto?

PONG — Só lhe posso garantir que é gostoso! Mordo cigarros, babo charutos — mal estar tremendo! — só sei mesmo fumar cachimbo e o faço e farei de pijama ou de casaca.

PING — Qual foi sua melhor experiência? Que

PONG — A que posso adquirir no momento.

PING — Qual a sua melhor experiência? Que tal a vida que Deus lhe deu?

PONG — Se hoje deixasse de existir e me fôsse concedido pelo Todo-Poderoso escolher meu destino, imploraria que nascesse dos mesmos pais, encontrando a mesma mulher com quem estou casado e me concedesse os mesmos filhos que adoro. Pessoalmente, creio que a mais proveitosa experiência que tenho recebido foi ter tido o apoio e os exemplos de meu pai, quando jovem, e hoje com seu convívio diário. Considero-o, em resumo, um grande homem.

PING — Quais as maiores personalidades internacionais que você conheceu?

PONG — Lembro-me, que conheci alguns Presidentes de Repúblicas, Ministros de Estado, Militares e Heróis de Guerra, Cientistas, Artistas, Artistas de cinema de vários países, etc. Conheci uma ou duas testas coroadas, outras que já tiveram coroas e muitas que esperam e pretendem ter. Enfim, tôda uma seqüência de títulos e brazões. Alguns se tornaram meus amigos, outros passaram como tudo passa...

PING — Alguma vez você já estêve à morte?

PONG — Nunca estive à morte, graças a Deus, conquanto já tivesse estado muitas vêzes bem perto dela!

PING — Já se apaixonou por alguma corista?

PONG — Tôda mulher bonita é digna de «paixão».

PING — Já pensou alguma vez em ser padre?

PONG — E você já pensou alguma vez em ser foguista de navio cargueiro?

PING — O que você acha do esquema Etelvino?

PONG — Todo esquema político é bom quando são bons os seus propósitos.

ANA ZULEIKA FLAKS tem
18 anos de idade. É filha de poloneses e gaúcha de
nascimento. Tem 1,6[illegible] de altura, 54 quilos, 85 centíme-
tros de busto. É solteira.
Gosta de ballet, andar de
bicicleta, nadar, mas não gos-
ta [illegible], e adora automóvel,
mas não tem. Sabe cozi-
nhar, dança bem, toca violão
e acha a vida uma boa bola.

"Miss Centenário": olhos verdes e cabelos pretos

ZULEIKA SERÁ RAINHA POR CEM ANOS

"Quem decidiu a minha candidatura ao título de "Miss Centenário" não fui eu, foram meus parentes e amigos. Não tinha certeza que venceria, mas alimentei esperanças. Quando recebi a notícia, só faltei pôr fogo na casa, e, agora, rumo a Paris...





RESPOSTAS SEM PERGUNTAS

- Sim, é antigo sonho meu ingressar no cinema.
- Meu tipo de homem é o inteligente. Se possível, também moreno, alto e simpático.
- Não sou supersticiosa. Enfrento gato prêto e 13 em qualquer terreno.
- Gosto de gatos e cães.

FRASES SÔLTAS DA RAINHA

- «Kirk Douglas é um tipão».
- «Já tive dois namorados».
- «Casarei quando aparecer o meu Príncipe Encantado».
- «Cozinho mais ou menos».
- «As mulheres seriam formidáveis se não falassem muito».
- «Os homens são ingratos (às vêzes) e quase sempre mentirosos».



ÍNDIO entre parentes, amigos e fãs. Foi o mais festejado.

A SELEÇÃO PARTIU C



SANTOS e espôsa. Declarou o «full-back»: — «Seremos os primeiros».



VELUDO: o goleiro da seleção apanhou um resfriado na Suíça.



DIDI e senhora. O festejado «crack» foi dos últimos a subir no avião.



JULINHO: cercaram-no, e um levou uma bola para ser autografada.

ÍN
es



FLEITAS SOLICH foi levar o seu abraço amigo a Zezé Moreira.

A madrugada do dia 26 estava fria, o céu nublado — mas foi grande o calor levado pelos fãs, centenas dêles, que foram levar seu abraço de despedida aos «scratchmen» brasileiros que partiram para a Suíça. Além dos fãs, parentes e amigos; e quase todo o estado-maior do futebol, representado por quase todos os seus paredros. Minutos antes do avião alçar vôo, ouviu-se de alguém, dentre os fãs, êste pedido:

— Voltem com a vitória!

E logo era o côro geral:

— Voltem com a vitória! Voltem com a vitória!

O ânimo dos «cracks» era confiante e bem humorado. E quando um repórter perguntou a Julinho seu palpite sôbre os húngaros, o ponta-direita respondeu: «Haveremos de dar um jeito nêles». Deus o ouça.

CONFIANTE



ÍNDIO e sua mãe: «Vá, filho, e se esforce para fazer tudo direitinho».



PINHEIRO: o «back» cantou antes de entrar no avião. E levou o violão.

CHAMPANHOTA

PETER



Srs. Carlos de Laet, Carlos Guinle e sra. Paulo Sampaio. **(Foto Rio Magazine)**

● **Fora de dúvida que começou bem a «saison» de inverno. O Municipal, numa seqüência feliz, apresentou Marian Anderson, o pianista Gulda (que improvisou na «Jam Session» da buate Beguin) e Jean Louis Barrault, enquanto outros donos da noite apresentavam a magnífica Joyce Bryant, que tem um estilo completamente seu e um novo «show» que tem provocado as críticas mais disparatadas, enquanto o velho «show» muda-se para o pequenino Jardel, onde continuará o sucesso que fêz desde o dia que estreou no Casablanca. Na minha opinião, o diabo ali deu só o conselho; depois, afastou-se. Afinal, quem mais poderia ter inspirado tamanho pecado?**

● Barrault vai e os ecos ficam

A Companhia Jean Louis Barrault, enquanto estêve no Rio, viveu no corre-corre. Muitas foram as reuniões dadas em honra aos simpáticos embaixadores da cultura francesa, entre elas a proporcionada pela pintora Vera Bocayuva, a do Barão de Saavedra e a do sr. Rodrigo (Didi) Otávio Filho. A tôdas reuniões compareceu a maioria dos artistas, sempre levando o cachorro Bobosse.

● Cadillac para operários

O sr. Vitor Bouças (Liens-club) vem adotando em sua fábrica medidas que, além de se anteciparem ao ministro Couto Filho na campanha da fertilidade, estão mais adintadas que a mais moderna assistência social. O senhor em questão está colocando seu belíssimo «Cadillac» à disposição dos seus operários recém-casados.

● Movimenta-se Paris

O decorador Sansão Castelo Branco está agitando Paris, principalmente os meios ligados ao «ballet», com sua próxima viagem à «cidade luz» por prêmio de viagem. Isto porque Tamara Toumanova, que recentemente estêve entre nós, telegrafou para seus amigos avisando a todos a ida de Castelo Branco.

● Mais espaço para Cristina

Há cêrca de um ano, o sr. e a sra. Guy Neves da Rocha reformaram com bastante bom gôsto a velha mansão dos Willemsens. Agora, vêem-se obrigados a ampliá-la, a pedido de Cristina (pouco mais de um ano) que deseja um «studio», ou melhor, um quarto para arrumar suas bonecas.

● «Break-down»? Pois sim!

Os médicos que determinaram as causas que motivaram o «break-down» sofrido pelo advogado Maximiano Bagdócimo estão em desacôrdo. O primeiro proibiu o advogado de funcionar por quinze dias e, o segundo, uma doutora, julga que o cansaço não passa de conversa fiada do referido advogado. Há ainda nisto tudo uma jovem senhora recentemente chegada da Europa.

● «Handicap 7»

Sábado passado jogaram no Itanhangá, tomando parte num amistoso, alguns jogadores argentinos de polo. Como se sabe, a Argentina tem os melhores praticantes dêste esporte na América do Sul. Nesta partida tomaram parte diversos brasileiros (que tiveram boa atuação, por sinal), inclusive os irmãos Klabin e Hélio Cipriani. Após o jôgo, numa conversa entre nacionais, foi comentada a ausência dos srs. Didu Campos (Europa), Miguel Faria (agora um bom golfista) e Alvaro Catão, que foi um principiante de excepcionais qualidades, prometendo muito, e que se retirou do esporte.

● A Hípica de parabéns

A Sociedade Hípica está de parabéns com a escolha que seus associados fizeram do sr. Murilo Moreira para diretor social daquele clube. O sr. Moreira tem qualidades para movimentar socialmente o elegante clube da beira da lagoa.

● Um «china» elegante

Realmente, em Copacabana, só faltava um restaurante de comida chinesa. Agora, foi aberto um na esquina de Ataulfo de Paiva. Trata-se de explorar a velha curiosidade do ocidental pela comida oriental que êle come desconfiado, mas que alimenta.

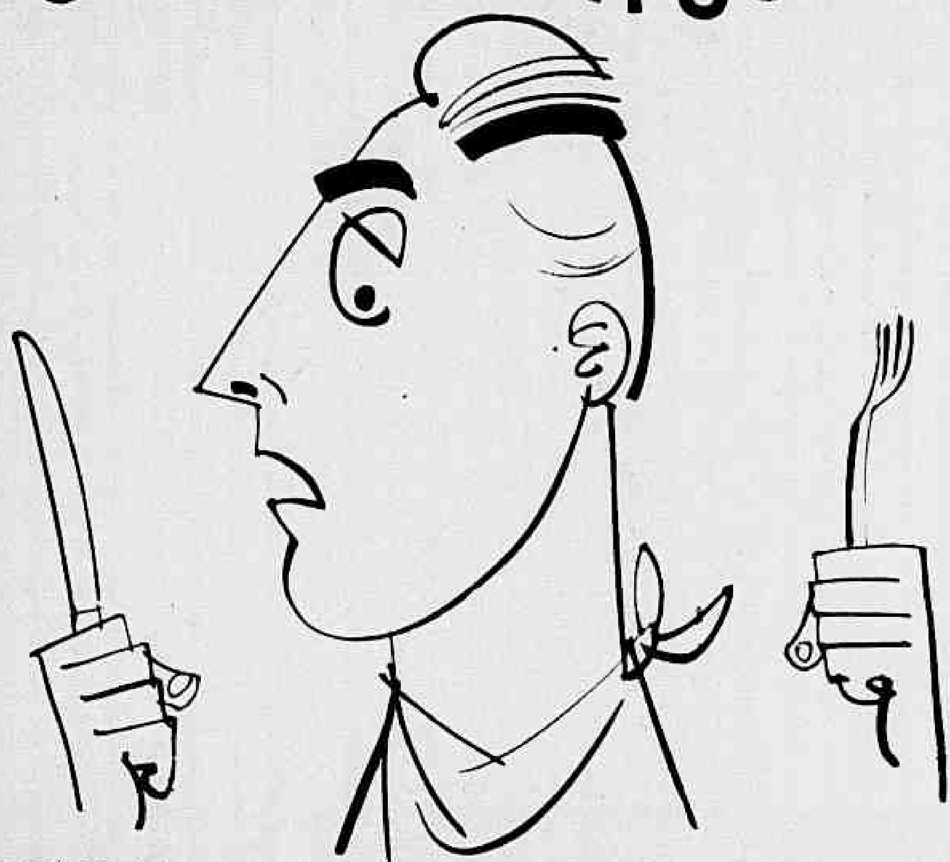
● Mais uma «Jam-Session»

Foi tão bem aceita a primeira no Beguin que lá tivemos outra. Desta vez compareceram todos os ases daquele ritmo, fazendo-se ouvir o «Sax» do sr. Jorge Guinle..

● O «Golden-room»

Diàriamente saem palpites a respeito do futuro «show» a ser lançado pelo sr. Caribé da Rocha no Copacabana Palace. Sabe-se que a base é a música, mas, até aí morreu Neves. Já se escreveu sôbre a provável seleção das futuras «girls», enfim, fala-se diàriamente no futuro que será presente. Enquanto isto, o sr. Caribé trabalha, trabalha, trabalha e, quando está muito cansado, tira o carro da garage e dá uma volta por Ipanema como se estivesse à cata de inspiração.

-COMER PARAFUSOS ?



SIM! "PARAFUSOS CORTADOS"

AYMORÉ



Agora, você pode preparar uma suculenta sopa ou uma deliciosa macarronada de parafusos – graças a esta nova delícia Aymoré, feita com ovos frescos e farinha pura. Enriquece sua alimentação, dá um novo atrativo aos seus menus e é um produto que inspira confiança, pois traz a marca tradicional em massas alimentícias – Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

LEIAM

A

CENA

MUDA

★

AS QUARTAS-FEIRAS

EM

TÔDAS AS BANCAS

★

PREÇO: Cr$ 4,00

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

UM MILHÃO DE GRAUS À SOMBRA

(Conclusão da página 31)

um litro, liberta neutrons secundários, capazes de provocar uma reação em cadeia. A formidável energia de fissão, desprendida num curto lapso de tempo, eleva a temperatura do obus a mais de um milhão de graus. Esta prodigiosa libertação de calor é que constitui a explosão atômica, nos moldes já conhecidos.

Que a carapaça do engenho pese 200 quilos ou duas toneladas, que a sua forma se assemelhe a um obus, a uma bomba ou torpedo — eis minúcias secundárias que não mudam a essência do fenômeno. As características de construção servem apenas para aumentar a eficiência do petardo no que diz respeito à sua dirigibilidade, maneabilidade e precisão de tiro.

No que concerne ao seu poderio destruidor, lembremo-nos que as ligas metálicas mais resistentes entram em fusão a 4.000 graus. O engenho atômico alcança a temperatura de um milhão de graus no momento em que apenas 5% de seu combustível participa da fissão nuclear.

TEMPERATURA ESTELAR

Uma carapaça de relativa espessura se impõe, evidentemente, mas nenhuma vantagem existe em torná-la mais resistente ou pesada. Não há também necessidade de carregar-se o projetil com um teor de combustível atômico que ultrapasse a massa crítica, ou seja, 20 quilos de urânio 235, ou de plutônio 239.

Os explosivos clássicos, como se sabe, dão um rendimento diretamente proporcional à quantidade de detonante utilizado. No caso do projetil atômico, outro é o princípio que orienta a violência da explosão. Trata-se aqui de obter uma temperatura estelar, semelhante à que se observa no seio do Sol e de outras estrêlas. Se a massa crítica permite tal resultado, não se justifica uma utilização supérflua de materiais escassos e de alto preço. Poder-se-ia objetar que uma reação em cadeia prolongada teria um efeito destrutivo superior. Entretanto, para os objetivos a que se destina o canhão atômico, basta chegar-se à temperatura estelar para que sua eficiência tática esteja plenamente assegurada.

É bem provável que o obus atômico venha a ser aperfeiçoado, de maneira a transformar-se numa bomba H. Neste caso, os milhões de graus libertados pela explosão atômica serão apenas o estopim que causará a fusão dos átomos de hélio, para a produção de hidrogênio.

DETALHES DE CONSTRUÇÃO

Na falta de informações precisas, conservadas em rigoroso sigilo pelas autoridades militares americanas, pode-se imaginar aproximadamente o que vem a ser o obus atômico. Um envoltório metálico, de forma aerodinâmica, conteria dois fragmentos de urânio 235 ou plutônio 239 (ou uma mistura dos dois), dispostos em cada extremidade do projetil. O pêso total do combustível nuclear, como já ficou dito, é de 20 quilogramas.

Com respeito à precisão de tiro, o canhão atômico supera em eficiência o bombardeio por avião, em se tratando de objetivos não muito distantes. Quanto aos objetivos remotos, os melhores veículos para o obus são os engenhos automáticos, conduzidos pelo radar ou pela televisão.

O CANHÃO ATÔMICO

São as seguintes as características da nova arma, reveladas pelo Estado Maior das fôrças armadas dos EE. UU.: seu alcance de tiro vai a 36 quilômetros, sendo absoluta a precisão do disparo. Sua bôca mede 280 milímetros, e o monstruoso tubo de tiro é rebocado por dois possantes veículos. No local escolhido para a ação, a unidade tratora coloca a arma em posição, e uma equipe de 12 homens começa a manipular as manivelas e alavancas de bombardeio. Cilindros hidráulicos fazem descer o canhão e o depositam sôbre o terreno. Um dispositivo hidráulico coloca a pólvora e o projetil na câmara de tiro, e a culatra se fecha instantâneamente.

A Marinha americana está adaptando os seus canhões de 16 polegadas, de modo a que possam disparar com projetis atômicos.

AS VANTAGENS TÁTICAS

São óbvias as vantagens táticas decorrentes do novo armamento. A ação de uma bomba atômica de grandes dimensões, exercendo-se indiscriminadamente numa área de amplas proporções, reduz as posições inimigas a um montão de escombros sem qualquer préstimo. O terreno assim capturado faz lembrar a célebre vitória de Pirro, na qual os vencedores, ao mesmo tempo, se transformam em vencidos. Com o canhão atômico, êsse inconveniente fica atenuado, uma vez que o bombardeio pode obedecer a um critério seletivo, pelo qual os efeitos devastadores da fissão nuclear passam a concentrar-se em determinados pontos chaves do campo de batalha, sem necessidade de uma destruição indiscriminada.

Além do mais, segundo observam os técnicos e estrategistas da arte militar, o fabuloso poder agressivo das bombas atômicas, que cresce a cada dia, resultará numa impossibilidade de seu emprêgo pelas partes beligerantes, como sucedeu aos gases venenosos, no passado conflito. Desta forma, os engenhos atômicos em escala restrita passam a ter uma importância decisiva, e esta é a razão pela qual tôdas as atenções dos especialistas se voltam, no momento, para o canhão atômico — provàvelmente a chave da vitória numa guerra futura.

POLÍTICA E CHAPÉU DE PALHA no CONGRESSO DE MUNICÍPIOS



SAO LOURENÇO, 15/22 de Maio.

NA cidade, cêrca de 1.500 municipalistas de todo o Brasil. Água mineral, ótimo clima, política, chapéu de palha e confusão no Congresso de Municípios. O sr. Rafael Xavier queria que a Mesa Diretora se constituísse de representantes de Estados que não foram beneficados no Congresso de São Vicente. Sistema de rodísio. A Comissão Organizadora concordou em parte mas tentou impor a 1º vice-presidência — que seria ocupada pelo sr. Osmar Cunha, um dos representantes de Santa Catarina no Conselho Deliberativo da ABM. Daí o pomo da discórdia. A bancada paulista liderou o movimento pró-Rafael Xavier e conseguiu o apoio dos mineiros e dos capixabas. A corrente Osório Nunes apresentou resistência e as divisões se chocaram desde o começo ao fim do Conclave.

Sòmente depois da 3ª reunião preparatória, sob grande agitação, decidiu-se entregar a 1ª vice-presidência da Mesa ao sr. Aniz Badra, presidente da Associação Paulista de Municípios, ficando os demais cargos assim distribuídos: 2º vice-presidente, Armando Rabelo (prefeito de Vitória); 3º vice, Alfredo Hoffmeister (R. G. do Sul); 4º vice, Barroso Filho (Paraná); 1º secretário, prefeito Lomanto Júnior (Jequié, Bahia); 2º secretário, Álvaro Rondon (Mato Grosso); 3º secretário, Cláudio de Paiva Leite (Paraíba); 4º secretário, Lourival Batista (Sergipe).

TRÉGUA NO «PARALELO 38»

Eram 16,30 horas quando os convencionais deixaram o «Paralelo 38» e rumaram para o Parque das Águas, onde a solenidade inaugural do Congresso estava marcada para as 15 horas (120 minutos de massada nas autoridades especialmente convidados). Viam-se à Mesa, S. Emª D. Jaime de Barros Câmara, governadores Juscelino Kubitschek, Arnon de Melo e Munhoz da Rocha; general Juarez Távora, representantes de ministros e de diversos Estados, parlamentares e outras autoridades. Dr. Emílio Póvoa, prefeito da cidade, saudou os convencionais e deu a palavra ao vereador (Sertânia, Pernambuco) Ubirajara Chaves, orador oficial do Congresso, que concitou «as fôrças vivas da nacionalidade para a consolidação sempre crescente da autonomia municipal». Falou a seguir o sr. Osório Nunes, que disse: «Temos de firmar uma nova atitude em face do Interior porque êste é um imperativo de sobrevivência nacional».

JUSCELINO E SEU BINÔMIO

O repórter ouviu quando Juscelino confidenciou a Munhoz da Rocha:

— Eu estou morrendo de sono...

Ingeriu um «perventin» (autoprescrição médica) e, renovado, esguio e **binomista**, assomou à tribuna. Pormenorizou os ciclos da economia mineira, mergulhou nas jazidas de Ouro Prêto, citou poetas e bandeirantes, comentou a pobreza agrícola de Minas, ressurgiu entre gado. em pé e gado abatido e voltou novamente para o seu famoso binômio. 'Aí fêz uma longa exposição do que seu govêrno realizou nesse sentido e concluiu hàbilmente:

A CONFUSÃO GIROU EM TÔRNO DA 1ª VICE-PRESIDÊNCIA ★ JUSCELINO, SEU BINÔMIO E A CANDIDATURA DE JUAREZ TÁVORA ★ O "ABRAÇO DE JUDAS" E A REFORMA DOS ESTATUTOS DA ABM ★ ALIJADO O SR. RAFAEL XAVIER ★ GETÚLIO, AS FORMIGAS E O SALÁRIO MÍNIMO ★ UM SÓSIA DE ETELVINO QUE NÃO TOPA O "ESQUEMA" ★ O "EMPRACAMENTO" E AS RESPOSTAS DE UM CONGRESSISTA SURDO.

Reportagem de ROGACIANO LEITE, enviado especial da REVISTA

retratos do governador mineiro com a famosa legenda — Energia e Transporte.

JUAREZ: MILHÕES DE CHAPÉUS DE PALHA ESPERAM A REDENÇÃO



O vereador José Carlos Florêncio e o prefeito Abel Menezes (de Caruaru) abraçaram o gal. Juarez com o seu chapéu de palha (que sabe a fôrça que tem).

«... Os Postulados de Minas não visam apenas à comunidade que vive dentro de suas fronteiras, mas se voltam também para horizontes mais longínquos, sonhando contribuir para a grandeza e prosperidade de todo o Brasil.»

As palmas irromperam e alguém cochichou: «Plataforma política, no duro. Kubitscheck não tem nada de bôbo. A chapa Ju-Ju vem aí...»

CONFERÊNCIA DE JUAREZ

Em sua conferência pronunciada na Sala do Plenário, disse o general Juarez Távora: «Se a União e os Estados, em mais de meio século de experiência federativa, absorvendo, em conjunto, cêrca de 90% das rendas públicas arrecadadas, não conseguiram melhorar — ao contrário, agravaram — a situação de pobreza, desconfôrto e insatisfação de nossas populações do Interior, que constituem, afinal, a grande maioria do povo brasileiro — parece-nos ser tempo, já, de se tentar alcançar tal objetivo, através da ação direta do poder local, mesmo atrasado e displicente como o têm condenado a ser, até agora, os outros dois poderes da República». E acrescentou: «Dê-se ao Município o quinhão maior de responsabilidade na execução de tôdas as atividades que dizem respeito à segurança imediata e ao bem-estar econômico-social do povo».

Abordou diversos assuntos da maior importância e concluiu: «... espero não me seja negado a esta altura da vida o direito de dizer alto a verdade».

JUAREZ PARA O CATETE

Um Comitê do Paraná aproveitou a ocasião para espalhar numerosos boletins lançando a candidatura do general Juarez à sucessão presidencial. A princípio atribuiu-se o fato aos convencionais daquele Estado, razão por que êstes, em manifesto ao Plenário, fizeram a devida ressalva. Mas isso não veio ao caso, porquanto a cidade estava cheia de garbosos retratos do governador mineiro com a famosa legenda — Energia e Transporte.

REFORMA DOS ESTATUTOS DA ABM

Haja confusão no penúltimo dia. Prevendo que a eleição do novo Conselho Deliberativo da ABM viria beneficiar apenas o grupo do sr. Osório Nunes, um convencional (dizem que industriado pelo sr. Rafael Xavier) apresentou um requerimento para reformar o artigo 12 dos Estatutos, fazendo com que o dito Conselho fôsse eleito diretamente pelos membros do Congresso e não indiretamente, como prevê o mencionado artigo. Pôsto em votação o parecer da Comissão Especial que rejeitou a reforma, o citado requerimento foi derrotado em Plenário — aliás quase vazio, uma vez que para tal fim não houve convocação prévia dos convencionais. Apesar disso se processou em seguida a eleição do C. Deliberativo, cujos membros se dirigiram para o Hotel Brasil, a fim de eleger o novo C. Diretor. Daí a grande agitação, visto que inúmeros convencionais discordaram flagrantemente dêsse método que consideraram ilegal e arbitrário.

TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO

Na reunião do Hotel Brasil foi proposta uma chapa na qual figuravam como presidente efetivo o sr. Osmar Cunha e como presidente de honra o sr. Rafael Xavier. Os dois representantes de São Paulo apresentaram uma chapa contrária: o sr. Rafael Xavier como presidente efetivo e o general Juarez Távora como presidente de honra. Tendo o sr. Osório Nunes pôsto as chapas em votação sem que as mesmas fôssem discutidas, os paulistas se retiraram em sinal de protesto, seguidos de um dos representantes de Pernambuco. Então o sr. Cláudio de Paiva Leite apresentou uma chapa conciliatória para conservar os srs. Rafael Xavier e Osório Nunes nos mesmos cargos que vinham ocupando na ABM. Nada feito. Venceu a chapa Osmar Cunha.

«ABRAÇO DE JUDAS»

Logo mais à noite, diante dos protestos contra a fórmula adotada para as eleições, o Plenário voltou a reunir-se sob tremenda agitação. O sr. Rafael Xavier trouxe a público «aquêle abraço de Judas do sr. Osório Nunes» — e aí as coisas pegaram fogo. Nem mesmo o Hino Nacional conseguiu acalmar os ânimos. Por fim o sr. Aniz Badra propôs uma reconciliação, entregando-se o caso aos líderes das bancadas e a alguns deputados, os quais logo se reuniram em Sessão Secreta (Rádio São Lourenço) em busca de uma fórmula para sanar a crise. Essa reunião foi a mais agitada de quantas houve, tendo o sr. Rafael Xavier declarado que já se tratava de uma questão pessoal entre êle e o sr. Osório Nunes. Palavras ásperas e gestos patéticos, cada qual se arvorando em Cristo para expulsar os vendilhões do Templo. Finalmente, consultado



Enquanto Vargas discursava encerrando o Congresso, Juscelino cochilava (prestem atenção) sonhando com o nível do Salário Mínimo em seu Estado.



Último de Carvalho: «V. excia. é de uma vaidade fora do limite...» Rafael Xavier: «Por amor de Deus! Isso é a maior injustiça do mundo...»

por um dos mediadores, o sr. Osório Nunes resolveu aceitar a fórmula conciliatória apresentada pel. sr. Cláudio de Paiva Leite. Eram 6 horas da manhã.

ALIJADO RAFAEL XAVIER

De nada serviu a palavra empenhada entre os dois litigantes. Após o encerramento do Congresso, o Conselho Deliberativo reuniu-se e alijou da ABM o velho e autorizado pioneiro do municipalismo no Brasil, ficando o sr. Osmar Cunha na presidência do C. Diretor e continuando o sr. Osório Nunes na presidência do C. Deliberativo. Essa atitude feriu a maioria dos convencionais e, ao que parece, entrará em crise o municipalismo brasileiro — dado o grande prestígio popular do sr. Rafael Xavier, que não se conforma com o ocorrido. A Associação Paulista de Municípios desligar-se-á completamente da ABM, deixando-a entregue à sua própria sorte.

GETÚLIO E AS FORMIGAS

Aqui estão alguns dos inúmeros episódios pitorescos do Congresso. Ao visitar a árvore que plantara no Parque das Águas, o presidente Vargas teve as suas pernas picadas por formigas malvadas e indiscretas que o obrigaram a dançar um «miudinho» até que a sua guarda pessoal o livrasse daquele suplício.

— Não foi nada — sorriu o presidente.

E um espirituoso aproveitou:

— Em Minas, até as formigas estão contra o Salário Mínimo...

UM SÓSIA DE ETELVINO

Entrava no Plenário um cidadão que era a cara do sr. Etelvino Lins. Um pernambucano encabulou:

— Será possível? o governador Etelvino sem aparatos e sem o general Cordeiro?...

E aproximou-se:

— Doutor Etelvino!...

— Eu não sou o doutor Etelvino nem topo o seu «esquema». Sou Pedro Ribeiro Filho, vereador em Ilhéus.

«EMPRACAMENTO»

O fato já foi contado por um colega do «Diário Carioca» mas vale a pena repeti-lo. Chapelão caído, botinas frouxas, um «coronel» do Interior entrou na secretaria do Congresso e perguntou onde ficava o «empracamento». Ninguém soube informar. Mas o homem insistiu:

— Faz dois dia que eu tou aqui e ainda não fui empracado. Não tá certo. Eu quero a minha praca e é já...

Tratava-se do distintivo que os congressistas usavam na lapela.

UM CONGRESSISTA SURDO

Sentou-se ao lado do repórter um congressista com um anel de médico no dedo.

— O sr. é daqui mesmo?

— Não; sou obstetra...

O repórter, intrigado:

— O sr. é prefeito ou vereador?

— Tenho um casalzinho. O segundo está com 20 dias de nascido...

O repórter, ainda mais confuso:

— Que acha dêsse Congresso?

— Não; eu quase não clinico...

(Pausa para uma outra pergunta em voz mais forte):

— Que acha da candidatura Juarez?

— Aqui nós temos diversas: alcalina, sulfurosa, magnesiana...

«Não é possível», pensamos e arriscamos outra pergunta:

— Que acha do «Esquema Etelvino»?

— Vascaíno coisa nenhuma! Eu sou Flamengo até a medula...

Depois soubemos que êle era surdo.

★

Apesar de tôda a confusão, o Congresso teve os seus pontos importantes e proveitosos, pois nem todos se preocuparam com política e futricas internas. Pelo contrário, essa nota destoante causou surprêsa à maioria dos convencionais. Todavia, foram discutidas e aprovadas diversas teses de interêsse vital, entre estas a «Operação Município», que visa o encaminhamento de verbas para o Interior, principalmente para assistir o setor rural e quantos com êste se relacionam. Foi igualmente aprovada a Carta dos Municípios, que circulará por êstes dias. Deixamos aqui um voto de louvor aos rapazes e às moças que trabalharam na Secretaria e nos demais Órgãos Informativos do Congresso. Essa parte não sofreu a menor restrição que se quisesse (injustamente) fazer. Verdadeiros técnicos inteiramente capacitados. O próximo Congresso será em Salvador, Bahia.

ÊSTES HOMENS (SEM O QUERER) TUMULTUARAM O CONGRESSO



Sr. Osmar Cunha, a quem seria entregue a vice-presidência.



Sr. Aniz Badra, a quem foi entregue a vice-presidência.



Finalmente o sr. Osório Nunes aceita a conciliação com o sr. Rafael Xavier. Mas de nada serviu a palavra empenhada: alijou-o, logo após.



«Na hora da onça beber água», o governador mineiro molhou a garganta para continuar o seu discurso de saudação aos congressistas.

A REPORTAGEM DE MOREL ABALOU O BRASIL INTEIRO

GADO HUMANO

ARMA DOS REPÓRTERES: SANGUE FRIO



EDMAR MOREL e JADER NEVES realizaram a mais espetacular reportagem dos últimos meses. Perguntamos aos dois: «Como é que vocês conseguiram isso?». Êles responderam: «Armados de sangue frio».



CONSEQÜÊNCIAS DA REPORTAGEM DE MOREL - JADER :

- Promessa de reforma da Polícia.
- Transferência dos presos doentes para os hospitais.
- Conclusão imediata da construção de dois pavilhões no Presídio do D. F. e na Penitenciária de Bangu, e para os quais deverá ser enviado o excesso de presos recolhidos aos distritos.
- Reforma dos cubículos.
- Soltura para vários presos sem processo e sem flagrante.

O conhecido repórter explica à REVISTA DA SEMANA como conseguiu surpreender, nas infectas celas dos presídios cariocas, o mais revoltante espetáculo já revelado pela imprensa ★ «O 13º Distrito é o único que tem beliches para os presos» ★ «Eu sabia que era a minha maior reportagem; mas sem o Jader Neves, nada seria possível.

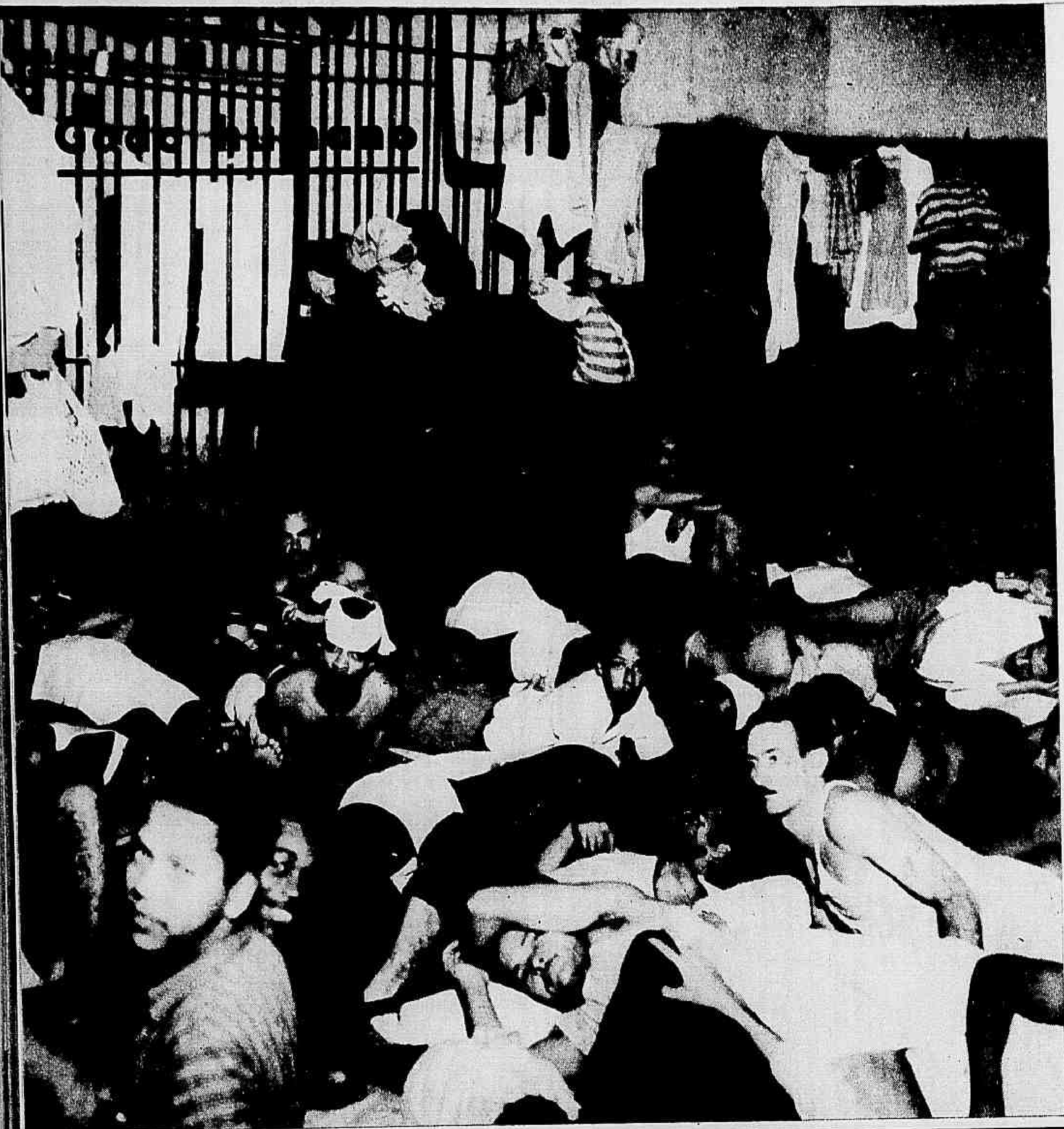
Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO



Em cubículos onde cabem, no máximo, quatro pessoas, se espremem dez ou vinte, gente fora da lei que a promiscuidade transforma em verdadeiros animais.

nas prisões do Rio





Cada distrito policial do Rio dispõe do seu porão de navio-negreiro

HÁ muita coisa, naquela minúscula «pulga» italiana, que lembra o seu proprietário, o repórter Edmar Morel. Não só o tamanho portátil da viatura, que é quase o tamanho portátil do próprio Morel — mas também, e precisamente, o nervosismo e a inquietação que o jornalista feito «chauffeur» imprime ao seu carrinho, nas idas e vindas do seu artezanato jornalístico, na perseguição cotidiana aos fatos do dia.

No leme da «pulga» é que Edmar Morel e o seu colega de redação, o ótimo fotógrafo Jader Neves, conseguiram realizar — indo e voltando, indo novamente e voltando novamente — a mais sensacional reportagem dos últimos tempos. Se o leitor já passou os olhos pelas fotos desta e das páginas seguintes, sabe do que se trata. Sim, foi Edmar Morel e Jader Neves os autores das incríveis revelações que, brutal como a explosão de um petardo atômico, trouxeram ao público brasileiro a bárbara realidade da vida íntima de alguns presídios cariocas.

UMA REPORTAGEM NASCE DA REVOLTA

Mas como Morel e Neves haviam conseguido realizar sua reportagem? Que obstáculos encontraram para a sua realização? Isso é o que pretendíamos saber, e, sabendo, transmitir aos nossos leitores. Um telefonema para Morel resolveu tudo, e já no dia seguinte tínhamo-lo à nossa frente, numa das arejadas salas do dr. Moses, lá no 7° andar da ABI.

— Não foi uma reportagem premeditada, mas ditada pela emoção.

Como todos os seus colegas, Morel se revoltara, até o arrebatamento, com o brutal assassinato, no 2° Distrito Policial do Rio, do repórter Nestor Moreira. Logo no dia seguinte ao estúpido espancamento do colega de «A Noite», Morel se dirigia ao 2° Distrito e procurava recolher os depoimentos dos presos que haviam ouvido, na noite anterior, os gemidos, gritos e súplicas de Nestor, quando os três beleguins o espancavam.

— Olhando para o interior das celas, fiquei horrorizado com o ambiente. Aquilo não eram presos, mas verdadeiros animais em forma de homem. Podridão, sujeira, um mau cheiro que dava ânsias de vomitar. Voltei para a redação com aquelas visões no cérebro. Falei ao diretor do jornal, contei o que vira e sugeri que se poderia tentar uma reportagem fotográfica que revelasse ao país inteiro as bárbaras condições em que vivem os presos recolhidos aos distritos da Capital Federal. A sugestão foi aceita.

26 HORAS SEM DESCANSO

Ogora Morel está montado na sua «pulga», onde tentou acomodar de todo jeito o corpo comprido e anguloso do repórter Jader Neves. Um encontro inesperado com o ministro Tancredo Neves, no elevador da ABI, foi o começo de tôda a história. Morel informa ao ministro da sua determinação de realizar a reportagem. O ministro concorda — e teria mesmo de concordar, pois, naqueles dias, era enorme a pressão da imprensa sôbre as autoridades que, direta ou indiretamente, haviam contribuído para a morte de Nestor Moreira.

E agora passemos definitivamente à palavra a Edmar Morel, para que êle nos conte o resto da história:

— Ficou combinado, então, que eu faria uma entrevista com o Chefe de Polícia, a meu pedido, já que êle era atacado por todos os lados. Às 18 horas, estive com o Chefe de Polícia, com quem conversei longamente. Êle negou-se a dar qualquer entrevista. Estava no final da conversa, quando chegou às suas mãos um exemplar de «Última Hora», com uma reportagem minha pedindo a sua demissão. Combinamos, então, que eu voltaria às 10 horas com a entrevista já redigida. Na hipótese de ser aprovada, ela seria publicada, como de fato foi. Não agradando, iria para a cêsta. Conversamos até às 11½ da noite. Mas aí o meu pensamento já não estava na sala. Havia o problema do fotógrafo. O Jader estava fazendo um trabalho no «Hotel Glória» e já trabalhava há 22 horas seguidas. Às 11,45 encontrei-me com o fotógrafo na porta e fui direto à Delegacia de Vigilância. Aí o espetáculo foi dantesco. Fui a Delegacia de Roubos e Furtos e em seguida, para o Depósito de Presos. Estava com sorte, pois não encontrei nenhum comissário pela proa. Fui à Delegacia de Diversões onde o funcionário relutou um pouco. Perdi o interêsse em mandar fotografar, porém, antes mostrei a carta. O encarregado pediu pelo amor de Deus para fotografar, pois não queria um «bode». Rumei para o 13° Distrito, o único que tem beliches de concreto para os presos. Aí falei com o delegado, a única autoridade superior com quem conversei na minha ronda pelos distritos. De volta, dei uma parada no 10° Distrito, na Praça Tiradentes. Rumei para o 6° Distrito, na Avenida Mem de Sá, onde encontrei as mulheres degradadas. Aí o jantar, já estava com 26 horas de serviço ininterruptos.

Às 4½ da madrugada fomos dar um balanço do serviço na Taberna da Glória, onde ceamos. Tínhamos feito 70 chapas, nem uma posada. Tomei um ligeiro banho e, nervoso, já tinha roído quatro unhas. Voltei à redação para acompanhar a revelação dos filmes, tamanho era o meu interêsse pelo assunto. Já então estavam dentro do laboratório fotográfico: o Samuel, o Malta, o Paulo Silveira, o Nassara e outros que contribuíram para o sucesso da reportagem e dêle participaram.

«Recusamos a venda das fotografias para as revistas estrangeiras. Inutilizamos quatro chapas que fixavam cenas ultra degradantes.

Fui ficando empolgado pelas reportagens, ficando várias noites e dias sem dormir. Acabei nas mãos do psiquiatra Neves Manta e dos drs. Jorge Neval Moll e Álvaro Vieira. E, em seguida, no Hospital de Pronto Socorro, vítima de uma bruta intoxicação.

Acho que foi a minha melhor reportagem, porque, a população estava preparada psicològicamente para recebê-la. E não espero fazer coisa igual tão cedo.



— «Eu não podia adivinhar que o jornalista ia morrer...», foi a declaração do guarda Paulo Ribeiro Peixoto ao jornalista Edmar Morel. Atitude que o assassino vem mantendo: justificativa (sem precedência) para o seu gesto e silêncio absoluto em tôrno da possível participação (direta ou indireta) dos seus superiores no cruel atentado.

Descobre-se que o Brasil pode ter um telégrafo melhor - O "Old Vic" de Londres vai a Moscou - Serão aumentados os preços do açúcar e do sal - Zatopek bateu Zatopek em Bruxelas - Em Goiás quem procura água acha petróleo


MCCARTHY
Injeção em todo mundo


MARGARETH
Luzes da ribalta


LUTERO
40 graus no dia 11


PANCETTI
Pintou todos os saveiros


OPPENHEIMER
«Leal» e «perigoso»


NELSON RODRIGUES
Burro! Gênio!


ZATOPEK
Só êle vence êle

- Paradoxal decisão do govêrno americano a respeito de Openheimer: «êle é cidadão leal, mas perigoso à segurança do Estado».
- O Papa recolhido há três dias aos seus aposentos privados.
- Cleofas já está em Pernambuco, tratando de sua candidatura; e foi lançada, em Muriaé, a candidatura de Kubitschek à Presidência da República.
- Mc Carthy propõe que todo cidadão americano seja submetido ao «soro da verdade».
- Vão ser instaladas barracas do SAPS nos sindicatos dos trabalhadores.
- Esquentou a batalha do «Impeachment» (contra Getúlio) na Câmara.
- Álvaro Moreyra não irá mais servir junto ao Escritório Comercial do Brasil em Nova York. Explica êle por quê: «Sou tido e havido por homem inteligente. Os americanos, às vêzes, costumam sofrer de incurável alergia pela inteligência... Esta é pelo menos uma explicação...»
- Balbino e Simões Filho disputam as preferências do PSD baiano.
- A princesa Margareth estreou no teatro como «metteur-en-scène» de uma peça («A Rã») de Edgard Wallace.
- Convidada Elizabeth II a visitar oficialmente os Estados Unidos.
- Impasse em Genebra.
- Eden: «Mais sólido do que nunca o atual gabinete britânico».
- Carlos Lacerda e Lutero Vargas vão-se defrontar no dia 11 próximo perante o juiz da 14ª Vara Criminal.
- Ameaçadas de suspender as suas atividades (por causa do salário mínimo) várias indústrias mineiras.
- Será aumentado o preço do açúcar. E o do sal, também.
- Franz Papen (ex-chanceler de Hitler) começou a colaborar no «ABC» de Madrid, órgão oficial da Falange franquista.
- Sepultados em Veneza os despojos do Santo Pio X.
- Churchill participará, «sem compromissos», das conversações militares que terão lugar em Washington.
- O pintor Pancetti está novamente no Rio, depois de quatro anos na Bahia.
- Cavaram um poço no interior de Goiás, à procura de água, e encontraram petróleo.
- Zsa Zsa Gabor e Rubirosa vão participar juntos de um filme. Título: «Amar é difícil».
- Chuva negra sôbre Tóquio com elevada radioatividade.
- «Não me falem no senador Mc Carthy», pediu Eisenhower aos jornalistas.
- Vai ser arborizada a av. Presidente Vargas.
- Zatopek estabeleceu (em Bruxelas) novo «record» para os 10 mil metros. Tempo: 28 minutos, 5 segundos e 2/10.
- O banqueiro Lowndes novamente no banco dos réus.
- «Com a morte de Agamenon Magalhães o PSD pernambucano ficou marcado pelo signo da desgraça», afirma o deputado Jarbas Maranhão.
- Prós e contras Nelson Rodrigues a propósito de «Senhora dos Afogados». E no Teatro do Estudante, Raquel de Queiroz assina «Lampião».
- Descobre-se que o Brasil pode ter um telégrafo melhor.
- O Teatro Old Vic, encabeçado por Laurence Olivier e Vivien Leigh, vai a Moscou.
- 12.000 sentenciados em liberdade no Rio, por falta de vagas nas prisões.
- Movimento dos motoristas para adquirir segurança durante a noite.
- Silveira Sampaio e Teófilo de Vasconcelos em 26 poses no Teatro de Bôlso.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

FLASH PAULISTA

HÉLIO ABREU



● Garcez e Dutra estiveram reunidos em Capivari, inaugurando uma usina, têrmo-elétrica. (Realização de Garcez). Por cortesia do governador paulista, foi convidado o marechal a proceder a dita inauguração. Aliás, digna de nota foi a acolhida dispensada a Lucas Nogueira Garcez em Capivari. A cidade tôda embandeirada e repleta de faixas, veio à rua a fim de saudar o governador. E por falar em faixas, entre as muitas anotamos uma que trazia os seguintes dizeres: **«Se o futuro Presidente da República tiver que ser um paulista, que seja digno e limpo como Lucas Garcez».**

● O sr. Eugênio Gudin ainda não visitou a fazenda Aguapeí, de Geremia Lunardelli, conforme convite que lhe dirigiu uma revista carioca. Fala-se que a atitude do conhecido economista se deve ao receio de um possível debate sôbre as vantagens (e desvantagens) da motorização da lavoura, com o dr. Santo Lunardelli, filho do Comendador.

● Numa roda de homens de negócios de São Paulo, discutiu-se para saber qual, entre êles, era o mais atarefado. O sr. Waibo Chammas ganhou por unanimidade. . .

● Cunha Bueno, o simpático futuro vice-governador de São Paulo é mesmo uma pedra no sapato de Ademar (o do trevo). Consta que os amigos de sua candidatura já estão providenciando um churrasco para comemorar a vitória de outubro.

● Jantar no Giovanni. No restaurante Giovanni (o melhor bife com fritas de S. Paulo) fomos encontrar o deputado Emílio Carlos. O líder petenista fazia-se acompanhar por um amigo que pensamos ser, também, sírio. Respondendo a uma indagação nossa sôbre a nacionalidade do mesmo, disse: **«Se êle é sírio, não sei. O que sei é que é sério»...**

● Notícias de Londres informam que dentro em breve estarão no Brasil os «Comets» (a jacto) da Panair. Por falar em Comet, é bom lembrar que êstes excelentes aviões estão passando a tôdas as provas a que foram submetidos, com pleno sucesso. Bela vitória da Panair e de Paulo Sampaio.



ÚLTIMO FLASH

SANTO PIO X
ou a canonização da humildade

● Nunca poderia o humilde padre Giuseppe Sarto, filho de uma paupérrima e apagada família de Veneza, sonhar com as culminâncias que haveria de galgar entre os homens, e, mais tarde, entre os eleitos do Senhor, no Reino dos Céus. Sua vida inteira foi construída com uma matéria-prima — a humildade — que a glória não esmaeceu nem o poder estriou. Padre desconhecido, sua assistência aos paroquianos do lugarejo onde oficiava era um apostolado cotidiano, diligente e dedicado; Papa, tal o horror que lhe causou a eclosão da primeira Grande Guerra, que o seu coração, que só sabia amar e perdoar, não resistiu à brutalidade daquele extremo recurso dos homens, deixando de bater duas semanas apenas após o início das hostilidades.

Na semana passada, um corpo embalsamado desfilou, pela última vez, por entre a unção respeitosa de mais de um milhão de fiéis, «a maior multidão já reunida em Roma»: era o Santo Pio X a caminho do céu.

TÔDA VEZ QUE SEU CARRO IA PARA A OFICINA E FICAVA PRONTO ÊLE TAMBÉM FICAVA



AS MULHERES

Algumas chegam cedo
e ficam andando de
um lado para outro

Outras chegam
cinco minutos atrazadas

Outras sãOpontuais

Poucas chegam e ———————— vão logo embora.

As as tímidas sempre passam de longe.

Há as que chegam e ficam logo cercadas de admiradores

Mas há também as que chegam e saem acompanhadas.



O cliente para o advogado: — «O sr. quer que eu negue tudo ou fica melhor para o senhor a legítima defesa?»

NÃO COMPREENDO...

... porque certas músicas já nascem com vocação para prefixo de programas de rádio.

CUCO

Uma seção meio pancada

Leon Eliachoque

Assinatura do autor, com caneta elétrica.

Ilustrado por PIQUÍ

Casaram:

Êle vinha no carro e ela pediu carona. O carro enguiçou.

●

Êle foi a uma festa e teve de dançar com a filha da dona da casa.

●

Ela foi a uma luta de box e quis cumprimentar o vencedor no seu camarim.

●

Êle contratou a secretária e ela não sabia escrever à máquina.

●

Ela era domadora de leões e êle entrou na jaula.

●

Há oito anos que noivavam naquela mesma sala. Mas um dia a Light cortou a luz.

Tic-Tac

(Piadas à minuta)

Resolveu se regenerar e passou a ser definitivamente um leiteiro honesto. Só colocava água filtrada no leite.

TIC

Era uma revista tão mal impressa que o paginador resolveu paginar os borrões para não prejudicar a matéria.

TAC

Era uma mulher grã-fina que podia se dar ao luxo de só usar a cabeça de 15 em 15 dias. Ia ao cabelereiro.



— MAS NÃO DIGA NADA A NINGUÉM, OUVIU ?









Há mais de 50 anos a Goiabada marca PEIXE tem a preferência nos mercados, porque é fabricada com as melhores goiabas, rigorosamente selecionadas para manter o seu verdadeiro sabor conservando todos os valores vitaminosos.

PEIXE

Produto das **INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITO S.A.** ★ RECIFE — RIO — SÃO PAULO — MINAS